



AUGUSTUS NICODEMUS

A CONQUISTA DA
TERRA
PROMETIDA

A MENSAGEM DE JOSUÉ
PARA A IGREJA DE HOJE

A CONQUISTA DA
TERRA
PROMETIDA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nicodemus, Augustus

A conquista da terra prometida: a mensagem de Josué para a igreja de hoje / Augustus Nicodemus. – São Paulo: Vida Nova, 2017.

288 páginas.

ISBN 978-85-275-0797-4

1. Vida Cristã 2. Bíblia. A. T. Josué I. Título

17-1445

CDD-
248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã

AUGUSTUS NICODEMUS

A CONQUISTA DA
TERRA
PROMETIDA

A MENSAGEM DE JOSUÉ
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

©2017, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020 vidanova.com.br |
vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Cristina Ignacio

Aldo Menezes

Fernando Mauro S. Pires

REVISÃO DE PROVAS

Josemar de Souza Pinto

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Wesley Mendonça

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

CAPÍTULO 1

O soberano Deus do universo

CAPÍTULO 2

Como atravessar o Jordão

CAPÍTULO 3

Graça para o maior pecador

CAPÍTULO 4

Sigamos nosso Deus

CAPÍTULO 5

As doze pedras

CAPÍTULO 6

Antes de sair para a guerra

CAPÍTULO 7

Vem com Josué lutar em Jericó

CAPÍTULO 8

Pecados ocultos e como lidar com eles

CAPÍTULO 9

O que vem depois do arrependimento?

CAPÍTULO 10

Renovação da aliança com Deus

CAPÍTULO 11

Consulte primeiro a Deus

CAPÍTULO 12

Se Deus existe, tudo é possível!

CAPÍTULO 13

Todo pecado será castigado

CAPÍTULO 14

Deus endurece a quem deseja castigar

CAPÍTULO 15

Dá-me este monte

CAPÍTULO 16

O preço da desobediência

Considerações finais

PREFÁCIO

Este livro é o resultado de uma série de mensagens que preguei no livro de Josué. Ela foi pregada inicialmente na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, quando era pastor ali. O alvo era ajudar os crentes a enfrentar as dificuldades e os desafios da vida com base nos princípios encontrados nesse livro para o relacionamento com Deus.

A série foi muito abençoadora para os que a ouviram. Encorajado, eu a repeti quando, anos mais tarde, me tornei pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, onde estou servindo até o momento. Novamente, os mesmos efeitos se verificaram na vida da igreja. Muitos irmãos foram encorajados e animados a prosseguir na vida cristã em meio às dificuldades e aos desafios que este mundo nos apresenta.

E foi no desejo de ver um público mais amplo ser igualmente abençoado que, em parceria com Edições Vida Nova, partimos para a publicação das exposições desse livro bíblico, ao lado das exposições de Malaquias, Colossenses e Gálatas, já produzidas pela Editora.

O trabalho de transcrição e edição das mensagens foi feito com muito cuidado pelos editores de Vida Nova, com a competência já conhecida dos leitores. Agradeço especialmente ao Fabiano Silveira Medeiros e ao Sérgio Siqueira Moura, que se esforçaram muito para que a obra ficasse pronta o mais rápido possível, sem prejuízo de sua qualidade. Os revisores que se debruçaram sobre o texto tiveram muito trabalho comigo, mas, ao final, creio que podemos oferecer aos leitores uma obra fácil de ler, bíblica e inspiradora.

Queira Deus usar este livro em sua vida, caro leitor.

Rev. dr. Augustus Nicodemus Lopes
Goiânia, outubro de 2017

INTRODUÇÃO

O maior desafio que nós, cristãos, enfrentamos neste mundo é viver como autênticos seguidores de Cristo. As dificuldades são muitas para vivermos de acordo com aquilo que a Bíblia ordena. Primeiramente, temos ao redor um mundo hostil, mergulhado na incredulidade, no materialismo, em valores e padrões morais contrários aos nossos. Enfim, um mundo cuja visão de realidade é frontalmente oposta à nossa.

Além disso, a Bíblia diz que “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes” (Ef 6.12, ARA). Estamos cercados de anjos caídos, demônios que nos atacam, nos tentam e procuram nos desviar da vontade de Deus. Como não bastasse, temos também nossas fraquezas pelo fato de sermos pecadores: o medo, o desânimo, a desesperança, a aflição, a paralisia são apenas alguns exemplos.

Tudo isso nos acomete de maneira tal que, como já dissemos, nosso maior desafio é conseguir viver neste mundo como cristãos em todas as áreas em que atuamos. Se desejamos ser bem-sucedidos nisso, precisamos continuamente da graça e do favor de Deus. Ele já nos regenerou, nos perdoou, nos deu o Espírito Santo e nos aceitou, mas precisamos viver de acordo com essas verdades. Para compreendermos o que isso de fato significa, convém responder a algumas perguntas: O que é ser cristão? Que princípios guiam nossa vida? Como nos orientar em um mundo indiferente para conosco, que não liga para o fato de termos ou não fé? A Bíblia nos foi dada, entre outras coisas, para ser o manual dessa jornada e para justamente nos ensinar esses princípios.

O livro de Josué não é exceção. Ele faz parte da revelação de Deus e está na Bíblia porque nos ensina e nos ajuda nessa caminhada. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil, incluindo o livro de Josué, ou melhor, principalmente o livro de Josué. Esse livro conta como Deus cumpriu as promessas que havia feito a Abraão, segundo as quais daria uma terra e descanso à sua descendência. (Você pode ler sobre essas promessas em Gênesis 12, 15 e 17.) A narrativa de Josué mostra que Deus conduziu os

exércitos de Israel a entrar na terra de Canaã (a terra prometida por Deus) e que os israelitas, sob a direção de Josué, conquistaram aquela terra, tomando-a de sete povos mais poderosos que eles e militarmente superiores a eles. Esse é o alvo do livro.

Os estudiosos, tanto judaicos (*Talmude*) quanto cristãos conservadores, têm tradicionalmente considerado que Josué foi o autor do livro que traz seu nome no cânon do Antigo Testamento. É óbvio que ele não poderia ter escrito a narrativa de sua morte e sepultamento (24.29-33), mas outras partes do livro dão apoio a essa tradição judeu-cristã.

As descrições vívidas e detalhadas das batalhas sugerem recordações de alguém que participou desses acontecimentos, acompanhadas de expressões como “até que passamos” (5.1, ARA), talvez registradas pelo próprio Josué. Ele pode ter escrito a maior parte da obra, a qual só alcançou a forma final e canônica vários anos após sua morte. Um editor (Eleazar, filho de Arão, segundo o *Talmude*) pode ter acrescentado outras narrativas, tais como a morte e o sepultamento de Josué. Os estudiosos conservadores em geral aceitam que Josué morreu por volta de 1375 a.C. Portanto, de acordo com a teoria mencionada, o livro pode ter sido concluído não muito depois dessa data.

O livro de Josué cobre um dos períodos mais importantes da história de Israel: a conquista e a ocupação final da terra que Deus havia prometido, muitos séculos antes, a Abraão e a seus descendentes. Josué apresenta a conquista da terra como o resultado do esforço militar unificado das doze tribos, fato que teria ocorrido em meados do século 14 a.C.

Josué sempre foi um livro muito apreciado pelos cristãos, sendo muito citado no Novo Testamento. Estêvão, no sermão que proferiu antes de ser apedrejado como primeiro mártir, menciona a conquista da terra por meio de Josué como mais um ato salvador de Deus (At 7.44). A Carta aos Hebreus, em especial, refere-se a Josué como um tipo de Cristo, além de tratar da conquista da terra como uma figura da vida eterna que Deus promete, considerando o descanso de Israel quando este entrou na terra também uma figura do descanso que Deus promete na eternidade.

A conquista de Jericó pela fé, com a derrubada das muralhas, é usada como exemplo de fé em Hebreus 11.30. Raabe, sobre quem falaremos neste livro, é citada duas vezes: como exemplo de fé (Hb 11.31) e de obras (Tg 2.25). As promessas que Deus fez a Josué, especialmente em Josué 1.5,6 — “não te deixarei, nem te desampararei” —, são repetidas e aplicadas aos

cristãos em Hebreus 13.5,6. Ou seja, Josué era um livro conhecido e usado entre os primeiros cristãos, que procuravam aplicar à sua vida os princípios nele encontrados.

Ao aplicar o Antigo Testamento para nós hoje, estou partindo do princípio de que a igreja é a continuação de Israel. Ela é o Israel de Deus, o povo espiritual de Deus. Somos a verdadeira circuncisão, os descendentes de Abraão, e a aliança de Deus com Israel continua com seu povo, o qual anda nas mesmas pisadas de fé e confiança de Abraão. O verdadeiro judeu é aquele que é circuncidado no coração (Rm 2.28,29); a verdadeira circuncisão é a circuncisão de Cristo, o novo nascimento (Cl 2.11-13). O Novo Testamento todo fala a respeito dessas coisas, e é somente com base nelas que podemos aplicar a nós aquilo que Deus fez a Israel no Antigo Testamento. Deus sempre teve apenas um povo, e essa é a base sobre a qual farei a minha exposição.

Meu objetivo ao escrever estes capítulos sobre a vida cristã baseados em Josué é exatamente analisar o que podemos aprender desse livro a fim de viver como cristãos em um mundo tenebroso como este.

O SOBERANO DEUS DO UNIVERSO

Josué 1.1-9

Desde quando foram criados, o homem e a mulher desejam ser autônomos, independentes de Deus. Essa foi, na verdade, a essência do primeiro pecado: querer ser igual a Deus. E a mesma essência permanece nos filhos de Adão e Eva até hoje. Da queda do primeiro casal até a atualidade, a história mostra como o homem tem sido marcado por esse desejo de se livrar de Deus e tomar o seu lugar.

Para ilustrar esse fato, poderíamos citar movimentos históricos; cientistas como Darwin; filósofos como Nietzsche; o surgimento do ateísmo, do agnosticismo, do racionalismo etc. Em toda a história do mundo, muitas foram as tentativas do homem de se livrar da ideia de que há um Deus que criou todas as coisas e controla a história e seu destino.

Até hoje, mesmo para os cristãos, é difícil conviver com o conceito de que Deus é soberano e reina absoluto sobre todo o universo. Neste capítulo, trataremos desse princípio fundamental que é o governo absoluto de Deus sobre todas as coisas.

Deus encoraja Josué

Depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, este falou a Josué, filho de Num, auxiliar de Moisés: Meu servo Moisés está morto; prepara-te agora, atravessa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que estou dando aos israelitas. Como disse a Moisés, eu já vos dei todo lugar que pisardes com a sola do pé. A vossa terra irá desde o deserto até este Líbano, e desde o grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus, até o mar Grande, onde o sol se põe. Ninguém poderá te resistir todos os dias da tua vida. Como estive com Moisés, assim estarei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Esforça-te e sê corajoso, porque farás este povo herdar a terra que jurei dar a seus pais. Apenas esforça-te e sê corajoso, cuidando de obedecer a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; não te desvies dela, nem para a direita nem para a esquerda; assim serás bem-sucedido por onde quer que andares. Não afastes de tua boca o livro desta lei, antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de obedecer a tudo o que nele está escrito; assim farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. Não te ordenei isso? Esforça-te e sê corajoso; não tenhas medo, nem te assustes; porque o SENHOR, teu Deus, está contigo, por onde quer que andares.

Como já afirmei, meu objetivo ao expor o livro de Josué é extrair aprendizados para a vida cristã, pois acredito que tudo o que antes foi escrito nas Escrituras, para a nossa instrução foi escrito (Rm 15.4).

O livro trata da conquista da Terra Prometida sob o comando de Josué, em cumprimento das promessas que Deus havia feito. Vale aqui destacar um princípio presente no livro que é a base de todos os outros que analisaremos neste capítulo: Deus, como criador dos céus e da terra, dispõe do mundo e do homem conforme a sua sábia, santa e perfeita vontade. A única razão que Deus tem para fazer qualquer coisa é que ele aprouve e assim desejou. Deus não precisa de nenhuma outra razão para fazer o que quer que seja, pelo simples fato de que ele é o nosso Criador e Senhor absoluto.

Deus é soberano

A passagem que inicia o livro de Josué confirma essa verdade e dela podemos extrair mais cinco pontos que refletem a soberania absoluta de Deus.

Como soberano criador, Deus entrega partes da terra a quem ele quiser

Deus diz a Josué: “Atravessa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que estou dando aos israelitas”. De quem é a terra para que Deus possa dá-la? A Bíblia não questiona em momento nenhum o direito de Deus de dar determinada terra a uma nação, ordenando que saia de um lugar e vá para outro, pois ele criou todas as coisas, das quais é o dono. Por isso pode dispor da terra da maneira que quiser.

Quando Deus disse isso a Josué, a terra de Canaã estava habitada por sete nações (a relação delas está em Deuteronômio 7.1). No entanto, Deus assegura à nação de Israel que lhe dará a terra já habitada. Isso está dentro da autoridade de Deus, pois ele criou os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há, e com o direito de propriedade faz o que quer com o que é dele, sem precisar pedir permissão a ninguém.

Por estar dentro da sua autoridade, Deus não comete injustiça contra ninguém, pois nenhuma pessoa tem direito a nada por si mesma; estamos neste mundo por permissão e graça de Deus. Até mesmo o ar que respiramos nos é concedido pela graça e misericórdia dele. Precisamos nos lembrar, como cristãos, que estamos submissos a esse Deus soberano e absoluto. É ele quem governa o destino do mundo e das nações.

Vivemos recentemente um período de muitas manifestações políticas em nosso país, e muitos cristãos ficam ansiosos e preocupados em relação aos efeitos dessas manifestações. O conceito bíblico de que Deus é soberano e que dispõe dos governos, dos países e dos territórios como ele quer deveria ser um conforto para nós. O mundo não está desgovernado, embora possa parecer que sim; há um Deus que está no governo do mundo e no controle de todas as coisas. Temos essa convicção. Por isso, como cidadãos, não

deixaremos de nos preocupar com a situação do nosso país, mas, como cristãos, podemos ficar tranquilos, pois de Deus são a terra, o mar e a sua plenitude, e ele governa absoluto sobre tudo e todos.

Como soberano criador, Deus dirige a história segundo seus planos

A história e os acontecimentos não são aleatórios. Embora para nós, seres humanos limitados, pareça o contrário, as coisas não acontecem por acaso nem carecem de sentido. Desde a fundação do mundo, Deus está dirigindo a história para a sua consumação, de acordo com os planos que ele estabeleceu na eternidade quando decidiu criar o mundo e o homem. A Bíblia é, assim, o registro desses atos de Deus, os quais chamamos de atos salvadores de Deus.

Quando Deus chamou a nação de Israel e disse a Josué: “Atravessa este Jordão [...] para a terra que estou dando aos israelitas”, a entrega e a ocupação dela faziam parte de um plano estabelecido antes da fundação do mundo. Assim, logo de início, Deus diz a Josué que a ocupação da terra é certa.

Lembremos que isso foi dito quando o povo estava diante do rio Jordão e não tinha como atravessá-lo. Aquelas pessoas foram criadas no deserto; logo, não sabiam nadar. O Jordão não era um rio raso, e elas não podiam contar com barcos nem com pontes. Para completar, do outro lado encontrariam uma terra habitada por sete povos hostis. Mas, ainda assim, Deus disse a Josué que lhes daria a terra.

Deus diz o seguinte em referência à campanha militar de Israel (v. 3,5,6):

Como disse a Moisés, eu já vos dei todo lugar que pisardes com a sola do pé. [...] Ninguém poderá te resistir todos os dias da tua vida. Como estive com Moisés, assim estarei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Esforça-te e sê corajoso, porque farás este povo herdar a terra que jurei dar a seus pais.

Por que Deus podia dizer a Josué que fosse em frente, pois a vitória era certa? Porque isso estava traçado em seu plano. A história não é uma sucessão de fatos aleatórios, como algumas religiões (e ateus e agnósticos) acreditam. Ela tem começo, meio e fim; é linear e se encaminha para

concretizar o plano de um Deus que governa os acontecimentos e as circunstâncias. E isso se dá não apenas em um plano macro, mas também em um plano micro: Jesus diz que não cai um passarinho no chão se isso não for da vontade de Deus e que os cabelos de nossa cabeça estão todos contados (Mt 10.29,30), pois há um Deus que controla e governa os acontecimentos e nada acontece por acaso.

Temos de reconhecer a soberania de Deus nas circunstâncias e em nossa caminhada como filhos de Deus, pois a nossa vida se encaixa e se desenrola dentro de seu plano. De alguma forma misteriosa que não sabemos explicar, ele governa tudo o que acontece sem que isso viole a minha responsabilidade de assumir as escolhas que faço. Por isso Paulo diz, em Romanos 8.28: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito”.

Todas as coisas conspiram juntas para que, no fim, os filhos de Deus sejam abençoados e o propósito dele para a nossa existência seja alcançado. Portanto, o que este segundo ponto nos ensina é que Deus dirige a história conforme os planos que ele mesmo traçou e que a história não é um caminho desgovernado.

Como soberano criador, Deus escolhe quem quer para realizar seus planos e cumprir seus propósitos

Deus escolheu Israel para ser o seu povo especial e a ele se revelou de maneira específica ao afirmar que lhe daria a terra. Deus não escolheu a pequena nação de Israel no antigo Oriente por mérito, grandeza, poder, obediência ou santidade. Abraão, o pai dessa nação, era um idólatra que morava em Ur dos caldeus; seu nome significava “pai elevado” e, provavelmente, era uma referência ao fato de que ele observava as estrelas tentando adivinhar as coisas, exatamente como fazia um astrólogo (por isso Deus mudou seu nome para Abraão, “pai de muitas nações”). Aquele homem estava entregue à idolatria quando Deus o tirou de sua terra e lhe fez promessas; desse modo, ele não foi escolhido porque era melhor do que os outros à sua volta.

Deus assim também se revelou à descendência de Abraão. Veja o que Moisés disse a esse povo em Deuteronômio 7.6: “Porque tu és povo santo para o SENHOR, teu Deus. O SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que sejas o

seu povo particular, dentre todos os que há sobre a terra”. Se Deus fosse escolher um povo com base em critérios de mérito, teria escolhido o Egito, por exemplo, que era uma nação antiga e poderosa. Mas o texto prossegue assim nos versículos 7 e 8: “O SENHOR não se agradou de vós nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos numerosos do que qualquer outro povo; mas o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da escravidão, da mão do faraó, rei do Egito, porque vos amou...”.

Deus escolheu Israel não por ser uma nação maior, mais poderosa ou mais rica do que as outras, mas porque ele os amava, e esse amor era um amor soberano. Ao escolher Israel, deixou de lado dezenas de outras nações. Como ele é o Criador da humanidade, poderia ter escolhido e chamado quem quisesse, sem dever explicação a ninguém.

Além disso, entre dezenas de outros israelitas, ele escolheu Josué para substituir Moisés. Como diz Deus (v. 2,5,6,9):

Meu servo Moisés está morto; prepara-te agora [Josué], atravessa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que estou dando aos israelitas [...]. Ninguém poderá te resistir todos os dias da tua vida. Como estive com Moisés, assim estarei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Esforça-te e sê corajoso, porque farás este povo herdar a terra que jurei dar a seus pais. [...] Não te ordenei isso? Esforça-te e sê corajoso; não tenhas medo, nem te assustes; porque o SENHOR, teu Deus, está contigo, por onde quer que andares.

Como crentes em Jesus Cristo e servos de Deus, nunca devemos nos esquecer de que foi ele, por sua livre graça e seu amor soberano, que nos escolheu para sermos seus filhos. Foi assim não porque Deus viu em nós algum mérito ou algo que mostrasse que éramos mais bonitos, inteligentes ou santos que outras pessoas, mas, sim, porque nos amou desde a eternidade. Por ser soberano, ele pode fazer isso.

Às vezes procuramos uma explicação para o fato de Deus escolher alguns e outros não, como se isso fosse aceitação de pessoas. Paulo trata desse assunto em Romanos 9, e ao discutir com um opositor imaginário, o qual pergunta: “Por que Deus ainda se queixa? Pois, quem pode resistir à sua vontade?”, ele responde: “Mas quem és tu, ó homem, para argumentares com Deus? Por acaso, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste

assim?” (Rm 9.19,20).

A resposta da Bíblia para esse tipo de questão é: Você sabe quem é Deus? Se o conhecesse e tivesse consciência da sua soberania, autoridade e do seu poder, não faria esse tipo de pergunta. Você pode dizer: “Deus, não entendo os teus motivos, mas sei que tu és o Todo-Poderoso, que tudo te é possível e que nenhum dos teus planos será frustrado, e assim me submeto a ti”. Essa é a atitude correta.

Como cristãos, devemos nos lembrar sempre de que foi por graça e misericórdia que Deus nos chamou. A consciência de que somos de Deus e de que ele é soberano nos ajuda a viver neste mundo. Nos momentos em que nos sentimos mal, em que somos assediados por circunstâncias desfavoráveis e quando coisas ruins estão acontecendo, nos lembramos da graça desse Deus, pois, se ele nos amou e nos chamou, não nos negará bem algum e haverá de cuidar de nós.

Como soberano criador, Deus executa juízo e condenação contra ímpios, rebeldes e injustos

Esse conceito encontra-se no texto que estamos estudando, embora de maneira implícita. A entrada de Israel naquela terra onde já havia sete povos ia além do cumprimento de uma promessa que Deus havia feito, pois Israel estava sendo também o instrumento de Deus para exercer justiça contra aquelas nações. Os povos cananeus já haviam atingido o limite máximo da tolerância de Deus. Em Gênesis 15.16, Deus chamou Abraão e lhe fez promessas, dizendo: “Na quarta geração [isto é, daqui a quatrocentos anos], tua descendência voltará para cá; porque a medida da maldade dos amorreus ainda não está completa”.

Era como se Deus tivesse dito a Abraão: “Há um limite que eu suporto para o pecado de um povo. Depois disso, exerço juízo. O povo que está morando na terra que te darei ainda não chegou lá; no entanto, daqui a quatro séculos, eu não vou aguentar mais esse povo e vou arrancá-lo de lá, e o instrumento da minha ira e justiça serão os teus descendentes, Abraão. Vou usar a nação de Israel para castigar os cananeus, heteus, amorreus, perizeus [ferezeus], heveus e jebuseus”. Mais do que uma ocupação da terra como cumprimento de promessa, Israel estava exercendo a justiça de Deus ao expulsar aquelas nações na guerra de conquista.

Como soberano que é, Deus decretou o extermínio dessas nações, porque foi ele que criou o mundo e o homem, e dispõe de tudo como deseja. Essa é uma verdade um pouco dura para nós, mas Deus é o dono da sua vida e da minha, e dispõe delas do jeito que quiser. Você vai viver e morrer do jeito que ele quer, debaixo do seu plano; ele é Senhor absoluto de todas as coisas.

Como cristãos, devemos compreender, de uma vez por todas, que vamos prestar contas dos nossos atos a Deus e que não somos independentes, autônomos e livres para fazer o que quiser com a nossa vida e escapar das consequências. Há um Deus que tem poder e autoridade sobre nós, e disso não podemos esquecer.

Ao afirmarmos esse princípio, sei que uma pergunta se levanta diante do fundamentalismo islâmico e dos atos de terrorismo que o mundo tem presenciado. Algumas pessoas perguntam se os terroristas, quando matam pessoas inocentes, não estariam fazendo o mesmo que os israelitas quando entraram naquelas terras e mataram os cidadãos daquelas nações. Creio que há uma diferença profunda: ali, Deus estava enviando um exército para lutar contra exércitos; a chegada dos israelitas havia sido declarada e a guerra estava aberta. No terrorismo islâmico (como em qualquer atentado terrorista), o que existe é covardia: um terrorista chega a um shopping center e sem aviso detona uma bomba, matando pessoas comuns, sem que haja uma guerra e oportunidade de defesa. É um absurdo querer comparar o terrorismo islâmico com as guerras de justiça e conquista que Israel travou no Antigo Testamento sob as ordens de Deus.

A soberania de Deus é sempre acompanhada por seus demais atributos

Esse Deus que é todo-poderoso e soberano também é amor; ele é bondoso, justo e sábio. É a perfeição de Deus que evita que ele se torne um déspota e um tirano. Imagine um deus com todo esse poder. Se ele não fosse justo, bom, amoroso, fiel e verdadeiro, seria um déspota. Poderíamos então dizer “Deus é o Diabo”, como disse Nietzsche. O filósofo alemão (que morreu enlouquecido) formulou uma equação que veio a ficar famosa: “Existe o mal no mundo — Deus é todo-poderoso e bom — Deus não evita o mal — Deus é o Diabo”.

Deus não é o Diabo, pois é justo, verdadeiro, santo e bom. É por isso que

não fuzila a pessoa que inadvertidamente diz: “Se Deus existe, eu quero que ele me queime com um raio”. Sabe por que isso não acontece? Porque, além de ter todo o poder no céu e na terra, Deus é bom. Seus caminhos são justos e verdadeiros e sua vontade é boa, perfeita e agradável. Sua sabedoria, seu amor e sua graça agem juntamente com sua soberania no mundo.

Conclusão e aplicações

O ponto que procurei explicar neste capítulo a respeito da soberania absoluta de Deus está sendo ensinado logo no início do livro de Josué, pois isso será mostrado ao longo de toda a narrativa. Por meio dela, podemos ver como Deus soberanamente conduz o seu povo para a realização de seus propósitos. Essa, no entanto, não é a mensagem de Josué somente, mas, sim, da Bíblia toda, do começo ao fim. A Escritura Sagrada começa dizendo que “no princípio, Deus criou os céus e a terra”. Assim, Gênesis 1.1 é o cartão de visita de Deus. Quem é Deus? Aquele que criou os céus e a terra.

Portanto, é inútil tentarmos lutar contra esse Deus. O que nos resta é nos submeter a ele e receber com o coração grato a providência que ele faz para a nossa rebelião, que é a salvação plena e completa em Cristo Jesus. Cabe a cada um de nós humilhar-se diante desse Deus.

Não meça forças com Deus. Pare de brigar e resistir, pois não adianta! Você precisa dobrar a sua cerviz, se humilhar, se ajoelhar diante dele e aceitar a vontade dele na sua vida. Você deve fazer o que ele manda: se é arrependimento, arrependa-se; se é restituição, restitua; se é mudar de vida, mude; e se é seguir outro caminho, siga, mas submeta-se a ele, pois não vai dar certo bater de frente com Deus. Nunca deu.

Resta-nos a atitude de nos humilhar diante dele e dizer: “Ó Deus, tem misericórdia de mim. Quem sou eu para discutir contigo? Não sou nada diante da tua grandeza. Quero temer-te, amar-te, louvar-te, confiar em ti e servir-te de todo o coração”.

Boa parte da infelicidade que os crentes experimentam nesta vida se deve ao fato de que eles estão na mesma situação de Saulo de Tarso quando Jesus lhe disse: “É inútil resistires ao aguilhão” (At 26.14). Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “Saulo, pare de dar murro em ponta de faca”. O aguilhão era uma espécie de vara com a ponta de ferro afiada para ser usada no boi bravo a fim de ensiná-lo a ficar manso, para que então pudesse puxar o arado. Cada vez que reagia, o aguilhão o espetava; então, quanto mais o boi resistia, mais o aguilhão lhe perfurava a carne. Jesus está dizendo: “Pare de espernear! Quanto mais você se rebela, mais o aguilhão o machuca. Você não sabe qual é a vontade de Deus? Por que então a demora e a resistência do coração? Isso não vai acabar bem”.

O nosso Deus nos convida a servi-lo através de Jesus, a nos submeter a ele e a viver para a sua glória.

COMO ATRAVESSAR O JORDÃO

Josué 1.10-18

Josué prepara o povo para atravessar o Jordão

Então Josué deu esta ordem aos oficiais do povo: Passai pelo meio do acampamento e ordenai ao povo: Preparai o vosso mantimento, porque em três dias atravessareis este Jordão, a fim de que entreis na terra que o SENHOR, vosso Deus, vos dá por herança para que dela tomeis posse. E Josué disse aos rubenitas, aos gaditas e à meia-tribo de Manassés: Lembrai-vos da palavra que Moisés, servo do SENHOR, vos ordenou: O SENHOR, vosso Deus, vos dá descanso e vos dá esta terra. As mulheres, as crianças e o gado que pertence a vós devem ficar na terra que Moisés vos deu deste lado do Jordão; mas vós, todos os guerreiros, passareis armados adiante de vossos irmãos e os ajudareis, até que o SENHOR tenha dado descanso a vossos irmãos, assim como deu a vós, e eles também tenham possuído a terra que o SENHOR, vosso Deus, lhes dá; então voltareis para a terra da vossa herança e dela tomareis posse, terra que Moisés, servo do SENHOR, vos deu além do Jordão, onde o sol se põe. Então eles responderam a Josué: Faremos tudo o que nos ordenaste e iremos para onde quer que nos enviases. Assim como em tudo ouvimos a Moisés, também ouviremos a ti. Apenas o SENHOR, teu Deus, seja contigo como foi com Moisés. Quem se rebelar contra as tuas ordens e não atender às tuas palavras em tudo quanto lhe ordenares, será morto. Apenas esforça-te e sê corajoso.

Esse texto fala dos preparativos de Josué junto ao povo de Israel para

atravessar o rio Jordão e entrar na Terra Prometida. Depois de quarenta anos de peregrinação no deserto, o povo finalmente chegara às margens do rio Jordão e, do outro lado, estava a terra que Deus havia prometido dar a Abraão, Isaque, Jacó e aos seus descendentes.

O livro de Deuteronômio, que vem antes do livro de Josué, narra como os israelitas, ao chegarem ali, sob a liderança de Moisés, conquistaram aquelas terras. Nelas havia povos, que foram desapossados, e assim Israel conquistou a banda de cá do rio. Agora, no entanto, a Terra Prometida estava do lado de lá, e entre eles e essa terra havia o rio Jordão.

Do ponto de vista humano, a travessia do rio Jordão era praticamente impossível. Segundo os especialistas, havia cerca de um milhão de pessoas para fazer a travessia. O rio era fundo, largo, os vaus eram poucos e, de acordo com Josué 3.15, estava na época de enchente do rio (não podia haver uma coincidência pior para quem desejasse atravessá-lo). Era o tempo da colheita, em que as águas do Jordão cobriam as margens, tornando a travessia impossível.

Fazer barcas e balsas para um milhão de pessoas? Nem pensar! Pontes? Não havia tecnologia na época que permitisse a construção rápida de uma ponte tão extensa e que suportasse a multidão com seus pertences e gado. Atravessar o Jordão era, assim, humanamente impossível. A travessia, no entanto, era importante para a fé do povo de Israel, pois significava vencer o primeiro obstáculo na conquista da terra, deixar o deserto e o Egito para trás, e tratava-se de um sinal de que Deus estaria ao seu lado e lhe daria tudo o que havia prometido.

Neste capítulo, conheceremos quais providências Josué tomou para aprontar o povo para aquele momento histórico de travessia. Em seguida, veremos o que esse texto tem a nos ensinar.

Os preparativos de Josué

A primeira coisa que Josué fez foi fortalecer a liderança do povo. Os versículos 10 e 11 dizem: “Então Josué deu esta ordem aos oficiais do povo: Passai pelo meio do acampamento e ordenai ao povo...”. Essa estrutura de liderança havia sido montada por Moisés, que, a princípio, comandava o povo sozinho, até que finalmente Deus lhe disse que ele não poderia levar a carga do povo sozinho, e lhe ordenou nomear auxiliares, formando uma equipe para ajudá-lo a conduzir o povo.

Essa equipe nomeada por Moisés foi então mantida por Josué, que reconhece e fortalece esses líderes. Ele os empossou e delegou-lhes poderes, mandando-os ir até o povo a fim de instruí-lo com as orientações que ele mesmo lhes daria.

A segunda coisa que Josué fez foi assegurar ao povo as promessas de Deus (v. 11,13,15):

... Preparai o vosso mantimento, porque em três dias atravessareis este Jordão, a fim de que entreis na terra que o SENHOR, vosso Deus, vos dá por herança para que dela tomeis posse. [...] Lembrai-vos da palavra que Moisés, servo do SENHOR, vos ordenou: O SENHOR, vosso Deus, vos dá descanso e vos dá esta terra [...]; então voltareis para a terra da vossa herança e dela tomareis posse, terra que Moisés, servo do SENHOR, vos deu além do Jordão, onde o sol se põe.

É como se Josué estivesse dizendo: “A terra é de vocês. O Deus que criou todas as coisas e que é o dono de todas as propriedades do mundo está lhes dando essa terra graciosamente”.

Convém lembrar que, àquela altura, alguns livros do Pentateuco, se não todos, já haviam sido escritos. Essas promessas estavam registradas, pois em Deuteronômio já encontramos ordens de Deus dizendo a Moisés que as escrevesse. É bem provável que o livro mencionado em Josué 1.8 (“Não afastes de tua boca o livro desta lei...”) seja um indício de que havia uma Bíblia com os cinco primeiros livros escritos por Moisés (o Pentateuco), já reconhecida como a Palavra de Deus. É com base nessa Palavra escrita que podemos parafrasear a declaração de Josué: Deus prometeu e vai lhes dar a

terra, cumprindo assim as promessas que fez a vocês.

A terceira providência de Josué foi orientar o povo a preparar comida: “... Preparai o vosso mantimento, porque em três dias atravessareis este Jordão...” (v. 11). Até ali, os israelitas comiam do maná que caía do céu e que os sustentara durante quarenta anos. No entanto, a ordem de Deus foi que, quando eles chegassem à Terra Prometida, já deveriam comer do fruto da terra. Na realidade, Josué estava avisando que o maná iria cessar. Por isso o povo deveria preparar e guardar comida para a travessia, que aconteceria dali a três dias.

Perceba que grande desafio: fazer empadão de maná às margens do Jordão, antes de atravessar um rio impossível de ser atravessado, porque do outro lado não haveria mais maná. De fato, tratava-se de um ato de fé notável preparar comida com essas condições.

A quarta coisa que Josué fez foi assegurar a unidade e a cooperação de todas as tribos (v. 12-15). Como vimos, quando elas chegaram ao Jordão sob a liderança de Moisés, havia povos que ali habitavam. Os israelitas, todos juntos, venceram aqueles povos em combate e tomaram suas terras. Depois disso, duas tribos e meia dirigiram-se a Moisés e lhe disseram que queriam ficar desse lado do rio, onde estavam, pois já haviam vencido os povos dali e a terra era boa para o gado. Moisés permitiu que ficassem com a terra que queriam, sob a condição de que fossem ajudar as demais tribos na guerra, quando elas atravessassem o rio e confrontassem os povos da margem oposta.

Josué, então, tratou de relembrar as tribos de Rúben e Gade e metade da tribo de Manassés sobre aquilo que haviam acordado com Moisés. Josué não queria apenas aumentar o número de soldados no exército (por se tratar de uma guerra de conquista). Havia também um sentido espiritual de que todo o Israel era povo de Deus. Por isso todas as tribos deveriam estar juntas, ajudando-se mutuamente nas lutas da vida.

Josué queria despertar entre os israelitas os conceitos de união, amor e solidariedade: Vocês já têm a terra de vocês, mas os seus irmãos ainda têm de conquistar a deles; então, vocês vão ajudá-los, e todos lutarão juntos, porque o povo de Deus é um só.

A quinta providência de Josué a fim de preparar o povo para a travessia foi assegurar a obediência de todas as tribos. Elas estavam prestes a encarar uma empreitada militar, e era importante que houvesse obediência e submissão ao comando das autoridades. Os versículos 16, 17 e 18 registram: “Então eles responderam a Josué: Faremos tudo o que nos ordenaste e iremos

para onde quer que nos enviareis. Assim como em tudo ouvimos a Moisés, também ouviremos a ti. Apenas o SENHOR, teu Deus, seja contigo como foi com Moisés. Quem se rebelar contra as tuas ordens e não atender às tuas palavras em tudo quanto lhe ordenares, será morto. Apenas esforça-te e sê corajoso”.

Essas foram as cinco medidas tomadas por Josué que estavam relacionadas à travessia do Jordão e à conquista da terra.

Orientação e instrução para hoje

Devemos nos perguntar o que esse texto tem a nos dizer, ou, em outras palavras, se faz sentido aplicar o Antigo Testamento à nossa vida. Com exceção do livro de Salmos, será que essa parte da Bíblia tem algo a nos dizer? A resposta é sim. Eu creio na unidade dos Testamentos. Ambos constituem a Palavra de Deus para nós, e a igreja é a legítima continuação espiritual do povo de Israel. A igreja é o povo de Deus hoje, da mesma forma que Israel era o povo de Deus antes de Cristo, e as Escrituras deles são as nossas também; portanto, há uma unidade de toda a Bíblia. O que aconteceu naquela época também serve de orientação e instrução para nós.

Cito aqui duas passagens do Novo Testamento que falam sobre isso. Em Romanos 15.4, Paulo diz: “Porque tudo o que foi escrito no passado foi escrito para *nossa* instrução, para que tenhamos esperança por meio da perseverança e do ânimo que provêm das Escrituras”. Também em 1Coríntios 10.11, referindo-se à história de Israel, o apóstolo afirma: “Tudo isso lhes aconteceu como exemplo e foi escrito como advertência para nós, sobre quem o fim dos tempos já chegou”.

Tudo o que aconteceu com a nação de Israel adveio como exemplo e foi registrado para nós hoje, a fim de que pela consolação das Escrituras tenhamos esperança.

É uma pena que os crentes, em geral, leiam tão pouco o Antigo Testamento. Na verdade, muitos nem gostam de ler a Bíblia, e quando a leem vão direto para o Novo Testamento. Quando se dispõem a folhear o Antigo Testamento, normalmente vão direto para o livro de Salmos. No entanto, toda a Bíblia foi escrita para nós, e podemos aprender de cada uma de suas páginas, extraindo delas princípios para a nossa vida.

Desse modo, a travessia do Jordão e os preparativos que a antecederam têm muito a nos ensinar. Em uma recapitulação histórica, Deus abre o rio, e o povo o atravessa assim como já havia atravessado o mar Vermelho quarenta anos antes. A abertura do rio Jordão foi um evento histórico cujo grande objetivo é mostrar a ação salvadora de Deus na história, e é um daqueles milagres que não se repetem hoje.

Deus realizou uma série de intervenções milagrosas no Antigo Testamento que não pretende mais realizar hoje, como, por exemplo, fazer pão cair do

céu durante quarenta anos, abrir o rio Jordão, fender uma pedra para que dela brote água, fazer o Sol parar durante um dia inteiro etc. Não creio que Deus venha a fazer isso outra vez. Ele continua sendo o mesmo, só que o tempo desse tipo de milagre passou. Não há ninguém hoje, por mais avivado que seja e por mais fé que tenha, que seja capaz de fazer coisas assim pela fé, decretando ou ordenando, simplesmente porque Deus não está disposto a repeti-las hoje. Elas tiveram um tempo determinado na história da revelação.

Nessa passagem de Josué, estamos diante de um momento de revelação do poder, glória e majestade de Deus, e podemos aprender com isso dizendo ao ler o texto bíblico: “Deus, agiste com grande poder no passado e mostraste quem eras. Eu creio que de fato fizeste isso e que este é um registro histórico de milagres que aconteceram como estão descritos aqui, porque és o Deus verdadeiro”.

Teologicamente, essa passagem não significa a conversão, nem o batismo, nem a morte, como alguns acreditam. Creio que ela simboliza a transposição de grandes obstáculos e dificuldades que os cristãos encontram no caminho da Canaã celestial.

Sei que muitos leem esse texto e pensam que a travessia do rio Jordão e a entrada na Terra Prometida são símbolos de que depois da morte entraremos no céu. Não é isso que a passagem mostra, pois Canaã estava cheia de inimigos, mas no céu teremos apenas amigos. Na verdade, essa história nos mostra como podemos enfrentar as adversidades com que deparamos a caminho da glória.

Assim, os preparativos de Josué nessa ocasião nos instruem sobre como devemos estar preparados para atravessar os “Jordões” da vida. Por exemplo: Como enfrentar e vencer o pecado em suas muitas formas? Como enfrentar, sendo cristãos, as diversas crises da vida, como crises familiares, financeiras, de saúde ou de relacionamento? Como tomar decisões cruciais em determinados momentos da vida, como as relacionadas ao casamento, à profissão, aos negócios, à vocação etc.?

Todos os dias encaramos um Jordão que temos de atravessar. Podemos perguntar: Por que tantos morrem afogados e não chegam ao outro lado? Por que esse ou aquele cristão vive paralisado por complicações, tomando sempre decisões erradas? Por que muitos irmãos em Cristo estão se afogando nos negócios e nos relacionamentos? A resposta é simples: faltou preparo para as dificuldades.

Aqui temos um exemplo de um grande obstáculo, que é o próprio rio

Jordão. O povo o atravessa, mas antes se prepara: faz a comida, fortalece a liderança, decide a estratégia e se une. Todos eles se prepararam para a travessia, mas muitos de nós nem nos importamos com isso, e vamos tocando a vida, resolvendo as coisas à medida que elas aparecem. Falta uma estratégia de vida baseada nos princípios da Bíblia.

Separei a seguir cinco lições tiradas dessa passagem que vão nos preparar para atravessar os “Jordões” da vida.

Devemos ter referenciais nos quais possamos nos inspirar e nos modelar

Deus deu aos israelitas Josué, Moisés, príncipes, anciãos e os chefes das tribos para orientá-los. Do mesmo modo, sempre agradeço a Deus pelas muitas pessoas que ele colocou na minha vida e que serviram de referencial e base no momento das grandes decisões que precisei tomar e das crises pelas quais tive de passar. São pessoas falhas, sem dúvida nenhuma, mas elas amam e temem o Senhor. São cristãos experientes e exemplos de vida que inspiram confiança, segurança e instrução. É muito bom contar com pessoas assim, em quem você pode se espelhar e a quem pode pedir ajuda e orientação.

Era isso que a liderança de Josué e dos príncipes representava naquela ocasião. O que quero ressaltar é: tenha referenciais em quem você possa se inspirar. Veja o que diz Hebreus 13.7: “Lembra-vos dos vossos líderes, que vos pregaram a palavra de Deus; observando-lhes atentamente o resultado da vida, imitai-lhes a fé”. Imitar a fé praticada por outros cristãos é bíblico, assim como é bíblico se inspirar em pessoas que têm fé, que venceram espiritualmente e são maduras.

Talvez você esteja se perguntando onde estão os cristãos desse tipo. E eu lhe digo: eles estão por aí. Deus nunca deixou de erguer líderes e pessoas que servissem de exemplo para o seu povo. Se, no entanto, você se inspira nos filmes de Hollywood e se os seus heróis são personagens como Capitão América e Hulk, que tipo de modelo eles representam para a sua vida? Há variadas biografias de homens e de mulheres de Deus que são exemplos reais para nossa vida cristã. Se você não quiser ler, pode procurar documentários no YouTube sobre a vida desses irmãos e irmãs. Se, no entanto, você passa o dia todo nas mídias sociais, se preenche sua mente com filmes

hollywoodianos cheios de anti-heróis que ensinam tudo o que é contrário à Palavra de Deus, quem serão os seus referenciais na hora da crise?

A primeira coisa que extraímos dessa passagem é que devemos ter pessoas em quem vamos nos inspirar e a quem vamos imitar. Se não o fizermos, já sabemos o resultado.

Devemos lembrar as promessas de Deus e ficar firmes nelas

Uma das maiores lutas que travo quando estou diante de um Jordão na minha vida é para permanecer consciente dos princípios que a Bíblia me oferece e que podem ser aplicados naquela situação. Então me pergunto: O que a Bíblia diz sobre esse tipo de problema ou dificuldade que estou enfrentando? Paulo, Jesus, Moisés ou Davi passaram por algo semelhante? Quando vieram as lutas, como eles as venceram? A Bíblia traz algum exemplo ou fato que me ajude a resolver esse problema? O tempo passa, mas os problemas que afligem o ser humano são da mesma natureza em qualquer época, e a Bíblia certamente terá algum exemplo que ajude no momento difícil.

Procuro entender também qual é a verdadeira origem do problema que estou enfrentando e se sou eu o responsável por ele. Tento descobrir onde errei. Além disso, busco saber o propósito de Deus para que tal coisa aconteça na minha vida, de que maneira devo me comportar diante dela e que orientações e direções a Bíblia me dá.

Foi exatamente isso que Josué fez. Ele pegou o livro da Lei e disse ao povo algo mais ou menos assim: Deus vai dar a vocês essa terra, pois ele prometeu a Moisés. Portanto, façam o empadão de maná, porque vocês vão atravessar esse rio!

Lembrar-se das promessas de Deus e ficar firme nelas é essencial. Agora, como você vai saber que promessas são essas se não lê a Bíblia? Se não memoriza as Escrituras, quando chegam a confusão e o Jordão você procura em sua mente alguma palavra de Deus, mas ela está vazia, sem nada. Sei que o Espírito Santo costuma trazer à nossa memória determinadas coisas no momento oportuno, mas ele não vai implantar na sua cabeça um conhecimento que você não tem. O que ele faz é trazer à tona um conhecimento que está guardado em sua mente. É o que chamamos de *iluminação*.

Se a sua mente, no entanto, está vazia da Palavra de Deus, o Espírito Santo não terá com que trabalhar. Estou sendo prático aqui: a melhor maneira de você se preparar para quando chegar diante de um Jordão da vida é encher a cabeça com a Escritura, que revela quem ele é e quais são as suas promessas e orientações a respeito do que se deve ou não fazer em cada situação. Se você não enche a sua cabeça com a Palavra, dificilmente terá alguma iluminação.

Devemos tomar todas as providências possíveis e cabíveis para a travessia

Aquele povo não podia fazer balsas, mas podia preparar a marmita. Você sempre terá algo para fazer: não cair no desânimo, não desistir, não entregar os pontos, não jogar a toalha. Lute! O rio Jordão está transbordando, mas você está à margem dele preparando o farnel. Deus vai abrir o Jordão, mas você vai precisar da comida. Por isso, sempre há algo que você pode fazer.

Devemos buscar ajuda na comunhão com irmãos em Cristo

Tenho descoberto que umas das razões pelas quais as pessoas se afundam e não conseguem resolver seus problemas é que não procuram ajuda, e quando decidem procurar quase não há mais nada que se possa fazer, pois a situação já se deteriorou muito.

Lembre-se do que Josué fez: “mas vós, todos os guerreiros, passareis armados adiante de vossos irmãos e os ajudareis, até que o SENHOR tenha dado descanso a vossos irmãos, assim como deu a vós, e eles também tenham possuído a terra que o SENHOR, vosso Deus, lhes dá”. Nenhuma tribo pode ficar para trás. Somos um povo, e é essa a razão pela qual vamos à igreja todo domingo. Fazemos parte de uma comunidade de pessoas que se relacionam, que se amam, que se tratam como irmãs e que podem se ajudar em momentos difíceis. Busque ajuda, pois você não está sozinho.

Devemos reconhecer e seguir as instruções da liderança

que Deus colocou sobre seu povo

Sei que vivemos em uma época em que a noção de autoridade espiritual ou é empregada com abuso por líderes totalitários (e há igrejas e ministérios que são fundados sob a autoridade de líderes que dizem que a sua palavra é a de Deus e quem não lhes obedecer está amaldiçoado), ou, em outro extremo, essa noção de autoridade nem existe. Contudo, foi Deus quem estabeleceu a liderança na igreja: presbíteros, diáconos e mestres para guiar e abençoar o seu povo.

É por isso que Josué, em primeiro lugar, reuniu os príncipes do povo e lhes disse que conduziriam aquela situação junto a ele. E o povo concordou: “Faremos tudo o que nos ordenaste”. Foi isso que as tribos unidas decidiram fazer.

Deus colocou autoridades em nossa vida. Os filhos têm os pais e, igualmente, todos nós temos líderes espirituais. É verdade que líderes podem errar e têm errado, mas, de modo geral, eles acertam. Portanto, é importante ouvi-los.

Conclusão e aplicações

Há uma importante lição a ser aprendida com a passagem que acabamos de estudar. Josué é um tipo de Cristo, e o Novo Testamento reconhece isso. Assim como Josué conduz o povo para a Terra Prometida, Cristo nos conduz à pátria celestial, onde encontraremos o verdadeiro descanso (Hb 4.8-11). Ele é o nosso capitão, o nosso mestre e líder, o apóstolo da nossa fé, e nós o seguimos, o amamos, nos submetemos a ele.

Outra lição que podemos extrair do texto é a importância do preparo espiritual. Tenho certeza de que muitos fracassam na vida cristã exatamente porque não se preparam. Quando a crise vem, costuma pegá-los completamente desprevenidos. Fico pensando num casamento em que um dos cônjuges adulterou. Esse é o tipo de coisa para o qual não deveríamos estar preparados, mas pode acontecer. Se de repente você fosse traído, estaria pronto para lidar com a situação? Sei que é o tipo de coisa na qual não deveríamos nem pensar, mas a história e a experiência nos mostram que ninguém pode dizer que isso nunca vai lhe acontecer.

São muitas as advertências bíblicas do tipo: "... o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41); "... aquele que pensa estar em pé, cuidado para que não caia" (1Co 10.12). Estamos preparados para ouvir de um filho que ele é homossexual, ou que está viciado em drogas, ou que não quer mais andar na mesma fé que a nossa? Estamos preparados para perder o emprego, ou ir à falência e de repente perder tudo que temos?

Um estudante crente na universidade deve estar preparado para ser um estranho no ninho, um ET solitário, enquanto enfrenta o escárnio e o desprezo de professores e colegas que zombam da fé cristã. Você está pronto para exercer sua profissão em um ambiente de trabalho corrompido, secularizado, desonesto e maligno? Ou para ser uma jovem que sofre assédio sexual no trabalho ou na faculdade?

Essas coisas acontecem diariamente com gente de Deus, e é preciso saber como enfrentá-las. Às vezes, um acontecimento desses marca uma pessoa a ponto de ela não conseguir se reerguer. Há uma crise em sua vida, e ela fica presa àquela situação, talvez porque nunca tenha se preparado para uma situação dessa. Muitos se afogam nas águas do Jordão por não estarem preparados para a travessia. Ainda bem que o Senhor Jesus é um verdadeiro

salva-vidas que pode tirá-los lá do fundo do rio, trazê-los de volta e ensiná-los a atravessar direitinho.

Decida hoje que você vai fazer da preparação espiritual para enfrentar os problemas da vida uma prioridade da sua existência. Deus nos deu a sua Palavra, o seu Espírito Santo e a sua igreja exatamente para nos preparar para as intempéries. Não perca, então, mais tempo enchendo a sua mente de coisas que não vão lhe ajudar em nada. Reserve tempo para ler a Palavra de Deus e para ter comunhão com os irmãos. Procure gente sábia, que ande com Deus, para modelar a sua vida, porque cedo ou tarde o Jordão surgirá, transbordando, à sua frente, e você poderá não estar pronto para atravessá-lo.

Que Deus lhe dê graça para ouvir a sua Palavra e para perceber a importância de viver preparado neste mundo, de forma que agrade a ele, o nosso Deus, que é misericordioso e bom, e que nos faz tantas promessas gloriosas.

GRAÇA PARA O MAIOR PECADOR

Josué 2

Uma das ameaças à pureza da nossa fé no evangelho é exatamente perdermos a confiança em seu poder para mudar as pessoas. Creio que se perdermos essa convicção de que o evangelho pode transformar até mesmo aqueles que nos parecem casos perdidos, então, nós mesmos estaremos a caminho da corrupção e do desvirtuamento da boa-nova de Cristo Jesus.

Ao longo da história da igreja, houve muitas ocasiões em que o povo de Deus parecia estar à beira da morte, em que a igreja parecia encurralada, sem que se enxergasse uma saída para ela. Há cerca de duzentos anos, a igreja foi muito atacada pelo racionalismo de filósofos como o alemão Nietzsche, com a ideia da morte de Deus. Esse pensamento tomou conta da Europa, e parecia que o cristianismo não tinha mais espaço. Quem morreu, no fim das contas, foi Nietzsche, e Deus continua vivo. A igreja continuou em sua marcha vitoriosa.

No segundo século, a igreja foi dominada por uma heresia perigosa, a primeira entre muitas, conhecida como gnosticismo. Parecia que a igreja perderia, já naquela época, toda a sua vitalidade, o seu depósito de fé e a sua doutrina. A impressão que se tinha é que tudo isso iria embora, porém Deus levantou homens como Ireneu e Tertuliano (os chamados pais apologetas), que venceram o gnosticismo.

Podemos também nos lembrar de como o paganismo entrou na igreja da Idade Média e a desvirtuou completamente, até que Deus levantou Lutero, Calvino e outros reformadores.

A Europa passa hoje por uma onda intensa de secularização, com igrejas vazias sendo vendidas para darem lugar a supermercados, museus ou boates. Nos Estados Unidos, nação que já foi uma das grandes potências mundiais

também no que se refere ao cristianismo, o número de pessoas que frequentam igrejas e escolas dominicais vem caindo a cada ano.

O que quero dizer com esses exemplos é que a rejeição ao evangelho pode ser tão grande que leve os cristãos a perderem a esperança de ver a igreja de Cristo crescer e implantar-se neste mundo.

Creio que estamos em uma fase singular, sobre a qual tenho sentimentos variados. Minha preocupação é muito grande, por um lado, porque o cristianismo ao norte do Equador vem diminuindo; por outro lado, o cristianismo ao sul global vem crescendo. Isso acontece na África, na Ásia, em partes da China e também no Brasil. E esse crescimento mostra que Deus continua a agir no mundo, mesmo em locais e situações que antes pareciam impossíveis de alcançar com a mensagem do evangelho.

Penso, então, que é bom recordar casos como o registrado no capítulo 2 de Josué, em que Deus, em uma situação impossível, foi alcançar uma prostituta pagã no meio da terra de Canaã, dando a ela sua graça e misericórdia, mostrando-nos assim que não há limites para o seu poder e que ele nos surpreende sempre. Da mesma forma que a igreja venceu e foi liberta desses períodos difíceis pelos quais passou, cremos que o reino de Deus haverá de triunfar ao final.

Exemplos como o de Raabe nos ajudam a manter essa esperança. Sua história nos ensina que não há limites ao poder de Deus para alcançar e transformar mesmo as pessoas que parecem não ter esperança nenhuma. Após tratarmos, no capítulo anterior, de princípios práticos para enfrentar os problemas da vida, com base na passagem acerca da preparação do povo de Israel para atravessar o Jordão, quero agora falar a respeito da misericórdia de Deus ao alcançar pessoas improváveis. Não há limite para o amor, a graça e a misericórdia de Deus em salvar pecadores.

Josué envia dois espias a Jericó

E Josué, filho de Num, enviou de Sitim, secretamente, dois homens como espias, dizendo-lhes: Ide observar a terra, particularmente Jericó. Eles foram e entraram na casa de uma prostituta, chamada Raabe, e dormiram ali. Então o rei de Jericó foi informado: Esta noite vieram aqui alguns homens israelitas, para espionar a terra. De modo que o rei de Jericó mandou dizer a Raabe: Manda sair os homens que foram à tua casa e lá entraram, porque vieram espionar toda a terra.

Sitim ficava de frente para Jericó, do outro lado do rio Jordão. Josué queria que aqueles dois homens descobrissem os pontos fracos de Jericó, pois esta era a primeira cidade na entrada da terra e o primeiro grande desafio de Josué como general (e do povo como exército).

Jericó era uma das cidades mais antigas daquela região e a mais bem protegida, com um muro muito alto e tão largo que era possível transitar sobre ele com cavalos e carruagens e construir casas. Tratava-se de uma cidade fortificada, como se fosse um pequeno reino. O prefeito da cidade era chamado de rei, pois assim funcionavam as cidades na terra de Canaã naquela época: cada cidade era estruturada como um reino, com rei, corte e exército, e, em geral, essas cidades eram fortificadas, para evitar que fossem tomadas pelos inimigos.

A fortificação com muralhas foi o sistema mais usado no mundo antigo até a descoberta da pólvora. Até então, essa era de fato uma proteção muito eficaz: erguia-se ao redor da cidade um muro alto em cima do qual ficavam os exércitos, em uma posição vantajosa de defesa. Com frequência, essas cidades eram inexpugnáveis; a única forma de vencê-las era cercá-las durante algum tempo, às vezes por anos, até que seus moradores morressem de fome ou de sede. Eram guerras bastante demoradas.

Esse foi, portanto, o primeiro desafio a ser enfrentado pelo povo de Israel: Jericó, a cidade mais fortificada da região, situada bem na entrada da Terra Prometida.

Depois que receberam a ordem de Josué, os dois espias, cujos nomes não sabemos, foram até Jericó. O versículo 2 diz que eles foram parar exatamente na casa de uma prostituta. O fato de o texto informar que pousaram ali sugere

que aquela não era somente a casa dela, mas tratava-se de um bordel, um local em que a prostituição podia ser exercida e que oferecia a possibilidade de pouso para o visitante.

Os dois homens israelitas, no entanto, foram até lá não atrás de sexo, mas de informação. O local era estratégico para a espionagem, porque muitos viajantes que passavam por aquela região pousavam na casa de Raabe e, além da prostituição, havia ali muita conversa sobre diversos assuntos entre soldados, viajantes, comerciantes e informantes. Aquele era, portanto, um centro ideal para obter informações.

A prostituição era muito comum naquela terra habitada por pagãos, mas era proibida em Israel, onde se punia a prática com apedrejamento. Tratava-se de uma profissão já muito antiga e bem remunerada. Raabe tinha sua própria casa e, ao que parece, como veremos, ela sustentava toda a família, atuando como uma espécie de cafetina, por assim dizer, com outras mulheres a seu serviço.

Essa talvez tenha sido a primeira vez que aqueles espias se viram em frente a uma prostituta. Eles entraram na casa de Raabe e dormiram ali. No entanto, a notícia de que dois israelitas haviam chegado a Jericó começou a correr e a informação chegou ao rei (v. 2,3). Ele desconfiou de que se tratava de espões e ordenou a Raabe que os entregasse. Àquela altura, era evidente que todas as autoridades de Jericó já tinham a informação de que um exército gigantesco estava do outro lado do Jordão. A cidade inteira já estava preocupada com a presença de Israel do outro lado do rio.

Nos versículos 4 a 7, lemos então que, surpreendentemente, Raabe protege os dois espias:

Mas a mulher tomou os dois homens, escondeu-os e disse: É verdade que os homens vieram à minha casa, mas eu não sabia de onde eram. Aconteceu que, quando já ia fechar a porta da cidade, sendo já escuro, aqueles homens saíram. Não sei para onde foram; persegui-os depressa, porque os alcançareis. Ela, porém, os havia feito subir ao terraço superior e os escondera entre os talos de linho que arrumara no terraço. Assim aqueles homens saíram em perseguição deles pelo caminho do Jordão, até os lugares de passagem; e, logo que eles saíram, a porta foi fechada.

Na casa de Raabe, como era de costume na época, usava-se o terraço para

secar o trigo e outros cereais. Essa parte da casa se chamava eirado e era uma espécie de andar superior descoberto, onde se colocavam esses grãos até que ficassem secos, para depois serem consumidos como alimentos.

Raabe, sabendo que o rei viria atrás dos dois espias, resolveu salvá-los e os escondeu no terraço, entre os talos de linho que ali haviam sido colocados. Quando os soldados chegaram, ela os mandou para o caminho errado, dizendo que os espias haviam passado por lá, mas já haviam ido embora pelo vau do Jordão (um ponto do rio onde era possível atravessá-lo). Quando os soldados então saíram em perseguição aos espias, fecharam-se as portas da cidade, que estava agora em estado de alerta.

A essa altura, com acerto, alguém poderia questionar a mentira de Raabe. O fato é que uma mentira é sempre uma mentira, e você pode notar que o autor do livro de Josué não faz nenhum julgamento da atitude da mulher. Contudo, ainda que não haja um juízo de valor sobre a mentira dela, o que temos de lembrar é que se tratava de uma cananeia. Ela não seguia um padrão moral como o que havia na nação de Israel, que guardava um mandamento ordenando que não se desse falso testemunho.

Raabe não tinha ainda o pleno conhecimento de Deus, embora àquela altura já tivesse fé nele. Era uma nova convertida que ainda não conhecia os padrões de Deus em relação à verdade e à mentira. Como dissemos, a mentira é sempre mentira e não deveria ser justificada em nenhuma circunstância. Você pode encontrar pessoas que, em determinada situação, optam pelo “mal menor”. No caso de Raabe, o mal menor era proteger os espias com uma mentira, mas isso não deixou de ser um mal. Foi errado? Foi.

O que pode atenuar a atitude de Raabe é somente o fato de que ela não vivia segundo o padrão moral que caracterizava o povo de Deus, a nação de Israel, recebedora da revelação divina. Raabe agiu dentro daquilo que sabia e podia, pelo motivo certo.

Ao refletir sobre esse assunto, eu me recordo de que, quando meus filhos eram menores, viajávamos todos os anos de São Paulo a Recife. Eram três dias para ir e três dias para voltar, mas era muito divertido. Uma das brincadeiras que gostávamos de fazer no carro para passar o tempo era qualificar ou classificar algumas atitudes que tomamos na vida. Costumávamos classificá-las em quatro possibilidades: fazer a coisa errada pelo motivo errado; fazer a coisa certa pelo motivo certo; a coisa errada pelo motivo certo; e a coisa certa pelo motivo errado. Na vida, tudo se encaixa em uma dessas quatro categorias, por assim dizer. Ficávamos, então, levantando

questões práticas do dia a dia para ver em qual categoria elas se encaixavam. A atitude de Raabe, no caso, poderia ser classificada como fazer a coisa errada pelo motivo certo. O motivo certo era salvar aqueles homens, só que o método utilizado, a mentira, foi o errado. Sempre devemos procurar fazer a coisa certa pelo motivo certo, mas, como veremos mais adiante, Deus foi misericordioso com essa cananeia.

Depois de ter feito o que fez, isto é, salvar os espias, Raabe explica o que a motivara (v. 8-21):

E, antes que os espias se deitassem, ela subiu ao terraço para falar com eles. E ela lhes disse: Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra, que grande pavor de vós caiu sobre nós e que todos os moradores desta terra se derretem de medo diante de vós. Porque temos ouvido que o SENHOR secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saístes do Egito, e também o que fizestes aos dois reis dos amorreus, Siom e Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes totalmente. Quando ouvimos isso, os nossos corações se derreteram, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima no céu e embaixo na terra. Agora, peço-vos, jurai-me pelo SENHOR que, como agi com bondade convosco, também agireis com bondade com a casa de meu pai; e dai-me um sinal seguro de que protegereis a vida de meu pai e minha mãe, como também de meus irmãos e minhas irmãs, com todos os que lhes pertencem, e de que livrareis da morte as nossas vidas. Então eles lhe responderam: A nossa vida responderá pela vossa, desde que não denunciéis os nossos planos; e, quando o SENHOR nos entregar esta terra, agiremos contigo com bondade e fidelidade. Ela então os levou a descer por uma corda pela janela, já que a sua casa ficava sobre o muro da cidade; ela morava sobre o muro. E ela lhes disse: Subi para aquele monte, para que os perseguidores não vos encontrem, e escondei-vos lá três dias, até que eles voltem; depois podereis tomar o vosso caminho. E os homens disseram-lhe: Nós seremos inocentes deste juramento que nos fizeste jurar, se não fizerdes o seguinte: Quando entrarmos na terra, atarás este cordão vermelho à janela pela qual nos levaste a descer, e reunirás em casa contigo teu pai, tua mãe, teus irmãos e toda a família de teu pai. Quem for para fora das portas da tua casa será culpado da própria morte, e nós seremos inocentes; mas se alguém puser as mãos em quem estiver contigo em casa, nós seremos

culpados da morte dele. Mas, se denunciareis os nossos planos, estaremos desobrigados do juramento que nos fizeste jurar. Ao que ela disse: Seja conforme as vossas palavras. Então ela os despediu, e eles se foram; e ela atou o cordão vermelho à janela.

Aqui, na explicação que Raabe dá para a sua atitude, percebemos primeiro que ela sabia o que Deus havia feito por Israel (v. 8-10). Como é que ela sabia? Conforme já mencionei, ela era dona de um bordel onde se reuniam soldados e viajantes que acabavam conversando sobre os mais diversos acontecimentos. Imagino que em uma dessas conversas ela pôde ter ouvido algo como: “Olha, ouvimos falar sobre como esse povo que está acampado do outro lado do Jordão saiu do Egito há quarenta anos, e lá houve pragas e destruição enviadas pelo Deus deles. O faraó foi muito humilhado e eles atravessaram o mar Vermelho! Quando chegaram aqui, conquistaram Siom e Ogue, reis dos amorreus”.

Essa história do povo de Israel e das vitórias que Deus lhe dera já havia chegado aos ouvidos de Raabe, pois ela ficava escutando esse tipo de assunto em sua casa. Uma coisa passou então a acontecer no coração de Raabe: ela começou a crer no Deus dessas histórias.

Você acredita nisso? Dentro de um bordel, uma cafetina ouve histórias e começa a acreditar nelas e, no íntimo de seu coração, já começa a ter devoção ao Deus dessas histórias. Em Hebreus 11.31, Raabe aparece como uma das heroínas da fé: “Pela fé, a prostituta Raabe não morreu com os desobedientes, pois acolheu em paz os espias”. Isso significa que, quando protegeu os espias, ela já tinha fé e já cria no Deus de Israel. Contra todas as possibilidades, a semente da fé nasceu naquele coração.

É por isso que afirmamos que Deus sempre nos surpreende, levando a verdade aonde ela deverá chegar. Raabe conhecia o que Deus havia feito por intermédio de Israel e cria nas histórias que lhe foram contadas; por isso, ela protegeu os emissários do Senhor. Ela entendeu que aqueles dois vieram da parte de Deus e os protegeu, ainda por cima lhes dando a importante informação militar de que todos na cidade estavam com muito medo, incluindo o rei, em razão da presença dos israelitas do outro lado do Jordão.

Então, por ter confiado que Deus haveria de cumprir o que prometera ao povo de Israel, ou seja, que aquela terra seria de fato conquistada por eles, Raabe pediu: “Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra [...]. Agora, peço-vos, jurai-me pelo SENHOR que, como agi com bondade convosco, também

agireis com bondade com a casa de meu pai; e dai-me um sinal seguro de que protegereis a vida de meu pai e minha mãe, como também de meus irmãos e minhas irmãs, com todos os que lhes pertencem, e de que livrareis da morte as nossas vidas”. Aquela cananeia tinha mais fé do que muitos israelitas que morreram no deserto. Nesse mesmo sentido, muito tempo depois Jesus Cristo diria acerca de um romano: “... nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé” (Lc 7.9).

Se fôssemos fazer uma aplicação disso para os nossos dias, seria mais ou menos assim: é possível que haja gente fora da igreja que tenha mais fé e confiança em Deus do que nós, que estamos dentro. Às vezes somos vagarosos para crer nas promessas de Deus ou para viver como deveríamos viver. Fora do povo escolhido de Israel, vemos uma estrangeira que creu nas promessas de Deus e fez uma confissão parecida com esta: Quando vocês entrarem aqui, me protejam, pois Deus vai cumprir o que prometeu.

Os espias e Raabe, então, fizeram o seguinte acordo: se Raabe não os denunciasse, eles dariam a informação a Josué, e no dia da conquista ela e sua família seriam poupadas. Mas como o exército israelita saberia qual era a casa de Raabe? Eles combinaram, então, de pendurar um cordão vermelho na janela. E, é claro, isso contém um simbolismo que desperta a nossa mente messiânica. A ideia do vermelho aponta para o sangue de Jesus, derramado por nossos pecados e para salvar inclusive Raabe — e não faltam sermões falando disso.

Feito o acordo, Raabe desceu os espias pela janela, do alto da muralha, e eles então fugiram da cidade e voltaram para o outro lado do Jordão. Vejamos a continuação da história (v. 22-24):

Eles se foram e chegaram ao monte, onde ficaram três dias, até que os perseguidores voltaram, pois estes os procuraram por todo o caminho, mas não os acharam. Então os dois homens retornaram; eles desceram do monte, atravessaram o rio, chegaram a Josué, filho de Num, e lhe contaram tudo o que havia acontecido com eles. E disseram a Josué: Certamente o SENHOR nos tem entregue nas mãos toda esta terra, pois todos os moradores se derretem de medo diante de nós.

É dessa forma que o capítulo 2 de Josué termina. O fim da história de Raabe vai ser contado somente mais adiante. Os espias mantiveram a sua palavra e, após a tomada de Jericó, Raabe e toda a sua família foram salvas

(6.22-27). Assim, ela entrou para a história bíblica como uma mulher de fé, citada duas vezes por autores do Novo Testamento como exemplo de fé (Hb 11.31; Tg 2.25).

Lições para hoje

Há muitas coisas que podemos aprender com esse episódio surpreendente, e a seguir destaco quatro que me parecem mais importantes e que demonstram o porquê de essa história estar na Bíblia.

A graça de Deus na salvação de pecadores

Como Deus é misericordioso e gracioso! Ele alcança as pessoas mais improváveis. Pensemos nisto: Raabe era uma cananeia e, portanto, fazia parte de um povo que durante quinhentos anos habitava aquela terra e provocava a ira de Deus com idolatria, imoralidade e corrupção. Era uma nação que se encontrava privada da verdade e adorava outros deuses, uma nação cuja destruição iminente por meio de Israel era ordem divina. Ainda por cima, Raabe era uma prostituta, o que se opunha frontalmente aos padrões morais proclamados por Deus ao seu povo. Israel tinha a ordem de destruir os moradores de Jericó justamente por causa da imoralidade. Essas pessoas haviam contaminado e infectado a terra com suas práticas imorais, e era ordem de Deus que Israel destruísse todas elas.

Raabe pode ser considerada, então, o ícone da depravação dos sete povos que moravam naquela terra. Entretanto, ela foi a única em Jericó que chegou ao conhecimento da verdade e foi salva. Deus escolheu para a salvação alguém que simbolizava tudo aquilo que Israel deveria destruir.

A soberania de Deus se revela na salvação de Raabe. Como muitos, ela ouviu histórias, mas diferentemente dos demais, ela creu no que ouviu. Por que essa prostituta e nenhum dos outros em Jericó? Eu não sei, da mesma forma que não sei por que Deus me deu a graça de crer, enquanto nenhum dos meus amigos de adolescência e mocidade crê até o dia de hoje. Por que eu, e não os meus amigos? Por que não Fernando, Del ou Marcos, mas, sim, eu? Sinceramente, não sei.

Sei, no entanto, que a história de Raabe ilustra a soberana graça de Deus em salvar pecadores, aqueles que imaginamos não terem a menor chance. Raabe foi aquela pessoa mais improvável que ouviu e creu.

A providência de Deus na salvação de pecadores

Não tenho a menor dúvida de que Raabe tenha sido eleita para a salvação desde antes da fundação do mundo (Ef 1.4). Ela faz parte daquele grupo sobre o qual a Bíblia diz que Deus o predestinou antes da fundação do universo e o escolheu de acordo com o bom prazer da sua vontade.

Mas uma questão intrigante nessa história é: “Como Deus iria salvar uma eleita perdida lá no meio de Canaã?”. Deus escolheu Raabe desde antes da fundação do mundo, mas também disse que, para ser salva, uma pessoa deve crer, e crer na verdade; contudo, para que creia na verdade, alguém tem de ir até ela para proclamá-la. Ninguém pode ser salvo sem conhecer a verdade. A resposta à questão anterior tem a ver com a profissão que Raabe escolheu e os viajantes que chegaram à cidade por causa dessa escolha e a “evangelizaram”, contando as histórias que tinham ouvido.

Às vezes as pessoas perguntam: “E se houver um índio eleito no meio da floresta Amazônica?”. Pense no caso de Raabe. Deus vai fazer a verdade chegar até lá, de uma forma ou de outra. Não há limites para a providência de Deus; ele tem a história e as circunstâncias nas mãos e faz delas o que quer.

Faz algum tempo, eu estava realizando o culto doméstico com minha esposa e nossa filha mais nova. Estávamos estudando o primeiro livro de Samuel e havíamos chegado ao episódio em que o povo de Israel pede a Deus um rei. A sequência desse fato, estranhamente, fala de como as jumentas de Quis, pai de Saul, haviam se soltado e fugido. Até pensei em um título para um sermão: “Os israelitas pediram um rei, e as jumentas se soltaram”. O que uma coisa tem que ver com a outra?

Se você ler o restante da história, descobrirá que o pai de Saul lhe pede que vá procurar as jumentas logo em seguida. Quando Saul e seu servo estavam quase desistindo de achar os animais, depois de terem procurado em muitos lugares, o servo de Saul se lembra de uma cidade em que havia um profeta chamado Samuel e tem a ideia de ir até lá para perguntar sobre as jumentas. No dia anterior, no entanto, Deus havia aparecido a Samuel e lhe dissera: “Amanhã eu vou mandar à sua porta o rei que o povo está pedindo”.

As jumentas se soltaram, e com isso Saul foi bater à porta de Samuel, que estava pronto para ungi-lo rei sobre Israel. Esse é o Deus que guia todas as circunstâncias segundo sua providência. Nada acontece por acaso, nem mesmo jumentas se soltarem, pois Deus tem planos e projetos para cada acontecimento. Um belo exemplo dessa providência de Deus pode ser visto

mais uma vez aqui na história de Raabe. Vemos como Deus guiou as notícias e os emissários. Tudo chegou a ela, de forma que, quando os espias apareceram em sua casa, ela já estava pronta, já conhecia o Deus de Israel e já cria nele; ela já era uma fiel do povo de Deus.

O poder de Deus na transformação de pessoas

Raabe recebeu de Deus a capacidade de crer. Ela era uma idólatra e provavelmente adorava deuses cananeus, como Baal, Aserá, Astarote, Moloque e Renfã. Agora, no entanto, foi capacitada a acreditar, e não só isso, pois ela também temeu o juízo de Deus que haveria de vir sobre aquela terra. Raabe desejou fazer parte do povo de Deus e estar com ele. Não hesitou em arriscar a vida por esse povo e em renunciar a sua antiga maneira de viver em Canaã: os seus deuses, a sua religião e a sua profissão. Só Deus pode trazer uma transformação dessa ao coração de uma pessoa. Isto é conversão: quando uma pessoa se dispõe a largar uma vida pecaminosa para fazer parte do povo de Deus.

Raabe é mencionada duas vezes no Novo Testamento. A primeira vez na passagem de Hebreus já citada. A segunda menção encontra-se em Tiago 2.25: “De igual modo, a prostituta Raabe não foi também justificada pelas obras, quando acolheu os espias e os fez sair por outro caminho?”. Tiago usa o exemplo de Raabe para indicar a verdadeira fé, que é a que produz obras. Qual obra de Raabe provou que ela tinha fé? Ela arriscou a vida para proteger os dois enviados de Israel, e com isso renunciou à sua nação e se tornou traidora do seu povo, pois ela já havia escolhido a qual povo queria pertencer: o povo de Deus. A atitude dela, diz Tiago, justificou a sua fé verdadeira em Deus, e só ele pode fazer isso no coração de uma pessoa, transformando-a completamente.

A misericórdia de Deus para com seus filhos

Raabe encontrou, de fato, favor da parte dos espias, como já adiantamos anteriormente. Quando chegarmos a Josué 6.22-25, veremos que ela foi salva juntamente com toda a sua família da condenação da cidade. Os demais habitantes de Jericó foram mortos ao fio de espada, mas Raabe e os seus foram poupados, pois Deus teve misericórdia deles. Mais do que isso,

segundo Josué 6.25, ela foi recebida e aceita pelos israelitas como parte do povo de Deus: “Assim Josué poupou a vida da prostituta Raabe, da família de seu pai e de todos os seus; e ela habitou no meio de Israel até o dia de hoje, porque escondera os mensageiros que Josué havia enviado para espionar Jericó”.

A ex-prostituta Raabe habitou no meio de Israel e foi recebida em seu novo povo. Além disso, Raabe se casou e teve um filho, que teve outro filho, que teve outro filho, que foi pai do rei Davi. O rei Davi, por sua vez, teve um filho, que teve outro filho, que teve outro filho... de quem nasceu Jesus Cristo! Que grande misericórdia de Deus! Essa prostituta cananeia entrou na linhagem de Jesus Cristo. Raabe foi tetravó de Davi e ancestral de Jesus, como lemos em Mateus 1.1-16: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão gerou Isaque; Isaque gerou Jacó; Jacó gerou Judá e seus irmãos; Judá gerou, de Tamar, Farés e Zará; Farés gerou Esrom; Esrom gerou Arão; Arão gerou Aminadabe; Aminadabe gerou Nasom; Nasom gerou Salmom; Salmom gerou, *de Raabe*, Boaz; Boaz gerou, de Rute, Obede; Obede gerou Jessé; e Jessé gerou o rei Davi. Davi gerou, daquela que havia sido mulher de Urias, Salomão; [...] Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo”.

Raabe é celebrada entre os judeus até o dia de hoje, e para nós, cristãos, ela se tornou exemplo de fé e obras: alguém que, pela misericórdia de Deus, creu; alguém que agiu mediante a fé.

Conclusão e aplicações

Que encorajamento essa história traz para o trabalho missionário! No início deste capítulo, observei que, às vezes, a igreja se encontra em dificuldades, e parece que o mundo se levanta contra nós, os seus membros; com isso, a igreja parece estar prestes a ser destruída. O Deus de Raabe, no entanto, é o mesmo Deus de hoje e ele continua fazendo o impossível, sempre nos surpreendendo. Quando menos esperamos, algo acontece.

Eu me lembro de que, quando era pastor na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, aconteceu um acampamento de jovens organizado por um pastor que estava plantando uma igreja entre viciados em drogas na cidade de Olinda. Conseguimos arranjar um local e um ônibus, e começamos a convidar jovens viciados, a grande maioria descrente.

Eu estava especialmente interessado em dois desses jovens. Um deles, chamado Edélson, fumava maconha, bebia muito, era um problema em casa. Vivia apanhando da polícia na rua; e, quando ia para casa, apanhava também. O outro era um rapaz que havia demonstrado muito interesse no evangelho, que era muito certinho e já estava começando a servir aos outros. Eu olhei para o Edélson e pensei: “Esse cara vai dar trabalho no acampamento”.

Não deu outra: o rapaz aprontou e bagunçou o tempo todo, e eu dizia no meu coração: “Esse aí não tem jeito...”. No último dia, no culto da fogueira, adivinhe quem tomou a decisão por Cristo? Ambos os jovens! Depois disso, resolvi me concentrar no Edélson, com a íntima certeza de que não iria adiantar nada. Resumindo, o que aconteceu em seguida foi que, em uma semana, o rapaz certinho desapareceu, e o Edélson tornou-se pastor presbiteriano.

Depois dessa, eu disse a Deus: “Nunca mais vou julgar pela aparência”. Edélson é hoje um pastor muito abençoado por Deus em Pernambuco, onde serve a Deus em sua comunidade.

Que encorajamento, então, para o trabalho missionário saber que há um Deus que alcança os indivíduos que são considerados os piores. Não devemos, portanto, jamais desistir das pessoas nem julgá-las pela aparência.

Quero registrar também uma palavra de encorajamento para os pais em relação aos seus filhos: não desistam. Às vezes os filhos podem passar por períodos difíceis de afastamento (eu mesmo fui um desses). Mas, depois, a

misericórdia de Deus e o seu amor nos trazem os filhos de volta, e assim queira ele fazer com cada um de nós.

SIGAMOS NOSSO DEUS

Josué 3

Esse terceiro capítulo de Josué é muito conhecido, pois fala da travessia do Rio Jordão pelos israelitas, quando eles primeiro entraram na Terra Prometida. Trata-se de um símbolo da vitória que nos foi prometida e que podemos encontrar em Deus em meio às dificuldades da vida.

Todos nós encontramos muitos problemas, barreiras e obstáculos no caminho da nossa Canaã celestial. Somos peregrinos sem lar aqui neste mundo. Quem bem capturou esse aspecto da vida do cristão foi John Bunyan, há alguns séculos, quando escreveu o que se tornou não só um clássico da literatura religiosa, mas da literatura mundial, *O peregrino*, uma alegoria em que o autor narra o progresso de Cristão, desde a sua conversão até ser recebido no lar celestial.

No Novo Testamento, a peregrinação do povo de Israel e a entrada na terra de Canaã, bem como sua ocupação, são apresentadas como tipos e ilustrações da nossa peregrinação neste mundo. O Novo Testamento encara aqueles quarenta anos no deserto, a travessia do Jordão e a ocupação da terra como tipos e figuras que trazem lições valiosas para a nossa peregrinação espiritual hoje, milhares de anos depois.

A travessia do Jordão é o primeiro obstáculo a ser vencido pela nação de Israel, quando, depois de quarenta anos no deserto, o povo se aproxima da Terra Prometida. Vejamos a situação em que os israelitas se encontravam, para depois extrair algumas lições dela.

Os israelitas estavam acampados defronte ao rio Jordão e diante de Jericó, depois de Josué ter movido o acampamento deles de Sitim até aquela região. O Jordão era um obstáculo natural, intransponível do ponto de vista humano. Era época de colheita, e o rio estava transbordando. O rio não dava vau, ou

seja, não havia nenhum ponto onde as águas estivessem rasas, e eles não dispunham de barcos, não tinham como fazer pontes e não eram todos os que poderiam nadar. Naquela época do ano, não fazia frio a ponto de congelar a água para que pudessem arriscar a travessia sobre o gelo. Além disso, estavam ali cerca de um milhão de pessoas.

Além de ser um obstáculo natural, o Jordão representava um desafio espiritual para o povo de Israel, porque era a única coisa entre eles e a Terra Prometida; assim, o rio marcava o limite entre o passado — a escravidão, o Egito e os quarenta anos no deserto — e o futuro — a liberdade e o descanso prometidos por Deus. Nesse sentido, o Jordão acaba sendo para nós uma figura das dificuldades e dos obstáculos que encontramos à medida que buscamos progredir e nos apropriar daquilo que Deus prometeu.

A travessia do Jordão

A mudança do acampamento (3.1)

O relato da travessia contém cinco partes. A primeira parte, no versículo 1, mostra como Josué muda o acampamento do povo de um lugar chamado Sitim, no vale das Acácias, até as margens do Jordão, em frente a Jericó.

Josué levantou-se de madrugada e, partindo de Sitim com todos os israelitas, chegaram ao Jordão; e ficaram ali, antes de atravessá-lo.

O povo estava acampado em Sitim, a alguns quilômetros das margens. De madrugada, então, Josué traz todo o povo para a beira do rio, no local que ficava bem na frente de Jericó.

Os preparativos para a travessia (3.2-6)

A segunda parte do texto trata de três preparativos para a travessia do Jordão que foram ordenados pelos oficiais do povo juntamente com Josué.

E sucedeu, ao fim de três dias, que os oficiais passaram pelo meio do acampamento, e ordenaram ao povo: Quando virdes a arca da aliança do SENHOR, vosso Deus, sendo levada pelos sacerdotes levitas, partireis do vosso lugar e a seguireis. Contudo, conservai entre vós e ela uma distância de dois mil côvados, e não vos aproximeis dela. Assim sabereis o caminho pelo qual haveis de ir, porque por esse caminho nunca passastes. E Josué disse ao povo: Santificai-vos, porque amanhã o SENHOR fará maravilhas no meio de vós. E Josué falou aos sacerdotes: Levantai a arca da aliança e passai adiante do povo. Eles levantaram a arca da aliança e foram andando adiante do povo.

Israel recebe três instruções para atravessar o Jordão. Na primeira delas, o povo é orientado a seguir a Arca da Aliança (3.2-4). Trata-se de um baú de

madeira coberto de ouro e com dois querubins talhados em ouro, que simbolizava a presença de Deus. Dentro dela estavam as tábuas da lei e mais alguns objetos que simbolizavam a aliança de Deus com a nação israelita. A arca era um símbolo não só da presença de Deus, mas também da aliança que Deus tinha com seu povo.

Josué disse a todos que seguissem a Arca da Aliança, prestando atenção no momento em que ela fosse levantada e entrasse no rio. O povo deveria manter uma distância de dois mil côvados (pouco menos de um quilômetro), para que ficasse muito clara a presença da Arca à frente deles.

Com isso, Josué estava querendo dizer que era Deus quem abriria o rio, indo adiante deles e lhes dando a vitória, e que isso era baseado na aliança que o Senhor tinha com o seu povo. A primeira instrução aponta para este princípio: a nossa vitória vem de Deus e temos de segui-lo. Também é dito no versículo 4 que o povo não deveria chegar muito perto da Arca, porque tratava-se de um símbolo da presença de Deus, e somente os levitas poderiam tocá-la. O povo deveria manter uma distância respeitosa, porque, embora à frente estivesse o Deus libertador de Israel, ele era também o Deus do universo, todo-poderoso e santo.

A segunda instrução determinava que o povo deveria se santificar (3.5). *Santificai-vos*, aqui, significava que eles deveriam deixar todos os ídolos que porventura ainda restassem e passar a noite em reflexão e em comunhão com Deus e com suas famílias, em preparação para o grande evento no dia seguinte. Os israelitas haviam passado quarenta anos no deserto e, tendo saído do Egito, onde haviam adorado outros deuses, a luta constante de Moisés era que parassem de adorar os deuses daquela terra e passassem a adorar somente a Deus.

Ali, na beira do rio, ainda havia restos de idolatria; ainda havia quem adorasse aqueles deuses do Egito. Ali estavam os filhos da geração idólatra que tinha vivido na terra do faraó e que perecera no deserto. Os pais morreram, mas muitos de seus filhos continuaram a servir aos deuses pagãos. A idolatria nunca abandonou de fato a nação de Israel até o Cativoiro Babilônico.

No dia seguinte, Deus lhes daria uma grande vitória e mostraria o seu grande poder, mas deveria ficar claro que era Deus que estava fazendo aquilo. Por isso os deuses estranhos que ainda restavam tinham de ser abandonados, para que a glória fosse só de Deus. “Santificai-vos, porque amanhã o SENHOR fará maravilhas no meio de vós”. A maravilha era exatamente a

abertura do rio Jordão.

Na terceira orientação de Josué, os sacerdotes são encarregados de direcionar a caravana (3.6). Só os sacerdotes podiam transportar a Arca, e isso deveria ser feito de maneira especial. Havia dois varais colocados em argolas ao lado da Arca, que deveriam ser apoiados sobre as costas de levitas para que a Arca fosse transportada. Então, os levitas seguiriam na direção determinada por Deus. Apenas os sacerdotes tinham permissão de tocar na Arca e se aproximar dela, pois ela simbolizava a presença de Deus, ao passo que eles simbolizavam a necessidade de um mediador — o povo não podia chegar à presença de Deus e precisava do ministério dos sacerdotes.

Tudo isso, é claro, apontava para a mediação de Jesus Cristo, o nosso sacerdote que ofereceu um sacrifício completo, verdadeiro, único e suficiente por nós. Por isso não temos mais mediadores hoje. Pastores não são mediadores entre Deus e seu povo, mas Jesus Cristo, sim, é o único mediador. Achegamo-nos a Deus através da pessoa de Cristo, e tudo isso estava simbolizado naquele ritual que Josué preparou. Assim, em resumo, primeiro: seguir a Arca, que guardava as tábuas da Lei e onde era derramado o sangue da propiciação pelos pecados de Israel; segundo: se santificar para a grande vitória de Deus; e terceiro: seguir as orientações dos levitas, responsáveis pelos sacrifícios dos animais para remissão de pecados e que iam à frente, levando a Arca.

A confirmação de Josué (3.7,8)

Na terceira parte da passagem, Deus aparece a Josué e o confirma como general dos seus exércitos.

Então o SENHOR disse a Josué: Hoje começarei a honrar-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, assim como estive com Moisés, estarei contigo. E tu ordenarás aos sacerdotes que levam a arca da aliança: Quando chegardes à beira das águas do Jordão, aí parareis.

Deus aparece a Josué mais uma vez, e mais uma vez o encoraja dizendo que vai engrandecê-lo diante do povo, mostrando que está com ele assim como esteve com Moisés. Era preciso que Deus fizesse isso, pois o povo precisava de uma liderança segura e firme como fora Moisés durante

quarenta anos no deserto. Assim como Deus havia sido com Moisés, seria agora com Josué, pois ninguém é insubstituível — assim que Moisés morreu, Deus levantou Josué; e assim que Josué morreu, Deus levantou outros líderes. Não há pessoas insubstituíveis no povo de Deus; ele sempre levanta uma nova geração para levar avante a sua obra.

Isso é muito importante, especialmente por existir em nosso país a tendência entre os evangélicos de se focar muito no líder fundador da igreja ou de um ministério (ou no pastor atual), e de desenvolver uma atitude como se a vida espiritual deles dependesse desse líder, se ele está em pé ou cai. Devemos lembrar que somos meros instrumentos nas mãos de Deus; ele é eterno, e sua idade não se pode calcular. Antes de nascermos, ele já existia, e existirá eternamente.

Quando chega o nosso tempo de partir, depois de termos servido à nossa própria geração, Deus levanta outros servos seus. Ele age assim para que não dependamos de homens e não ponhamos neles a nossa confiança, mas somente nele, que é o dono da igreja.

No entanto, naquele momento era preciso que Josué fosse engrandecido e tivesse a sua liderança consolidada, pois é assim que Deus leva adiante a sua obra, levantando homens que ele coloca para liderar seu povo. É preciso destacar, porém, que o engrandecimento de Josué não significava o engrandecimento de sua pessoa, mas de Deus através de sua vida. Ao usar Josué de maneira extraordinária, Deus estava glorificando a si mesmo, e não a seu servo. O foco sempre foi e sempre será o Deus de Israel, e não os líderes que ele levanta para realizar sua obra neste mundo.

O anúncio de Josué (3.9-13)

A quarta parte do texto registra o anúncio daquilo que Deus realizará no momento da travessia.

Então Josué disse aos israelitas: Aproximai-vos e ouvi as palavras do SENHOR, vosso Deus. E acrescentou: Desse modo sabereis que o Deus vivo está no meio de vós e que certamente expulsará de diante de vós os cananeus, os heteus, os heveus, os perizeus, os girgaseus, os amorreus e os jebuseus. Atenção! A arca da aliança do Senhor de toda a terra passará adiante de vós para o meio do Jordão. Tomai agora doze homens

das tribos de Israel, um homem de cada tribo. Assim que as plantas dos pés dos sacerdotes que levam a arca do SENHOR, o Senhor de toda a terra, pisarem nas águas do Jordão, elas serão interrompidas, isto é, as águas que descem pararão e ficarão amontoadas.

A explicação de Josué, descrevendo esse ritual dos levitas chegando à margem do rio e colocando nele os pés, com o povo os seguindo pela fé, esperando o momento de o rio se abrir, tinha alguns objetivos. O primeiro e maior deles era mostrar que Deus estava no meio de seu povo, como diz o versículo 10. Temos de nos conscientizar de como isso era importante para eles. Israel era um povo nômade, e a maior parte dos israelitas que ali estavam havia nascido no deserto. Eles não possuíam armas, não eram homens de guerra e não tinham sido treinados para a batalha, mas, apesar disso, teriam de lutar contra os cananeus, heteus etc. Tratava-se de povos que já estavam naquela terra havia mais de quinhentos anos, com cidades fortalecidas por muralhas entrincheiradas, exércitos e armamento. Com tantas adversidades, desapossar os povos e tomar aquela terra era uma tarefa sobre-humana.

Por esses motivos, a travessia do rio Jordão de forma miraculosa era importante, porque se Deus era capaz de abrir assim o rio, a ponto de o povo atravessá-lo a pé enxuto, ele também seria capaz de dar-lhes aquela terra como prometera — quem pode o maior, pode o menor. Se Deus podia fazer esse milagre, não seria muito para ele dar a vitória contra inimigos mais poderosos. Por isso essa ênfase tão grande na travessia do rio Jordão. Com esse sinal, os israelitas poderiam saber que Deus estava no meio deles e poderiam ver, mais uma vez, que ele cumpre o que promete.

Outro ponto é o destaque que Josué dá à Arca da Aliança. Ele está levando o povo a se lembrar de que Deus tem uma aliança com eles. O Deus de Israel, que chamou Abraão, Isaque e Jacó, os separou dos demais povos, fez-lhes grandes promessas, abençoou-os e prometeu-lhes um descanso para a vinda daquele que seria o salvador do mundo. A Arca da Aliança não vai no meio do povo por mérito deste, mas por causa do amor de Deus que elegeu Israel e que, pela graça, o escolheu.

A travessia (3.14-17)

A quinta parte do texto é o relato da travessia do Jordão propriamente dita.

Quando o povo partiu das suas tendas para atravessar o Jordão, os sacerdotes foram levando a arca da aliança adiante do povo, e quando os que levavam a arca chegaram ao Jordão, e os seus pés entraram nas águas (o Jordão transbordava em todas as suas margens durante todos os dias da colheita), as águas que desciam pararam e ficaram amontoadas, muito longe, à altura de Adã, cidade que está junto a Zaretã; e as águas que desciam ao mar da Arabá, que é o mar Salgado, foram de todo interrompidas. Então o povo passou bem em frente de Jericó. Os sacerdotes que levavam a arca da aliança do SENHOR pararam em seco no meio do Jordão, e todo o Israel fez a travessia a pé enxuto, até que todo o povo acabou de atravessar o Jordão.

Aqui está o relato desse grande milagre que Deus fez, um sinal extraordinário de Deus para aquele povo. Os sacerdotes colocaram os pés na água, e de repente as águas pararam de correr e se amontoaram à altura de uma cidade chamada Adã. Os arqueólogos dizem que essa cidade ficava vinte quilômetros rio acima. Normalmente pensamos que as águas pararam logo ali ao lado de onde estavam os israelitas, mas, na verdade, pararam bem antes, e o rio veio secando até o Mar Morto, que ficava bem mais abaixo.

Abriu-se, então, um vau de mais de vinte quilômetros para que um milhão de israelitas passassem. Os sacerdotes foram à frente e, quando chegaram no meio do leito do rio, pararam. E, depois, todo o povo atravessou. Note o detalhe no final do versículo 16: “Então o povo passou bem em frente de Jericó”. Por que Deus escolheu aquele lugar? Para que o povo de Jericó visse. Para que os inimigos vissem o que Deus estava fazendo.

O efeito disso — como veremos mais adiante — está no capítulo 5, versículo 1: “Quando todos os reis dos amorreus que estavam a oeste do Jordão e todos os reis dos cananeus que estavam ao lado do mar ouviram que o SENHOR havia secado as águas do Jordão perante os israelitas até que o atraverrassem, o coração deles se derreteu de medo, ficaram sem ânimo, por causa dos israelitas”.

Os inimigos sabiam que nada podiam e que não tinham forças contra esse Deus que abriu o rio para que um milhão de israelitas passassem. É como se os reis desses povos dissessem uns aos outros: “Os nossos deuses são fichinha perante esse Deus de Israel. Nenhum dos nossos deuses jamais fez

uma coisa dessa! Astarote, Renfã, Moloque... nenhum deles jamais realizou um sinal assim. Como é que vamos poder resistir ao povo que tem um Deus como esse?”.

Toda essa narrativa é mais do que uma história para nós, pois dela podemos aprender valiosas lições. Há um elemento histórico aqui que não se repete. Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente, e pode abrir ao meio qualquer rio brasileiro para que seu povo passe sem molhar os pés, mas ninguém espera que ele faça isso hoje. A travessia do Jordão foi um fato histórico que não se repete, pois Deus a realizou com uma intenção salvífico-redentora. O episódio faz parte dos atos poderosos de Deus na história da redenção, em que ele manifesta a sua glória.

Deus é o mesmo, mas isso não quer dizer que ele aja da mesma maneira sempre. Em períodos específicos da história, ele fez grandes sinais e prodígios que foram registrados na Bíblia para que, anos depois, pudéssemos ler a respeito deles e dizer: “Esse é o Deus em que cremos, o qual mandou o seu Filho para ser meu redentor que vai à frente, abrindo as portas para que eu possa passar”.

Há um sentido, então, em que esse texto é histórico e mostra que Deus haverá de cumprir suas promessas, mas há também um sentido em que o texto serve para trazer princípios para a nossa vida. Primeiramente, porque é o mesmo Deus. Depois, porque é a mesma aliança e somos o mesmo povo da aliança. Os que creem em Jesus Cristo, a igreja verdadeira de Deus, são a continuação espiritual da nação de Israel. São os mesmos pactos, as mesmas promessas e as mesmas dificuldades; portanto, os princípios que aparecem aqui na travessia do Jordão podem ser usados para nos mostrar como podemos enfrentar os momentos de aflição e dificuldades que encontramos na nossa vida.

Lições para hoje

Sempre devemos seguir a Deus nos momentos de aflição e dificuldade

Como vimos, Josué chamou a atenção do povo para a presença da Arca, dizendo: “Vocês vão seguir a Arca, mantendo uma distância para que ela fique bem visível. Quando a Arca atravessar o rio, vocês atravessam atrás”.

Isso nos ensina algumas coisas. Primeiro, que Deus tem uma aliança conosco, como já foi dito, em que ele promete nos proteger, nos guardar, nos abençoar e nos dar a vida eterna. A única condição é que creiamos no seu Filho, Jesus Cristo, e vivamos neste mundo para a sua glória.

Deus nos dá dois símbolos dessa aliança, que são o batismo e a ceia do Senhor, e o selo — porque toda aliança tem que ser selada —, que é o sangue de Cristo. Na ceia, o que dizemos quando repetimos as palavras de Jesus? “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados” (Mt 26.28). Somos o povo da aliança, e isso nos assegura das promessas de Deus.

Deus vai à nossa frente para nos guiar e mostrar o caminho, e essa é a primeira lição que aprendemos com essa passagem. Deus vai nos conduzir, e ele não apenas nos dirige, mas também nos dará a vitória sobre as dificuldades que encontramos aqui. Mas a Arca não está mais entre nós, e ele não aparece mais em uma coluna de fogo de noite nem em uma nuvem durante o dia. Como seguir a Deus sem saber que caminho tomar?

Deus se revela a nós pela sua Palavra e pelo seu Espírito, e fala conosco pelas circunstâncias. Podemos ouvir a sua voz entendendo a sua Palavra escrita, humildemente refletindo diante dele em oração e nos submetendo ao caminho que ele traçou para nós.

Muitas vezes, enfrentamos escolhas e nos precipitamos, sem esperar para ouvir a Deus e saber para onde ele está nos guiando. Fazemos o que parece ser a solução mais óbvia ou mais rápida, o que dói menos ou o que custa menos, quando Deus pode querer nos guiar por outro caminho, no qual a glória dele vai ficar mais clara.

Diante, por exemplo, da crise econômica que se instala em nosso país, o

medo e o temor podem se instalar no nosso coração, e pessoas atemorizadas, que não confiam em Deus, podem tomar decisões precipitadas. Temos de esperar e buscar a orientação de Deus. Qual é o caminho para cruzar o rio Jordão? O que vai mais glorificá-lo? Por onde ele quer nos conduzir?

Muitos cristãos, na hora da dificuldade, agem exatamente como os não cristãos e tomam decisões baseadas apenas em questões materiais, humanas e circunstanciais, esquecendo esse princípio claro de que Deus guia o seu povo, dando-lhe a direção: “Entrega teu caminho ao SENHOR; confia nele, e ele tudo fará” (Sl 37.5); “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará. Ele [...] guia-me para as águas tranquilas” (Sl 23.1,2). A Bíblia está cheia de orientações a respeito disso, que esquecemos na hora da crise, da dificuldade e do problema. Sigamos a Deus, portanto; essa é a primeira lição que podemos extrair desse texto maravilhoso.

É necessário nos santificarmos como preparação para o agir poderoso de Deus

É isto que Josué está dizendo: “Santificai-vos, porque amanhã o SENHOR fará maravilhas no meio de vós”. O que é santificar-se? É se separar de tudo o que é contrário a Deus, é se consagrar e se dedicar a ele. Geralmente é um processo, mas às vezes, diante de uma crise, é necessária uma atitude séria e radical em sua vida. Devemos confessar os pecados que precisam ser confessados; mudar atitudes e hábitos que devem ser mudados; buscar a reconciliação com quem temos de nos reconciliar.

Se desejamos possuir a terra, primeiro é preciso que Deus nos possua. A santificação é necessária, diante da perspectiva da atuação de Deus, para que, quando vier o livramento, fique claro que Deus não abençoa o erro e o pecado. Já pensou se Deus fosse abrir o rio Jordão diante de um povo que era adorador de Moloque, Astarote e Baal? Para quem iria a glória? Certamente para aqueles falsos deuses! Deve ficar claro que a glória pertence ao Senhor. Por isso ele tem de ser o único em sua vida. Você quer vitória, libertação e caminho aberto? “Santifique-se, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no nosso meio”.

Entretanto, ficamos pedindo bênção, bênção, bênção, vitória, vitória e vitória, mas a nossa vida continua do mesmo jeito. Esquecemo-nos de que Deus tem prazer em abençoar um povo santo, formado por pessoas que se

arrependem, que estão dispostas a mudar e a transformar o seu procedimento e dizer: “Eu quero viver para a tua glória, Senhor Deus”, para que assim fique claro que Deus ama e deseja a santidade.

Precisamos agir e decidir

Deus abriu o rio, mas o povo teve de atravessá-lo. Às vezes há uma inércia espiritual no meio do povo de Deus. Quando as oportunidades estão diante de nós, quando Deus abre o rio, devemos atravessar.

Eu me lembro de uma história contada por Ronald Reagan, conhecido ex-presidente americano. Ele disse que, quando ainda jovem, era muito indeciso, e em certo momento precisou de um par de sapatos. Foi ao sapateiro de seu bairro e encomendou um par de calçados pretos de couro. O sapateiro perguntou:

— Bico quadrado ou redondo?

Reagan respondeu:

— Não consigo decidir.

O sapateiro então decidiu começar a trabalhar no sapato e pediu a Reagan que voltasse em uma semana. Na semana seguinte, o rapaz voltou e o sapateiro fez a mesma pergunta, e novamente Reagan não sabia a resposta. O sapateiro pediu então que Reagan voltasse novamente na outra semana. Quando ele voltou, o sapateiro havia feito um pé com bico redondo e outro com bico quadrado.

Se você não toma a decisão, alguém vai tomar por você. Deus abre o rio, mas você tem de entrar, e entrar firme, pela fé, seguindo a Palavra de Deus e o caminho que ele mostrou, confiando que ele haverá de cumprir todas as suas promessas.

Conclusão e aplicações

Termino este capítulo com uma palavra aos irmãos que estão abatidos, vencidos e desanimados diante de algum Jordão da vida. Eu gostaria que você olhasse para todo o seu sofrimento e toda a sua dificuldade à luz do que está nesse texto que acabamos de estudar. É o mesmo Deus; ele não mudou. Ele é o Deus todo-poderoso e é chamado várias vezes nessa passagem de o Senhor de toda a terra; ele é chamado de Deus vivo. Ele não mudou.

Em vez de olhar para as dificuldades e angústias e se concentrar nelas, olhe para o Deus com quem você tem uma aliança, que entrou em aliança com você mediante Jesus Cristo. Renove esse pacto e diga: “Senhor, tu és de fato o meu Deus. Se não poupaste o teu próprio Filho, antes o entregaste por mim, como não me darás, juntamente com ele, todas as coisas?”.

Disponha-se a obedecer à sua Palavra. Boa parte dos problemas que criamos para nós mesmos neste mundo surge porque desobedecemos a princípios claros da Palavra de Deus a respeito de como viver, como ganhar o pão, como nos divertir, com quem nos relacionar, com quem casar etc. Boa parte dos problemas é resultado de desobediência ou descaso para com a Palavra de Deus. Então, resolva que você vai colocar a sua vida em ordem diante desse Senhor e vai começar a andar com ele pela fé. Santifique-se e viva, então, para a glória de Deus.

AS DOZE PEDRAS

Josué 4

O livro de Josué sempre foi muito apreciado pelos cristãos e muito citado no Novo Testamento, pois ele mostra como Deus age em favor do seu povo. Também aprendemos princípios para um relacionamento correto com Deus, a fim de experimentar uma vida cristã vitoriosa.

Neste capítulo apresentarei mais um princípio encontrado no livro de Josué que pode ser aplicado em nossa vida cristã: Deus sempre toma providência para que seus grandes feitos não fiquem esquecidos.

O memorial das doze pedras tiradas do Jordão

Vimos até aqui que Deus mandou, através de Josué, que os sacerdotes do povo de Israel, portando a Arca, entrassem no rio, pois suas águas haveriam de se abrir. Os sacerdotes tomaram a arca, colocaram os pés na ribanceira do Jordão, e quando fizeram isso, vinte quilômetros acima, o rio se ajuntou em um montão e veio secando até que o povo — em número de um milhão — pôde atravessá-lo a pé enxuto.

Enquanto o povo passava, nos diz Josué 3.17, os sacerdotes ficaram em pé, no meio do leito do rio, segurando a Arca, e todos passaram naquela mesma noite (conforme Josué 4.3). Deus então mandou doze homens (um de cada tribo de Israel), escolhidos previamente, tomarem doze pedras do fundo do rio onde os sacerdotes estavam e levá-las, nas costas, ao acampamento que ficava já na Palestina, do outro lado do Jordão.

Vamos examinar o relato, passo a passo, tratando cada parte por sua vez. Começemos com 4.1-8:

Assim que todo o povo acabou de atravessar o Jordão, o SENHOR falou a Josué: Tomai doze homens dentre o povo, um homem de cada tribo; e ordenai-lhes: Do meio do Jordão, do lugar onde pararam os pés dos sacerdotes, tirai dali doze pedras, levai-as convosco para o outro lado e colocai-as no lugar em que haveis de passar esta noite. Josué chamou os doze homens que escolhera dos israelitas, um homem de cada tribo; e disse-lhes: Passai adiante da arca do SENHOR, vosso Deus, ao meio do Jordão, e cada um levante uma pedra sobre o ombro, segundo o número das tribos dos israelitas; e isto será por sinal entre vós; e quando vossos filhos no futuro perguntarem: Que significam estas pedras?, direis a eles que as águas do Jordão foram interrompidas diante da arca da aliança do SENHOR; quando ela passou pelo Jordão, as águas foram interrompidas; e estas pedras serão para sempre um memorial aos israelitas. E os israelitas fizeram como Josué havia ordenado: levantaram doze pedras do meio do Jordão como o SENHOR havia falado a Josué, segundo o número das tribos dos israelitas; eles as levaram consigo ao lugar em que pisaram e as colocaram ali.

Depois que os doze homens levaram as doze pedras para o acampamento do outro lado do Jordão, Josué mandou que eles levantassem outro montão de doze pedras lá no leito do rio, onde os sacerdotes haviam ficado. Diz o texto (4.9-14):

Josué amontoou também doze pedras no meio do Jordão, no lugar em que pararam os pés dos sacerdotes que levavam a arca da aliança; e ali estão até o dia de hoje [dia em que o livro foi escrito por Josué]. Pois os sacerdotes que levavam a arca pararam no meio do Jordão, até que se cumpriu tudo o que o SENHOR mandara Josué dizer ao povo, conforme tudo o que Moisés havia ordenado a Josué. E o povo apressou-se e atravessou. Assim que todo o povo acabou de atravessar, a arca do SENHOR e os sacerdotes atravessaram, à vista do povo. E os filhos de Rúben, os filhos de Gade e a meia-tribo de Manassés [as tribos que haviam pedido herança do primeiro lado do rio foram, portanto, à frente para a conquista armada, conforme dizia o acordo com Moisés] atravessaram, armados, adiante dos demais israelitas, como Moisés lhes tinha dito. Por volta de quarenta mil homens prontos para a guerra passaram diante do SENHOR, rumo às planícies de Jericó. Naquele dia o SENHOR honrou Josué aos olhos de todo o Israel; e eles o respeitaram como haviam respeitado Moisés, por todos os dias da sua vida.”

Depois que todos passaram, houve o memorial das 24 pedras (doze no acampamento e doze no leito), os sacerdotes saíram do Jordão e o rio voltou a correr normalmente. Diz o texto (4.15-18):

Depois o SENHOR falou a Josué: Dá ordem aos sacerdotes que levam a arca do testemunho, que saiam do Jordão. De modo que Josué deu esta ordem aos sacerdotes: Sai do Jordão. E aconteceu que, quando os sacerdotes que levavam a arca da aliança do SENHOR saíram do meio do Jordão, e as plantas dos seus pés pisaram em terra seca, as águas do Jordão voltaram ao seu lugar e transbordaram em todas as suas margens, como antes.

Nos versículos seguintes, Josué toma aquelas pedras que foram tiradas do coração do leito do rio e as ajunta, formando um monumento no acampamento em Gilgal, que ficava a mais ou menos três quilômetros de

distância de Jericó. Ele, então, faz uma pregação ao povo (4.19-24):

O povo saiu do Jordão no dia dez do primeiro mês e acampou em Gilgal, ao oriente de Jericó. E, em Gilgal, Josué levantou as doze pedras, que haviam tirado do Jordão, e falou aos israelitas: No futuro, quando vossos filhos perguntarem a seus pais: Que significam estas pedras?, contareis a vossos filhos, dizendo: Israel atravessou este Jordão a pé enxuto. Porque o SENHOR, vosso Deus, fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que atravessásseis, assim como fez ao mar Vermelho, ao qual fez secar perante nós, até que o atravessássemos; para que todos os povos da terra saibam que a mão do SENHOR é forte; a fim de que também temais o SENHOR, vosso Deus, para sempre.

O texto é muito rico em lições, mas o centro da narrativa são as doze pedras que foram tiradas do leito do rio e erigidas em monumento em Gilgal, na presença de todo o povo e em frente à cidade de Jericó.

Mas por que Deus mandou que Josué retirasse doze pedras do leito do Jordão para que, quando chegasse, fizesse um monumento com elas? Podemos pensar em pelo menos três razões ligadas ao povo de Israel. Primeiramente, aquele monumento serviria para manter viva na mente dos israelitas aquela ocasião histórica e única. É o que está dito em Josué 4.6,7: “e isto será por sinal entre vós; e quando vossos filhos no futuro perguntarem: Que significam estas pedras?, direis a eles que as águas do Jordão foram interrompidas diante da arca da aliança do SENHOR; quando ela passou pelo Jordão, as águas foram interrompidas; e estas pedras serão para sempre um memorial aos israelitas”.

É óbvio, então, que a primeira intenção de Deus era que aquela coluna servisse para manter na memória do povo aquilo que ele havia feito.

Depois, o monumento serviria de ensino para as futuras gerações: “... e falou aos israelitas: No futuro, quando vossos filhos perguntarem a seus pais: Que significam estas pedras?, contareis a vossos filhos, dizendo: Israel atravessou este Jordão a pé enxuto. Porque o SENHOR, vosso Deus, fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que atravessásseis, assim como fez ao mar Vermelho, ao qual fez secar perante nós, até que o atravessássemos...” (v. 21-23).

Isso é repetido no começo e no final do capítulo, pois Deus não queria um memorial somente para que aquela geração se lembrasse da travessia do

Jordão a pé enxuto, mas para que servisse de ensino para os filhos, que não testemunharam o episódio. Aquelas pedras serviriam como base para uma lição de história, representando o que acontecera ao povo antes de seus filhos nascerem.

Existe também uma terceira razão: aquele memorial serviria de testemunho aos povos inimigos do poder de Deus: “para que todos os povos da terra saibam que a mão do SENHOR é forte; a fim de que também temais o SENHOR, vosso Deus, para sempre” (v. 24).

O memorial de pedras ficaria ali também para lembrar que o Deus de Israel era mais forte que os deuses de Canaã, e que não havia nenhum outro Deus semelhante a ele.

O que é que tudo isso tem a ver conosco, no entanto? Será que essas doze pedras representam algo para nós nessa história? Não sabemos nem mais onde elas estão; depois de quatro mil anos ou mais, elas provavelmente já se deslocaram do coração do leito do Jordão, e o memorial de pedras em Gilgal não existe mais.

Lições para hoje

Nós não precisamos desse memorial, no entanto, porque a história está reservada em um monumento mais perene, que é a Escritura. As doze pedras e sua história estão no livro que é a revelação eterna do Todo-Poderoso. Vejamos o que elas têm a nos ensinar:

O nosso Deus é todo-poderoso

Os milagres dos quais a Bíblia fala aconteceram; trata-se de fatos históricos, e não de mitos ou lendas. Não foram invenção da nação de Israel. Veja que o autor se preocupa em dar os detalhes relativos a datas e distâncias, por exemplo. Há detalhes que revelam que quem escreveu viu e foi testemunha pessoal do milagre.

Quando lemos as lendas de criação do mundo, como a de Gilgamesh, da Babilônia, ou do Egito, percebemos claramente seu caráter mitológico, e que a narrativa não está ancorada na história. Quando lemos os relatos bíblicos, porém, há detalhes sobre datas, locais e fatos históricos da época. Aquelas doze pedras, então, nos fazem lembrar que o nosso Deus é todo-poderoso. Ele intervém, abre rios e mares e faz o que quer — nada lhe é impossível.

Apesar de ser todo-poderoso, nosso Deus não faz os mesmos milagres todos os dias

Para que Deus não precise ficar abrindo rios todos os dias, ele abre um e faz um memorial. Sei que muita gente quer que Deus faça milagres diariamente, mas grande parte dos milagres bíblicos está relacionada à história da redenção. Deus agiu dessa maneira na história até que ela culminasse na vinda de seu Filho, a sua revelação final.

Não esperamos que Deus faça hoje milagres desse tipo, como abrir um rio para a passagem de um milhão de pessoas; fazer chover pão do céu por quarenta anos para sustentar um povo no deserto; ou fazer com que o Sol pare. Embora ele seja poderoso, não esperamos que ele faça tais coisas,

porque essas revelações extraordinárias faziam parte do plano de Deus de se revelar progressivamente, preparando a história para o acontecimento mais miraculoso de todos, que foi quando Deus tomou forma humana e veio habitar entre nós, sendo esta sua maior e última revelação.

Não estou negando que Deus possa fazer milagres extraordinários, mas estou dizendo que ele não promete realizá-los hoje. E é por isso que temos o memorial que é a Bíblia, um registro desses sinais, para que, quando a lermos, nos lembremos do Deus todo-poderoso e creiamos nele.

Corremos o risco de esquecer de Deus e de seus atos

Se lembrar fosse fácil e natural, Deus não teria mandado erguer um monumento para que o povo se lembrasse do que aconteceu. Sabemos, no entanto, a facilidade que temos para nos esquecer das coisas grandes que Deus fez. Tanto é que na geração seguinte à de Josué, que já é a geração dos juízes (você pode ler o livro na sequência de Josué), a realidade era outra: "... surgiu outra geração que não conhecia o SENHOR, nem o que ele havia feito por Israel. Então os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do SENHOR e cultuaram os baalins. Abandonaram o SENHOR, Deus de seus pais, que os havia tirado da terra do Egito, seguiram os deuses dos povos ao redor e os adoraram. Assim, provocaram a ira do SENHOR, abandonando-o e cultuando Baal e Astarote" (Jz 2.10-13).

Uma geração foi suficiente para que eles esquecessem que seus pais haviam atravessado o rio a pé enxuto pelo poder de Deus! Não foi à toa que o Senhor pediu que fizessem o memorial, pois sabia que o povo não se lembraria dele. E não deu outra: Josué morreu e o povo esqueceu. Cada um passou a seguir o Deus que queria.

Deus nos deu a Bíblia para que, por ler seu conteúdo, não nos esqueçamos de quem ele é, do que ele fez, do que ele nos oferece e do que ele nos pede. Quando a igreja se esquece de Deus e dos seus atos, ela se perde, se seculariza e se torna um clube, uma convenção ou uma instituição social. Não podemos esquecer quem é o nosso Deus e o que ele fez por nós. Não podemos esquecer por que ele nos chamou, nos fez igreja, realizou atos poderosos na história e mandou seu Filho ao mundo.

Por isso esse livro é tão precioso para nós e o devemos ler e meditar nele. Ali temos os atos poderosos de Deus registrados, para que, envolvidos no dia

a dia em ganhar nosso pão, cuidar da nossa família ou adquirir uma profissão, não nos esqueçamos de quem ele é e o que ele pede de nós.

O nosso socorro vem do Senhor

A nação de Israel estava diante do obstáculo intransponível que era o rio Jordão, mas a Arca do Senhor foi à frente, cortou as águas e o povo passou. A Arca simbolizava a presença de Deus e a sua aliança conosco.

Como é importante nos lembrarmos disso. Vivemos dias de graves ameaças à igreja. A civilização ocidental rapidamente se tornou pós-cristã, e caminha também muito depressa para a próxima fase, que é anticristã. Para muitas denominações histórica a Palavra de Deus deixou de ser referencial.

Ficamos chocados quando ouvimos falar de igrejas históricas que alteraram sua constituição para dizer que o casamento se dá entre duas pessoas, não importando de que sexo elas sejam. Rapidamente, essas instituições, que um dia levaram missionários ao mundo todo para evangelizar, estão se afastando da Palavra de Deus e se esquecendo do registro de quem é Deus e do que ele faz.

O conceito de estado laico vem sufocando a liberdade de religião e de expressão, porque muita gente entende Estado laico como Estado ateu, isto é, contra as religiões, o que é um conceito completamente errado. O relativismo moral vem entrando em nossas igrejas também. O termo “cristofobia” já entrou em nosso vocabulário como uma referência ao cristianismo como a religião mais perseguida do mundo.

São eventos como esses narrados em Josué que nos fazem lembrar que o nosso socorro vem do Senhor. A nossa esperança não está no mundo, nos governos, em instituições como a ONU ou organizações de liberdade religiosa, mas, sim, no Senhor que criou os céus e a terra. Essa passagem bíblica, entre outras, nos lembra que, em momentos de crise, ele socorreu a sua igreja quando ela estava diante do Jordão.

Devemos ensinar aos nossos filhos os grandes atos de Deus

Esse era um objetivo declarado do monumento das doze pedras, para contar

às futuras gerações, aproveitando a curiosidade natural das crianças. Com base em uma pergunta de uma criança, o pai israelita contaria a seus filhos as histórias de Josué, de Raabe, da destruição de Jericó, do Êxodo ou da Criação. A ideia é justamente que uma geração ensine a outra sobre os grandes atos de Deus.

É assim que a igreja se propaga, e é por essa razão que batizamos nossos filhos, celebramos a ceia e relembramos a história. É por isso também que temos e lemos a Escritura.

Creiamos no nosso Deus. Nós não vimos esses sinais e prodígios aqui relatados; não vimos os israelitas atravessarem o Jordão. No entanto, essa história chega a nós de maneira infalível, para que confiemos em Deus e oremos a ele, lembrando de tudo o que ele fez no passado. É quando leio acerca de quem é Deus, o que ele fez e o que ele promete que posso me dirigir a ele em oração e pedir socorro para as minhas necessidades.

Podemos olhar para trás, agradecer a Deus pelo que ele fez e pedir que ele realize hoje a sua libertação, atuando em nosso favor, nos livrando de todo o mal. E por isso podemos ter ânimo e olhar para o futuro com esperança.

Conclusão e aplicações

Por que nós, cristãos, muitas vezes atravessamos a vida desanimados, desiludidos, sem perspectivas ou sonhos? A resposta é que esquecemos por que a Bíblia nos foi dada. Pense no memorial de doze pedras: Deus queria que seus feitos não fossem esquecidos. Ele queria ser lembrado de geração em geração para que cada uma delas clamasse a Deus. Ele queria que lembrássemos que ele é o mesmo ontem e hoje, e que será eternamente o nosso socorro e auxílio.

Vivemos uma crise financeira no Brasil, e outras coisas piores se aproximam no horizonte do nosso país. Não temeremos, no entanto, porque o mesmo Deus que agiu em favor de Israel é o Deus de hoje. Seu desejo é que nos lembremos disto: ele vai nos segurar, nos sustentar, nos dar a vitória em lutas e batalhas; ele vai à frente e seu plano haverá de se cumprir. Que você possa se lembrar disso e ter esperança, alento, coragem e força.

A ceia do Senhor também é um memorial do que ele fez por nós. O pão e o vinho nos fazem lembrar o que Deus fez por nós quando mandou seu Filho para morrer pelos nossos pecados. Por isso, creiamos, recebamos o perdão e vivamos para a glória dele, aguardando o dia da vinda do Senhor Jesus.

ANTES DE SAIR PARA A GUERRA

Josué 5.1-12

Embora a visão da igreja como um hospital seja muito popular no meio evangélico, não há embasamento para tal ideia no Novo Testamento. O que encontramos com frequência nos escritos neotestamentários é a igreja sendo comparada a um exército, e a vida cristã sendo comparada a uma guerra. Tanto é assim que o cristão é sempre descrito como um guerreiro na sua completa armadura — capacete da salvação, couraça da justiça, escudo da fé, espada do Espírito (a Palavra de Deus) —, e como um médico.

Não estou dizendo que a igreja não tenha esse ofício de cuidar dos doentes; claro que tem. Ela, Porém, é vista especialmente como o exército de Deus neste mundo, o qual não luta com armas terrenas, como metralhadora, canhão ou bomba, mas com armas espirituais, porque, na verdade, os nossos inimigos não são pessoas de carne e osso, mas principados e potestades nas regiões celestiais.

Os inimigos que a Bíblia identifica geralmente são: o pecado, que habita em nós; o pecado dos outros; o mundo e seu sistema de valores contrário a Deus; o próprio Satanás, o príncipe dos poderes invisíveis do mal; e a morte, o último inimigo e o último a ser vencido. Nesse contexto, a Bíblia aparece como o manual dado por Deus para nos guiar nessa luta; é nela que aprendemos a respeito dessa batalha, aprendemos quem é Deus, quem somos, quais são nossos objetivos, de que maneira devemos viver neste mundo em meio ao conflito que nos cerca.

O livro de Josué é extremamente útil para que aprendamos a viver neste mundo como servos de Deus envolvidos nessa luta. Ele retrata a conquista da terra que Deus havia prometido para os filhos de Israel a Abraão, Isaque e Jacó, os patriarcas. Em Josué, capítulos 1 a 4, vimos como o povo liderado

por Josué chega às margens do rio Jordão, faz a travessia e se põe diante da cidade de Jericó. Josué 5 marca uma transição importante (até o capítulo 4 o povo estava do outro lado do rio): os israelitas atravessaram o rio depois que Deus o secou e chegaram à Terra Prometida. (Nos próximos seis anos, haveria a guerra da conquista.) O capítulo 5 descreve os primeiros passos da nação de Israel na Terra Prometida. Diante deles há desafios: os inimigos e as cidades a serem conquistadas.

Josué 5 está dividido em quatro partes:

1. A declaração (5.1) do estado em que se encontravam aqueles povos em Canaã, abatidos.
2. O relato de como Josué circuncidou os homens de Israel (5.2-9).
3. O relato da celebração da Páscoa (5.10). Era a primeira vez que eles celebrariam a Páscoa depois de quarenta anos no deserto sem comemorá-la.
4. O relato de que o maná havia parado de cair naquele dia (5.11,12).

Vamos analisar cada uma dessas partes e observar de que maneira elas nos ajudam a enfrentar as lutas do Senhor neste mundo. À semelhança da nação de Israel, precisamos estar prontos para as batalhas de Deus e assim herdar a Canaã celestial, as promessas que ele nos fez.

A circuncisão (5.1-9)

O momento era o mais apropriado para começar a invasão. Josué 5.1 diz o seguinte:

Quando todos os reis dos amorreus que estavam a oeste do Jordão e todos os reis dos cananeus que estavam ao lado do mar ouviram que o SENHOR havia secado as águas do Jordão perante os israelitas até que o atravessassem, o coração deles se derreteu de medo, ficaram sem ânimo, por causa dos israelitas.

A notícia de que aquele exército havia atravessado a pé enxuto o rio Jordão, o qual funcionava como uma defesa natural, deixou todos os povos da terra sem alento, sem coragem, desanimados. Era de imaginar que, se os israelitas tinham atravessado o rio a pé, não haveria barreira capaz de detê-los nem o que não vencessem. Por isso esse era o momento certo de Josué decidir atacar.

Todavia, em vez de resolver partir para cima, Josué disse a eles que tinham de fazer algumas coisas antes disso. (Militarmente, aquele ato não era justificável.) Em vez de aproveitarem aquele momento estratégico, em que os inimigos estavam com medo, Josué disse ao povo que eles circuncidariam os homens e celebrariam a Páscoa, a fim de prepararem-se espiritualmente antes de partir para a luta contra os inimigos. Esse é o ponto-chave do capítulo 5. Ele nos mostra que, mesmo diante de um momento propício para começar a invasão, Josué, orientado por Deus, *gasta* tempo com a circuncisão do povo de Israel e com a celebração da Páscoa.

Sem a menor dúvida, isso nos ensina a respeito da necessidade de preparação espiritual para que possamos nos engajar nas lutas desta vida contra o pecado, o mundo — entendido como o mundo inimigo de Deus, com valores contrários a ele —, Satanás e a própria morte. O que se quer evidenciar aqui não é o desprezo por estratégias e métodos, mas como o preparo espiritual é fundamental, visto que, creio eu, *gasta-se* muito tempo em procedimentos terrenos e pouco tempo no que realmente conta numa batalha que não é contra a carne e o sangue. Essa é a razão pela qual nem sempre obtemos vitória.

O relato continua:

Naquele tempo o SENHOR disse a Josué: Faze facas de pedra e circuncida os israelitas uma segunda vez. Então Josué fez facas de pedra e circuncidou os israelitas em Gibeate-Haaralote. Foi esta a razão por que Josué os circuncidou: depois que eles saíram do Egito, todos os que haviam saído do Egito, os homens, isto é, todos os homens de guerra, já haviam morrido no caminho, no deserto. Todos esses que saíram haviam sido circuncidados; mas, depois que o povo saiu do Egito, nenhum dos que nasceram no caminho, no deserto, havia sido circuncidado. Por quarenta anos os israelitas andaram pelo deserto, até que morresse toda a nação, isto é, todos os homens de guerra que saíram do Egito, pois eles não haviam obedecido à voz do SENHOR. O SENHOR lhes havia jurado que não lhes deixaria ver a terra que, sob juramento, prometera a seus pais que nos daria, terra que dá leite e mel. Mas em lugar deles pôs os filhos deles; a estes Josué circuncidou, pois eram incircuncisos, porque eles não os haviam circuncidado pelo caminho. E depois que todos foram circuncidados, eles permaneceram no seu lugar no acampamento, até que sararam. Então o SENHOR disse a Josué: Hoje tirei a humilhação do Egito, de modo que aquele lugar se chama Gilgal, até o dia de hoje.

Para que se compreenda o que aconteceu nesse trecho, é preciso lembrar que Deus havia estabelecido a circuncisão (a retirada do prepúcio) como sinal da aliança dele com seu povo — e isso ele fez com Abraão (Gn 17), determinando que o patriarca e todos os seus filhos fossem circuncidados. A circuncisão representava a marca duradoura que o israelita haveria de carregar, indicando que ele pertencia a Deus, que ele estava em uma aliança com Deus. A circuncisão era praticada por muitos povos ao redor de Israel, até pelos cananeus, com exceção dos filisteus, os chamados “incircuncisos”, mas Israel era a única nação que tinha a circuncisão como um sinal da aliança com o seu Deus.

Mas por que a circuncisão foi o ritual escolhido para ser o símbolo de que Israel era de Deus e de que Deus era de Israel? No Antigo Testamento, há momentos em que Deus fala à nação de Israel sobre circuncisão: “Circuncidai o vosso coração e não sejais mais obstinados” (Dt 10.16). Então, a circuncisão, a remoção daquela pele, representava a remoção da dureza do coração e indicava a necessidade de conversão a Deus. O israelita tinha a

circuncisão como símbolo de que o próprio coração era circuncidado, que ele era quebrantado, convertido e submisso a Deus. Por isso Deus escolheu aquele rito, porque ele expressava bem o que o coração deveria ser. Em Jeremias 4.4, o profeta disse a mesma coisa: “Circuncidai-vos ao SENHOR e circuncidai o coração...”, com isso alertando o povo para que se arrependesse de seus pecados, voltasse a Deus e deixasse a vida antiga. É isso que a circuncisão simbolizava, por isso ela era usada como selo da aliança com Deus.

Quando Moisés tirou o povo do Egito, na noite em que partiram os israelitas celebraram a Páscoa. Todos os homens de Israel haviam sido circuncidados, desde os mais velhos até as crianças pequenas. Depois de deixarem a terra do Egito de forma milagrosa, atravessando o mar Vermelho a caminho da Terra Prometida, eles se rebelaram contra Deus e não quiseram seguir o caminho dele. A circuncisão significava que eles eram submissos a Deus, no entanto quebraram essa aliança: quiseram voltar para o Egito, começaram a adorar os deuses egípcios, a praticar a imoralidade e a tentar a Deus, até que o Senhor não deixou mais que entrassem na Terra Prometida. A partir de então, houve duas alterações importantes nos costumes de Israel:

1. Deus disse a Moisés para não circuncidar mais ninguém, porque a circuncisão indicava o arrependimento, o quebrantamento, a mudança de vida, a dedicação a Deus, e aquela geração havia virado as costas para ele.

2. Pararam de celebrar a Páscoa, aquele momento em que os israelitas rememoravam o sangue derramado pelo cordeiro nos umbrais da porta, que impediu que os primogênitos fossem mortos.

A circuncisão e a Páscoa eram símbolos da aliança com Deus e, durante os quarenta anos de peregrinação no deserto, todo o povo nascido no período não foi circuncidado nem conheceu a celebração pascal. Passado todo esse tempo, ali estava Israel, na iminência de entrar na Terra Prometida. Havia chegado, então, o momento de retomar ambas as práticas rituais; era necessário que os israelitas fossem circuncidados.

Por que era importante que os israelitas fossem circuncidados antes de iniciarem a guerra que os levaria à conquista das promessas que Deus havia feito? Primeiramente, porque precisavam estar conscientes de que era Deus que iria lhes dar a vitória; em segundo lugar, porque precisavam lembrar que pertenciam a Deus e que era isso que a circuncisão representava; e, em

terceiro lugar, porque precisavam compreender que a circuncisão era parte ou símbolo da aliança com Deus, que haveria de lhes dar aquela terra em fidelidade às suas promessas, mas, em contrapartida, eles deveriam se dedicar a Deus e a Deus somente. Por isso o Senhor disse a Josué: “circuncida os israelitas” (5.2).

Era sabido que os inimigos estavam com medo, mas havia algo a ser feito antes de partirem para a guerra: circuncidar todo o povo. Para que lembrassem que a guerra era espiritual, para que lembrassem que pertenciam a Deus, para que lembrassem que, quando conquistassem a terra e nela entrassem, seria porque Deus estava cumprindo suas promessas.

“Naquele tempo disse o SENHOR a Josué: Faze facas de pederneira...” (5.2, ARA). Já havia facas de metal naquela época, mas a pederneira era uma pedra muito apropriada para a circuncisão. (Escavações arqueológicas na região de Gilgal revelaram a existência de depósitos desse tipo de pedra, da qual se podem extrair lascas, ótimas para a confecção de facas.) Talvez pela grande quantidade de circuncisões, facas de metal não seriam as mais adequadas para circuncidar trezentos, quatrocentos mil homens. “Então Josué fez facas de pedra e circuncidou os israelitas em Gibeate-Haaralote” (5.3). Obviamente, não significa que o próprio Josué tenha circuncidado cada homem, porque não haveria como dar conta, mas foi ele que comandou a operação.

Toda a nação foi circuncidada, desde os homens de 40 anos — visto que praticamente não tinha ninguém mais velho que isso, talvez uns poucos, como Josué, Calebe e seus parentes, que pertenciam à primeira geração — até os mais novos, porque o símbolo da circuncisão era para todo o Israel. E eles ficaram no arraial até que sararam.

O acampamento ficava em Gilgal, a três quilômetros de Jericó, de onde se podia ver a cidade. Da mesma forma, os moradores de lá conseguiam ver o acampamento, mas mesmo assim Josué e seus homens ficaram lá até que sararam — não há como saber ao certo quanto tempo isso levou, mas imagina-se que não deve ter sido menos de uma semana ou duas, um tempo estrategicamente precioso para a guerra. Mas o cuidado espiritual era mais importante.

Gilgal em hebraico significa “rolar”, e esse nome é utilizado não somente porque descreve o que é a circuncisão, “rolar fora” a pele do prepúcio, mas também porque, em Josué 5.9, Deus disse ao sucessor de Moisés: “Hoje tirei a humilhação do Egito” — no hebraico é “rolei de cima de vocês o opróbrio,

ou a vergonha, do Egito”. Isso pode significar duas coisas:

1. Que, ao circuncidar aquela geração, como símbolo de que eles pertenciam a Deus, foi tirado o último resquício de que um dia tinham pertencido ao faraó. Eles agora pertenciam a um novo Senhor, a um novo patrão, ao Senhor Deus dos Exércitos; eles não eram mais escravos do Egito, a libertação agora estava completa.

2. Ou que, se eles tivessem morrido no deserto e não tivessem atravessado o Jordão, seria um sinal de fracasso, e eles passariam vergonha diante dos egípcios. Isso por que os egípcios poderiam dizer que os israelitas fizeram a maior confusão, mandaram dez pragas para o Egito, foram embora e morreram na praia, não conseguiram chegar lá. Mas, no instante em que aquela geração foi circuncidada além do Jordão, já na Terra Prometida, o opróbrio que os egípcios poderiam lançar sobre eles foi removido. Assim, a circuncisão naquele momento tinha, de fato, importância espiritual, psicológica e emocional.

Você, leitor, deve estar se perguntando o que isso tem a ver conosco. Na nova aliança a circuncisão foi substituída pelo batismo. Somos o Israel espiritual, a continuação espiritual desse povo, e trata-se da mesma aliança, só que agora ela não foi selada com sangue de animais, mas com o precioso sangue do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A circuncisão era o símbolo da fé que o povo de Israel tinha em Deus, e é isso também que no Novo Testamento o batismo representa. Batizamos as pessoas que professam fé em Jesus Cristo porque o batismo é o símbolo da aliança que Deus estabeleceu há tanto tempo — de que ele seria o nosso Deus e de que seríamos o seu povo.

Isso faz grande diferença no nosso cotidiano. A vida cristã é uma guerra e, antes de entrarmos nessa luta, precisamos saber se somos de fato convertidos a Deus, se nosso coração está circuncidado, se nossa alma foi lavada dos pecados pelo sangue de Jesus. E o batismo lembra a necessidade de sermos convertidos — porque era isso que a circuncisão representava, a circuncisão do coração —, e é claro que o batismo com água representa essa lavagem interior feita pelo Espírito Santo.

Se você não for de fato convertido do fundo do seu coração, se o seu coração não foi circuncidado, se a sua alma não foi lavada dos pecados pelo sangue de Jesus, então você está numa guerra perdida. Nesse caso, o seu

inimigo não são os principados e potestades, mas o próprio Deus, que resiste aos soberbos e estende a sua mão contra aqueles que, mesmo tendo nascido no povo da aliança, não querem andar de acordo com os termos da aliança, não querem viver para a sua glória. Por isso a primeira coisa que temos de fazer antes de ir para a guerra, antes de dizer que queremos viver como cristãos, é responder a esta pergunta básica e fundamental: “Eu sou realmente de Deus, faço parte de fato desse povo?”. É possível uma pessoa ter nascido em berço cristão, frequentar a escola dominical, estudar a Bíblia desde criança, fazer parte de uma comunidade há anos concluir que isso é ser cristão. Mas também é possível que alguém esteja na mesma situação e de fato não seja de Deus, não seja convertido, não tenha a alma lavada mediante o arrependimento e a fé em Jesus Cristo.

A celebração da Páscoa (5.10)

A segunda parte daquela preparação foi a celebração da Páscoa: “E estando acampados em Gilgal, os israelitas celebraram a Páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas planícies de Jericó” (5.10). A data seria em torno do mês de março; o dia seria 14, porque esse foi estabelecido por Deus em Êxodo 12.1-13. (Deus havia determinado ao povo de Israel, na noite em que eles haveriam de sair do Egito sob o comando de Moisés, que no dia 10 eles separariam um cordeiro e que no dia 14 a nação toda, cada um na sua casa, mataria o cordeiro.) Precisava ser um cordeiro de 1 ano, sem defeito, sem manchas; ele deveria ser assado, não cozido; e deveria ser comido com pão sem fermento e ervas amargas; e o israelita tinha de comer aquilo vestido para a viagem (sandália e túnica) e com um cajado na mão, para viajar, sair do Egito, sob a liderança de Moisés. Aquilo representava a libertação da escravidão, uma nova vida; era isso que a Páscoa representava, a libertação através do sangue do Messias que haveria de vir. Deus disse a Moisés que era para o povo celebrar a Páscoa continuamente, para lembrar-se do Deus libertador. Ao comer a Páscoa — o cordeiro, o pão e as ervas —, o israelita tinha então essa comunhão com o Deus todo-poderoso.

Eles ficaram quarenta anos no deserto sem celebrar a Páscoa, porque somente quem era circuncidado podia celebrá-la. Essa também é uma das razões pelas quais só admitimos que participe da ceia quem já é batizado. Eles tinham ficado quarenta anos sem comer a Páscoa porque não eram circuncidados, mas agora quando eles entram na terra, atravessando o Jordão, sob o comando de Josué, precisam renovar a presença do Deus todo-poderoso em seu meio. Por isso então Josué diz para celebrarem a Páscoa, lembrando o que Deus fez por Israel; e, ao comerem essa Páscoa, a presença de Deus estaria ali.

Para nós, cristãos, o significado é exatamente igual: da mesma forma que a circuncisão foi substituída pelo batismo, a Páscoa foi substituída pela ceia. Então, em certo sentido — e eu não quero ser mal interpretado — o cristão não celebra a Páscoa. A Páscoa era uma festa típica, simbólica, que apontava para o sacrifício de Cristo. Celebramos a ceia, que é aquilo que a Páscoa representava, o símbolo do sacrifício de Cristo em nosso lugar. Eu sei que é natural, por causa do calendário litúrgico, durante o ano, quando chega a

Páscoa, falarmos em celebrar a Páscoa, mas celebramos a Páscoa toda vez que celebramos a ceia. Assim, é importante lembrar que o cristão não celebra a Páscoa. Ele pode lembrar que na ocasião da Páscoa foi instituída a festa que apontava para o Messias, mas a nossa celebração é a ceia do Senhor, o pão e o vinho, apontando para o sangue e o corpo de Cristo dados por nós. Quando celebramos a ceia, participamos com fé e gratidão, lembrando que pertencemos a Deus e procurando a comunhão com ele. Essa é a segunda parte da preparação.

O maná para de cair (5.11,12)

Há um terceiro ponto importante nessa história também: “E, no dia depois da Páscoa, nesse mesmo dia, eles comeram do produto da terra: pães sem fermento e espigas tostadas. E no dia depois de terem comido do produto da terra, o maná cessou, e os israelitas não o tiveram mais; mas naquele ano eles comeram dos produtos da terra de Canaã” (5.11,12). Durante aqueles quarenta anos no deserto, Deus mandou pão do céu, o famoso maná, do qual eles se alimentavam diariamente; agora, pela primeira vez, a nação se alimenta dos frutos da Terra Prometida. Eles colheram trigo, fizeram pães, tostaram cereal e, no dia seguinte, o maná cessou. Os cereais que eles comeram — provavelmente havia frutas também — eram uma espécie de amostra da fartura daquela descrita como “terra que dá leite e mel” (5.6), uma amostra daquilo que Deus haveria de dar para eles.

Aquela geração comeu pela primeira vez do fruto de Canaã. A refeição visava encorajá-los e animá-los, visto que já haviam passado o Jordão, já estavam na terra e começavam a comer do fruto dela. É como se a ponte que os ligava ao passado tivesse arrebentado: a comida deles veio do céu durante quarenta anos, mas agora, com a terra diante deles, deveriam plantar para colher. No deserto não havia como fazer isso, mas a partir daquele momento sim.

Temos nesse evento uma lição muito importante a respeito dos milagres. Muitos querem milagres o tempo todo, mas tenho a impressão de que Deus não faz milagre o tempo todo, especialmente quando podemos resolver a situação com os recursos que ele nos dá. Em vez de ficar esperando, por exemplo, dinheiro cair do céu, devemos trabalhar, estudar, nos preparar, arrumar um bom emprego para sustentar nossa família.

Hoje Deus já nos dá uma amostra da fartura que haverá na glória, na Canaã celestial. Já experimentamos neste mundo as primícias do Espírito, Deus nos dá um gostinho do que é o céu; já experimentamos aqui um pouco do que é o amor, a paz, o perdão, a santidade, a alegria, a comunhão com Cristo. Não plenamente, claro, pois não vamos experimentar essas coisas de forma plena neste mundo, mas recebemos amostras daquilo que ele tem reservado para nós. E Deus faz isso para nos incentivar a prosseguir. Tudo isso nos anima e encoraja, e é com esse gostinho que partimos para a luta.

Conclusão e aplicações

Os três pontos da preparação de Israel antes de entrar em guerra consistiam em uma preparação espiritual: a circuncisão, representando que somos de Deus; a celebração da Páscoa, representando a comunhão com o Senhor e a lembrança da libertação; e o comer dos frutos da terra pela primeira vez, simbolizando a futura plenitude da terra e nos encorajando a avançar. Josué não treinou golpes nem afiou espadas, mas ele circuncidou o povo e fez toda essa preparação espiritual. A mesma coisa vale para nós hoje. Não podemos esperar viver a nossa vida neste mundo sem que estejamos preparados. Devemos refletir se somos de Deus, se temos comunhão com ele e se já estamos provando do fruto da Canaã celestial.

Será que vivemos em uma comunidade composta pelos redimidos do Senhor, circuncidados de coração, que têm comunhão com ele e já experimentam o gosto daquilo que Deus nos promete em sua Palavra, a Jerusalém celestial, o novo céu e a nova terra onde habita a justiça? Esse é o questionamento mais importante da nossa vida. Porque não estamos aqui para brincar de religião; o que está em jogo é a eternidade, a nossa felicidade eterna ou o nosso sofrimento eterno.

Deixe-me fazer alguns testes, para sermos práticos, já que muitas vezes o assunto pode ficar subjetivo demais. Se eu fosse descrever os sintomas de pessoas que não estão de fato prontas para entrar no reino de Deus, apesar de frequentarem regularmente a igreja, lhes diria que fizessem a si mesmas as seguintes perguntas:

Primeira, você consegue caluniar, mentir ou falar mal dos outros sem nunca conversar com Deus sobre isso? Se a sua consciência não o acusa quando você conta uma mentira ou quando denigre alguém, significa que há alguma coisa errada. Isso é sinal de um coração não convertido, não circuncidado.

Segunda, você consegue vencer os hábitos pecaminosos, como ira, mágoa, ressentimento e o desejo de vingar-se, ou você habitualmente se alimenta deles? Essas coisas criam uma espécie de dependência psicológica. Muitas pessoas gostam de ficar magoadas e iradas, mas isso também é sinal de que não houve circuncisão de coração.

Terceira, você consegue vibrar e regozijar-se com o evangelho, com as

coisas de Deus? É preciso que você identifique onde está o seu prazer. O que você espera mais durante o dia: aquele momento de ficar ali sentado em frente à televisão assistindo ao seu filme predileto, ou o momento de encontrar-se com seu namorado ou sua namorada? Deus faz parte disso? Você coloca a culpa nos outros quando se sente acusado ou ameaçado? Geralmente o coração circuncidado é quebrantado, assume as culpas.

Quarta, você tem vontade de orar, de procurar Deus, de gastar um tempo com ele durante a semana? Se você fica inquieto quando não sente a presença dele; se tem vontade de ler a Bíblia, de ouvir a Palavra de Deus e se ela fala ao seu coração, tudo isso pode revelar aspectos sérios de sua vida quanto à necessidade desse tipo de preparação que a Bíblia fala em Josué antes de você viver como cristão. Examine as bases: Sou de fato convertido? Tenho comunhão com Deus? Estou experimentando, embora imperfeitamente, os frutos da Terra Prometida? Essas coisas estão no livro de Josué para alertar e encorajar.

Logo depois desse período de preparação, Deus aparece para Josué e o encoraja, dizendo que seguiria com eles (5.13-15), o que veremos no início do capítulo seguinte. E isso nos traz confiança, porque, diante desses testes que a Bíblia apresenta, muitas vezes nos sentimos fracassados e temerosos, mas a nossa esperança é de que o nosso Deus está conosco. Ele pode nos levantar, nos converter, nos transformar e deseja estar em nosso meio. Por isso podemos nos chegar a ele arrependidos e também esperançosos, e colocar nossa vida diante dele dizendo que queremos pertencer a ele, viver para a sua glória e ter comunhão com ele. Que o Senhor aplique essa Palavra em nosso coração, para que vivamos para glorificá-lo, como povo de Deus.

DEM COM JOSUÉ LUTAR EM JERICÓ

Josué 6

Josué 6 traz o relato da conquista de Jericó, a batalha mais famosa de toda a Bíblia. Essa é uma história que aprendemos desde a infância. Existe até um cântico bastante conhecido sobre essa história: “Vem com Josué lutar em Jericó”.

O episódio da conquista da cidade de Jericó funciona, na Bíblia, de diversas maneiras. Primeiramente, é um memorial ao poder de Deus, porque aquela era uma vitória impossível aos olhos humanos. Contudo, Deus deu a vitória a seu povo. Além disso, essa história é sempre usada no restante da Bíblia como uma demonstração de que, se Deus deu ao povo a cidade de Jericó, que era a mais difícil de ser conquistada, ele também lhes daria as demais cidades, e assim cumpriria todas as suas promessas. Josué 6 funciona, então, como uma espécie de demonstração a Israel de que ele haveria de cumprir todas as suas promessas.

Essa conquista é usada também para ilustrar o que é fé, especialmente no Novo Testamento. Em Hebreus 11.30, está dito: “Pela fé, os muros de Jericó caíram”, como exemplo do que significa a fé salvadora (assim como a fé da prostituta Raabe, que é mencionada no mesmo capítulo).

Durante muito tempo os críticos da Bíblia zombaram do relato de Jericó por não haver nenhuma prova arqueológica de que existiu uma cidade com esse nome, até que há cerca de trinta anos arqueólogos encontraram a antiga cidade. As escavações, embora incertas, atestavam a existência de Jericó, das guerras e das muralhas.

Então, vieram as explicações a respeito da queda das muralhas: teria sido um terremoto, ou foram derrubadas à mão ou em razão de erosões. Sabemos, no entanto, o que realmente aconteceu; o relato bíblico é muito claro: Deus

deu aquela cidade aos filhos de Israel e derrubou suas muralhas, e é isso que celebramos quando lemos Josué 6. Não precisamos da arqueologia para dizer que a Bíblia relata a verdade, mas é muito bom quando a ciência comprova o que já sabíamos.

A história da tomada de Jericó começa em Josué 5.13. Os filhos de Israel haviam atravessado o rio Jordão sob o comando de Josué e depois acamparam em Gilgal, bem em frente à cidade de Jericó. Lá tiveram um tempo de preparação para a conquista da terra que havia sido prometida. Como preparo espiritual, os israelitas foram circuncidados, celebraram a Páscoa e comeram os frutos da terra pela primeira vez, já que o maná havia parado de cair.

Enquanto investigava a cidade de Jericó, Josué deu de frente com um homem, que, na verdade, era o próprio Deus Filho, em figura humana, que viera assumir o controle da batalha. Deus Filho apareceu a Josué às vésperas da batalha a fim de encorajá-lo (5.13-15), e em seguida lhe deu a estratégia para levar o povo à vitória (6.1-5):

Jericó se conservava rigorosamente fechada por causa dos israelitas; ninguém saía nem entrava. Então o SENHOR disse a Josué: Olha, entrego na tua mão Jericó, o seu rei e os seus guerreiros. Vós rodeareis a cidade, todos os homens de guerra, contornando-a uma vez por dia; assim fareis por seis dias. Sete sacerdotes levarão sete trombetas de chifre de carneiro adiante da arca; e no sétimo dia rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as trombetas. E será que, ao som prolongado da trombeta, quando ouvirdes este som, todo o povo dará um brado alto; então o muro da cidade cairá rente ao chão, e o povo avançará, cada um para o lugar que estiver à sua frente.

Assim, Deus transmitiu a Josué todas as instruções para a batalha; como ele deveria conduzi-la e que medidas deveriam ser tomadas. Em vez de orientações militares, Deus manda que façam uma procissão religiosa. Em vez de dizer que a cavalaria iria por esse lado ou que a artilharia iria por aquele, Deus simplesmente chama Josué e lhe diz para posicionar sete sacerdotes tocando trombetas de carneiro; e atrás deles, a Arca do Senhor; e atrás dela, os homens armados, todos rodeando a cidade durante sete dias, e no sétimo dia algo diferente haveria de acontecer: o povo gritaria, os muros cairiam e os israelitas tomariam a cidade.

Depois de receber essa estranha estratégia, Josué chama seus líderes e repassa prontamente as ordens ao povo, especialmente aos sacerdotes (6.6,7):

Então Josué, filho de Num, chamou os sacerdotes e lhes disse: Levai a arca da aliança; e sete sacerdotes levarão sete trombetas de chifre de carneiro, adiante da arca do SENHOR. E disse ao povo: Prossegui e rodeai a cidade. Os homens armados marcharão adiante da arca do SENHOR.

O chifre de carneiro é o mais enrolado, e o tipo de trombeta feito dele se chamava *chofar*. (Só para deixar claro, porque já vi ilustrações em que os sacerdotes aparecem tocando trombetas de bronze compridas, e é bom ter a figura certa em mente.) A ordem de Josué é, então, passada com muitos detalhes e clareza para os sacerdotes e para o povo, que deveria seguir naquela procissão, rodeando a cidade na sequência passada por ele.

Em seguida, temos o relato de como o povo obedeceu: Jericó foi cercada durante seis dias. Diz o texto (6.8,9):

Quando Josué disse isso ao povo, os sete sacerdotes prosseguiram e tocaram as sete trombetas, que levavam consigo, adiante do SENHOR; e a arca da aliança do SENHOR os seguia. E os homens armados iam adiante dos sacerdotes que tocavam as trombetas, e a retaguarda seguia atrás da arca; as trombetas eram tocadas todo o tempo.

Esta foi a ordem do cortejo: os homens de guerra à frente, os sete sacerdotes tocando as trombetas, a Arca do Senhor levada no ombro por quatro sacerdotes e atrás mais homens de guerra preparados para a batalha. Era uma procissão interessante, um séquito que deveria rodear a cidade de acordo com a ordem de Deus. O texto continua (6.10,11):

Josué dera esta ordem ao povo: Não gritareis, nem levantareis a voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até o dia em que eu vos disser: Gritai! Então gritareis. Assim, eles fizeram a arca do SENHOR rodear a cidade, contornando-a uma vez; então entraram no acampamento e ali passaram a noite.

Entre Gilgal e Jericó havia uma distância de aproximadamente três

quilômetros, como já vimos. Os homens saíam do acampamento, rodeavam a cidade (e talvez o perímetro da cidade fosse algo em torno de dez quilômetros, pois era uma cidade grande) e voltavam para Gilgal. O relato prossegue (6.12-14):

Josué levantou-se de madrugada, e os sacerdotes levaram a arca do SENHOR. Os sete sacerdotes que levavam as sete trombetas de chifre de carneiro adiante da arca do SENHOR iam andando, tocando as trombetas; os homens armados iam adiante deles, e a retaguarda seguia atrás da arca do SENHOR; as trombetas eram tocadas todo o tempo. Eles rodearam a cidade uma vez no segundo dia e voltaram ao acampamento. Assim fizeram por seis dias.

Deve ter sido um espetáculo extraordinário, não é? Aqueles homens tocando as trombetas, aquele barulho todo e o povo quieto. Fico imaginando o que devem ter pensado as pessoas do outro lado da muralha de Jericó, talvez se perguntando se os israelitas eram doidos. Fico imaginando como eles devem ter zombado da estratégia de Israel: Esse pessoal está querendo nos conquistar como? Com chifres de carneiro e uma caixa de madeira? Da mesma forma, o mundo olha para a igreja e nem sempre entende o que estamos fazendo.

O que vem em seguida é a queda das muralhas e a tomada da cidade no sétimo dia, e Josué então dá duas ordens ao povo. A primeira é para poupar Raabe (vimos essa história em Josué 3, quando os espías entram na cidade e são recebidos pela cafetina Raabe, que crê no Deus de Israel e recebe a promessa de que seria poupada se colocasse do lado de fora da sua casa um fio de escarlata, que serviria para identificá-la), e a segunda é não pegar para si os bens preciosos da cidade, porque pertenciam a Deus. Eram coisas condenadas, no sentido de que eram condenadas para os israelitas, visto que separadas para Deus — o ouro, a prata, os materiais e utensílios a serem usados no Tabernáculo, construído mais tarde, seriam poupados para Deus —, e o mais deveria ser destruído. Tudo deveria ser eliminado, e todas as pessoas deveriam ser mortas, à exceção de Raabe e sua família.

Já mencionei que a ordem pode parecer cruel: Deus mandando matar velhos, crianças e mulheres. A resposta para a pergunta que se faz diante disso é que a nação de Israel estava sendo enviada como emissária de Deus para a execução de juízo. Aqueles povos haviam provocado a Deus por

séculos.

Durante pelo menos quinhentos anos, eles haviam ocupado aquelas terras e sacrificavam os seus filhos aos deuses, praticavam a imoralidade e adoravam a natureza em vez de ao Deus verdadeiro. Eram povos cruéis que viviam guerreando entre si. Aquela não era apenas uma guerra de conquista, mas também uma expedição punitiva. Deus estava mandando Israel como chicote e espada para aqueles povos que sempre o desafiaram.

No livro de Gênesis está escrito que aqueles povos haviam contaminado a terra com sua perversidade, e Deus então haveria de enviar os descendentes de Abraão para purificá-la, para que ali fosse a morada do povo de Deus.

O texto segue (6.15-21):

No sétimo dia levantaram-se bem de madrugada, e da mesma maneira rodearam a cidade sete vezes; somente naquele dia rodearam-na sete vezes. E quando os sacerdotes pela sétima vez tocaram as trombetas, Josué disse ao povo: Gritai, porque o SENHOR vos entregou a cidade. A cidade, porém, com tudo o que nela houver, será anátema ao SENHOR; somente a prostituta Raabe ficará viva, ela com todos os que com ela estiverem em casa, porque escondeu os mensageiros que enviamos. No vosso caso, guardai-vos do anátema, para que não tomeis dele coisa alguma, e não façais anátema o acampamento de Israel, trazendo-lhe destruição. Pois toda a prata, o ouro e os objetos de bronze e de ferro são consagrados ao SENHOR; irão para o tesouro do SENHOR. Então o povo gritou e os sacerdotes tocaram as trombetas; e quando o povo ouviu o som da trombeta, deu um alto brado, e o muro caiu rente ao chão, e o povo avançou para a cidade, cada um para o lugar que estava à sua frente; e eles tomaram a cidade. E destruíram totalmente, ao fio da espada, tudo quanto havia na cidade: homens e mulheres, jovens e velhos, bois, ovelhas e jumentos.

Aqui, em poucas palavras, temos o relato de como a nação de Israel, sob o comando de Josué e pelo poder de Deus, tomou aquela cidade fortificada, conquista impossível aos olhos humanos. As muralhas ruíram quando o povo gritou, sem dúvida por uma ação sobrenatural do nosso Deus.

Os versículos 22 a 25 relatam como Raabe foi salva, conforme prometido:

Então Josué disse aos dois homens que haviam espionado a terra: Entrai

na casa da prostituta, e tirai-a dali com tudo quanto tiver, como lhe prometestes com juramento. E os jovens espias entraram e tiraram Raabe, seu pai, sua mãe, seus irmãos e todos os seus; trouxeram todos os parentes dela e os deixaram fora do acampamento de Israel. A cidade, porém, e tudo quanto havia nela queimaram a fogo; somente a prata, o ouro e os objetos de bronze e de ferro foram colocados no tesouro da casa do SENHOR. Assim Josué poupou a vida da prostituta Raabe, da família de seu pai e de todos os seus; e ela habitou no meio de Israel até o dia de hoje, porque escondera os mensageiros que Josué havia enviado para espionar Jericó.

Esse relato é muito interessante. Percebe-se que, a princípio, quando os soldados tiraram Raabe e toda a sua família da sua casa, “os deixaram fora do acampamento de Israel”, conforme diz o texto, porque, ainda que ela tivesse crido em Deus, era, por assim dizer, uma nova convertida pagã. Raabe ainda não podia fazer parte da congregação do povo de Deus, motivo por que ela e sua família foram alojados fora do acampamento.

Note, no entanto, que o registro diz que mais adiante ela “habitou no meio de Israel até o dia de hoje” (época da escrita do livro), tendo sido plenamente aceita no povo de Deus. Já mencionei também, mas vale lembrar que ela se casou com um israelita, teve filhos, e de sua descendência veio o rei Davi, e da descendência dele veio o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Essa mulher, então prostituta, convertida ao Deus de Israel, foi a única que escapou da destruição de Jericó, e, pela misericórdia de Deus, veio a ser ancestral de Cristo, sendo assim um marco para a glória e misericórdia de Deus.

O capítulo 6 termina com a maldição de Jericó (6.26,27):

Também nesse tempo Josué declarou solenemente: Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito a fundará, e com a perda do seu filho mais novo lhe colocará as portas. Assim o SENHOR estava com Josué; e a sua fama corria por toda a terra.

A Bíblia registra em 1Reis 16.34 que alguém tentou realmente reconstruir Jericó e perdeu seus filhos. Depois, com o tempo, Jericó foi reerguida. Ali, muito tempo depois, Jesus curou um cego. A mesma cidade que havia sido

amaldiçoada se tornou palco do ministério de Jesus, que exerce misericórdia.

Lições para hoje

Há muito para ser extraído desse texto. Acredito que tudo o que foi escrito na Bíblia o foi para o nosso ensino, e, se o livro de Josué é uma figura tipológica da conquista da Canaã celestial e da nossa peregrinação na terra como filhos de Deus, com certeza esse texto tem lições preciosas para nos ensinar, e quero destacar quatro delas.

Temos inimigos poderosos que precisam ser vencidos em nossa jornada em direção à vida eterna

É isso que a tomada de Jericó representa. Havia a promessa feita a Israel de que Deus lhe daria uma terra, mas, quando o povo chegou na entrada da Terra Prometida, havia uma fortaleza que impedia sua passagem, que era justamente a cidade de Jericó. Veja o que diz Josué 6.1: “Jericó se conservava rigorosamente fechada por causa dos israelitas; ninguém saía nem entrava”. Ou seja, era um obstáculo a ser vencido. Jericó ficava bem à frente da região montanhosa, em uma espécie de vale, e precisava ser conquistada para que o povo pudesse possuir a terra que Deus prometera lhes dar. Só havia aquela entrada, por isso tinha de ser derrubada.

A Bíblia diz, fazendo uma comparação (sem querer ser muito alegórico), que temos muitos inimigos neste mundo que ficam no nosso caminho, servindo de obstáculo à nossa jornada. Entre eles estão a carne (a nossa natureza pecaminosa), o próprio Diabo e seus anjos e o mundo caído, e os três se combinam para formar “Jericós” e, assim, impedir o avançar da nossa caminhada. Resultam dessa combinação: tentações fortes e repentinas; hábitos pecaminosos; situações que nos provocam e desafiam; medo, desânimo e incredulidade, por meio da dor, do sofrimento, da doença, do fracasso; além de ambições, desejos fortes e ilícitos, paixões proibidas etc.

Há muita coisa no caminho do cristão, e travamos uma batalha contínua. Não é à toa que, quando a Bíblia usa figuras para explicar o que é a igreja, as figuras prediletas são tiradas do campo militar. Deus é mostrado como um guerreiro, a igreja como um exército, o cristão com a sua completa armadura (Ef 6), a nossa luta contra o pecado como um combate etc. Como já vimos,

há uma linguagem militar na Bíblia exatamente porque estamos neste mundo em luta, caminhando para a terra prometida, e no caminho estão as “Jericós” que precisam ser vencidas.

Esses obstáculos, desafios e barreiras precisam ser superados à medida que avançamos e caminhamos nesta vida. Cito aqui 1Timóteo 6.11,12 para que você não pense que estou exagerando: “Mas tu, ó homem de Deus, fuge dessas coisas e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância e a mansidão. Trava o bom combate da fé. Apodera-te da vida eterna, para a qual foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas”.

Notou como a linguagem é parecida? Podemos parafrasear desta forma: “Timóteo, combate o bom combate. Pense na batalha de Jericó e toma posse da vida eterna que Deus prometeu, assim como ele também prometeu aquela terra ao povo de Israel”. Tomar posse, ir em frente e lutar são exortações relacionadas à vida cristã.

Digo isso por causa da acomodação que claramente parece tomar conta da vida de muitos irmãos. É como se já tivessem vencido todos os inimigos e não houvesse mais obstáculos a serem superados; enfim, levam uma vida cristã acomodada e passiva. Pessoas assim ignoram as lutas e assumem que já não há conflito e luta para vencer o pecado e prosseguir em santidade.

Apesar disso, o oposto desse comportamento também acontece. Às vezes chega um crente a mim e diz: “Pastor, estou em dúvida: não sei se sou salvo, pois luto o tempo todo contra o pecado! O tempo todo enfrento tentações. Será que eu sou crente mesmo?”. Para mim, essa é a maior prova de que uma pessoa é realmente convertida a Cristo. O crente verdadeiro se vê no meio da batalha, lutando contra a sua natureza, contra as tentações de Satanás e contra as atrações do mundo, e são exatamente esses os obstáculos que todos nós temos de vencer.

Se não há nada disso em sua vida, você é provavelmente um cananeu, e não um israelita. Talvez você more na Jericó de antes da queda da muralha, e não em Gilgal, porque quem está em Gilgal quer passar por Jericó e tomar posse da terra e das promessas que Deus lhe fez.

Todas as vitórias que temos neste mundo vêm de Deus

Esta é a mensagem principal de Josué 6 e da narrativa da tomada de Jericó: foi Deus quem deu a cidade. Ele apareceu a Josué (5.13-15) dizendo que era

o general dos exércitos celestiais e que viera tomar posse do controle da batalha e guiá-los à vitória. Em seguida, ele deu a estratégia: o povo deveria rodear a cidade por sete dias levando a Arca da Aliança. A Arca é a representação da presença de Deus, e mostra que é ele quem está no comando; os sacerdotes, servos do Senhor, indicavam também a presença de Deus lá, e as trombetas ecoavam uma convocação, pois indicavam que Deus queria se reunir com seu povo. Tudo ali tinha a ver com o conceito de que é Deus quem luta por nós e nos dá a vitória.

Quando o povo grita, Deus derruba a muralha. E os despojos, de quem são? Para quem vai a riqueza da cidade? Para os israelitas? Não, pois isso daria a impressão de que eles haviam conquistado a cidade por mérito próprio, razão pela qual Deus alega que quem deu a vitória foi ele; sendo assim, o ouro é dele, pois foi ele quem conquistou Jericó.

Tudo dependera dele, e esta é a lição mais importante para nós hoje: carecemos de Deus para enfrentar o mundo, Satanás, as dificuldades, o desânimo etc. Precisamos reconhecer a nossa impotência diante desses inimigos, no entanto saber que o nosso Deus é onipotente e que não há barreira difícil demais ou inimigo poderoso demais que ele não possa destruir.

Neste mundo passamos por muitas aflições. Momentos difíceis em que a vitória parece impossível, como no caso de Jericó, ou como no dia em que o pequeno Davi, com pedrinhas tiradas de um ribeiro, foi enfrentar um gigante colossal todo armado, pronto para a batalha. É o nosso Deus que vai à frente. Lembre-se disso na hora da angústia, da depressão, da dificuldade, do fracasso e da crise. Lembre-se de como Deus apareceu a Josué, instruiu-o, lutou a batalha por ele e lhe deu a vitória.

As dificuldades da vida, longe de serem motivo para você virar as costas para o Senhor e pensar que ele não se importa, são o chamado de Deus para a batalha, o chifre de carneiro tocando e Deus dizendo: Vamos juntos a Jericó! E eu vou na frente, para lhe dar a vitória.

Deus luta as batalhas por nós. A nossa parte é confiar nele

Já mencionei que esse episódio da queda de Jericó é citado no Novo Testamento como exemplo de fé (Hebreus 11, o famoso capítulo da galeria

dos heróis da fé): “Pela fé, os muros de Jericó caíram, depois de rodeados por sete dias”. Em que sentido aquele povo teve fé?

Ora, primeiro Jericó estava fechada e armada; segundo, a estratégia de Deus parecia meio estranha — imagine-se diante de uma cidade murada, e em vez de pensar numa maneira de conquistá-la infiltrando soldados, Deus lhe dá algumas ordens meio esquisitas, como fazer uma procissão por sete dias, tocar trombetas de carneiro e gritar no último dia.

Por mais estranhas que as ordens parecessem, o povo simplesmente obedeceu a Deus conforme ele havia dito, fazendo todas aquelas coisas por uma semana. Acho que isso foi para testar o povo. Imagine só: no primeiro dia, estavam todos animados. Rodearam a cidade, tocaram a trombeta e voltaram, e as muralhas estavam lá do mesmo jeito. Bem, amanhã seria um novo dia... De novo, o povo volta, faz a mesma coisa e não há nenhuma rachadura no muro. No terceiro dia, talvez alguns tenham começado a duvidar: “Será que vai dar certo esse negócio?”. Imagine o quarto dia: nada! E o povo de Jericó rindo de cima da muralha. Visualize o escárnio dos cananeus à medida que o tempo passava.

Para continuar a confiar na palavra de Deus é preciso fé. E fé nada mais é do que isto: obedecer a Deus, mesmo quando todas as circunstâncias parecem contrárias. Quando tudo parece sem sentido, mas você persevera naquilo que Deus lhe disse, isso é fé. Deus disse assim, então assim vai ser feito. O povo e Josué obedeceram, e não foi por um dia só, mas durante os sete dias. Ao final, Deus lhes deu a vitória.

Hoje, igualmente, somos chamados a confiar em Deus. Ele nos deu as suas grandes promessas. Ele nos diz que seu Filho morreu para pagar a nossa culpa; que Jesus Cristo ressuscitou, sendo ele o primeiro da ressurreição; que Cristo está à direita dele e intercede por nós; e que virá segunda vez para julgar este mundo. Deus nos promete dar o seu Espírito, que vem habitar em nós, para nos guiar, iluminar, confortar e auxiliar. Deus nos promete que ele mesmo nos dará vida eterna e consolará e enxugará dos nossos olhos todas as lágrimas; que ele estará conosco neste mundo e que jamais nos desampará. O Senhor promete ainda que não vai permitir que a tentação seja maior do que a capacidade que temos de suportar; que ele não nos deixará mortos na sepultura, mas nos preservará até o fim; e que finalmente ele destruirá a morte, o pecado e Satanás.

Essas são promessas que Deus nos fez; a sua palavra está empenhada, e é por ela que temos de viver. Fé é tomar Deus na sua palavra, mesmo quando o

mundo inteiro está dizendo o contrário. E mesmo que não sinta, não veja e não perceba, você deve tomar a decisão de ter fé, porque fé não é uma emoção ou um sentimento, mas uma decisão.

Deus é misericordioso com os pecadores

Não me canso de me maravilhar com a graça que foi dada à prostituta Raabe. No meio daquele povo cananeu, julgado e condenado por Deus e destinado à destruição, o Senhor foi achar não um príncipe virtuoso ou um sábio que olhava as estrelas como os magos do oriente, mas uma cafetina que tinha um prostíbulo em cima do muro da cidade e que sustentava toda a sua família por meio da prostituição. Deus escolheu exatamente aquela que, aos olhos de Israel, era o pior tipo de pessoa, tanto que, quando ela se converteu, os israelitas a colocaram do lado de fora do acampamento para só depois incluí-la no povo de Deus.

Pensar na misericórdia de Deus nos dá esperança de que ele pode salvar os piores pecadores, estendendo a sua graça e misericórdia a você, a mim, aos nossos filhos e pais, aos nossos parentes, ao seu marido ou esposa etc. Não desista.

Além disso, Deus não somente pode alcançar qualquer pessoa com a sua graça, mas transformar completamente a vida dela. De prostituta cananeia, Raabe foi elevada, pela fé, a ancestral do nosso Senhor Jesus Cristo. Deus pode fazer esse tipo de coisa, e creio que ele deseja nos animar com essa palavra.

Conclusão e aplicações

Você, querido leitor, que está no meio do combate, no meio do conflito, passando por angústia e provação, por tempos difíceis, problemas financeiros e de todo tipo, levante os olhos e veja o Senhor Jesus dizendo: “Eu vim para assumir o comando da batalha. Eu sou o chefe dos exércitos de Deus; a batalha é minha, e eu irei à frente, dando-lhe a vitória”.

Portanto, não desista, continue firme e confie que ele haverá de liderar nesse momento de angústia. Talvez você tenha caído e sofrido uma derrota pelo mundo, pelo pecado ou por Satanás. Agora é o momento de se perguntar por que caiu. Será que deixou de confiar nas promessas ou deixou de obedecer a Deus e de andar por fé na sua palavra? Lembre-se de que a luta continua, que Deus estende a mão e que ele quer tomá-lo de onde você está e reintegrá-lo na batalha, mais experiente, mais sábio e mais preparado.

É preciso, no entanto, que você se arrependa e diga: “Senhor, quero voltar a lutar. Não quero me entregar mais nem ficar caído, mas quero integrar as tuas fileiras no combate eterno”.

Por outro lado, se Deus o tem abençoado com conquistas e vitórias, lembre-se de que a glória é dele. O despojo é dele. Quando Deus nos dá a vitória, temos a tendência de ir pegar o despojo, como se tivéssemos conquistado aquilo. Deus diz, no entanto, que toda a glória pertence a ele. E ele não divide a glória dele com ninguém.

Então, se Deus o abençoou, ande humildemente diante dele e dos irmãos. Se Deus o tem feito vitorioso, ande com mansidão diante dele e dos seus irmãos, lembrando que a vitória vem dele e que, portanto, a glória é dele, agora e para sempre.

PECADOS OCULTOS E COMO LIDAR COM ELES

Josué 7

Para dar ao povo de Israel a terra que ele havia prometido a Abraão, Deus impôs uma condição: a observância de todos os mandamentos escritos no Livro da Lei dado a Moisés.

Jericó foi a primeira cidade a ser conquistada, e os capítulos 5 e 6 mostram como Josué chama e prepara os israelitas para a guerra com aquela cidade fortificada. Deus orienta Josué a respeito da conquista e diz que, após a queda do muro, Israel deveria entrar na cidade e eliminar toda aquela gente. O ouro e a prata da cidade, no entanto, não deveriam ser levados, pois eram do Senhor, a quem pertence o despojo. (Mais tarde revela-se o objetivo prático de tal ordem, que era a construção do Templo de Deus, pois para que se executassem as obras seriam necessários os recursos ali encontrados.) Assim, o despojo encontrado em Jericó era condenado para Israel. O povo obedeceu a Deus, como vimos no capítulo 6. O capítulo 7, porém, narra um episódio de desobediência. É o que veremos agora.

O pecado de Acã e a derrota de Israel

Um soldado no meio daqueles milhares de israelitas resolveu desobedecer a Deus e se apossou de alguns bens preciosos e os guardou em sua tenda. Isso trouxe grande desgraça ao povo de Israel, pois a próxima cidade, Ai, menor que Jericó e aparentando ser uma conquista fácil, tornou-se uma grande derrota para o exército de Josué.

A lição do capítulo 7 é que o segredo da nação de Israel era a presença de Deus no seu meio. Os israelitas eram inferiores, militarmente falando, às nações daquela terra. Eles não tinham estratégias, não conheciam a região e estavam em desvantagem em relação aos povos que ali habitavam. O que daria a Israel a vitória era a presença de Deus; ele era o segredo e a força da nação. No momento em que o Senhor já não estivesse mais com o povo, este estaria entregue nas mãos de seus inimigos. Podemos resumir o capítulo 7 desta forma: Se Deus é por nós, quem será contra nós? E se, ele for contra nós?

Veremos que só existe uma coisa que coloca Deus contra o seu povo, e não é o pecado, mas, sim, o pecado não confessado, escondido e não tratado. Sugiro que leia este capítulo em oração, pedindo a Deus que lhe mostre o Acã que talvez haja em você.

O versículo 1 narra a desobediência de Acã:

Mas os israelitas cometeram uma transgressão no caso do anátema, pois Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zerá, da tribo de Judá, tomou do anátema; e a ira do SENHOR acendeu-se contra os israelitas.

Se avançarmos ao versículo 21, veremos o próprio Acã confessar o que fez:

... quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata e uma barra de ouro do peso de cinquenta siclos, eu os cobicei e os tomei; estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata está debaixo da capa.

Aqui vemos a dinâmica do pecado: primeiro Acã vê, depois cobiça, em

seguida toma e, por último, esconde. É assim que o pecado funciona: primeiro colocamos os olhos onde não devemos, depois cobiçamos o que vimos, em seguida damos um jeito de tomar ou praticar tal coisa e, por fim, escondemos os rastros, para que ninguém saiba o que fizemos, porque a nossa consciência diz que aquilo está errado, e assim preferimos ocultar. Foi o que Acã fez.

A sequência do pecado (7.2-21)

Note, voltando ao primeiro versículo, que Acã pensou que ninguém estava vendo, mas Deus estava, e diz o texto que a sua ira se acendeu contra os filhos de Israel. Quem pecou não foi Acã? Por que a ira do Senhor se acendeu contra os israelitas? Por que o texto não diz “a ira do SENHOR acendeu-se contra Acã”? Encontramos a resposta na doutrina da aliança. Somos o povo de Deus; somos irmãos e fazemos parte da mesma família. O que acontece com um acontece com todos, e o pecado de um é o pecado de todos. O Senhor se ira com sua família por causa dos pecados cometidos no meio do povo e que não estão sendo tratados. A ira de Deus se acendeu contra toda a nação por causa de um homem.

Quando alguém peca e esconde seu pecado pode pensar que nada está acontecendo, mas isso vai afetar seu cônjuge, seus filhos, sua igreja, seu local de trabalho e todas as pessoas ao seu redor. O salário do pecado é a morte, e não podemos fugir de Deus.

A derrota vem depois da desobediência. Veja o que diz o texto (7.2-5), lembrando que Josué não sabia ainda o que havia acontecido:

De Jericó Josué enviou alguns homens a Ai [talvez 24 quilômetros morro acima], que está junto a Bete-Áven, ao oriente de Betel. Ele lhes disse: Subi e espionai a terra. Os homens subiram e espionaram Ai. Eles voltaram a Josué e lhe disseram: Nem todo o povo deve subir. Subam apenas uns dois ou três mil homens para destruir Ai. Não canseis a todo o povo ali, porque há poucos habitantes. Assim, subiram cerca de três mil homens do povo, mas eles fugiram diante dos homens de Ai. E os homens de Ai mataram cerca de trinta e seis deles e, depois de persegui-los desde a porta da cidade até Sebarim, derrotaram-nos na descida. Então o coração do povo se derreteu de medo e se tornou como água.

Josué não sabia da atitude de Acã; então mandou um grupo de espões fazer o reconhecimento de Ai — uma espécie de inteligência militar. Os espias então concluíram que a cidade, por ser pequena e desprotegida, mesmo estando no alto de um morro, poderia ser facilmente derrotada, motivo pelo qual não seria necessário enviar os esquadrões inteiros. Um número pequeno

de soldados daria conta da batalha, e os israelitas estavam confiantes de que aconteceria com Ai o mesmo que ocorrera com Jericó; afinal, Deus não era com eles?

Josué, a essa altura (e diz o texto que ele nem consultou a Deus, como de costume), subestimou a situação e, julgando que o Senhor estivesse ao seu lado, destacou o pelotão que derrubaria Ai. Para surpresa de Israel, os homens de Ai lutaram como leões, e parecia que era com eles que Deus estava. O resultado foi a derrota dos israelitas, que perderam “cerca de trinta e seis” soldados e tiveram de voltar para casa correndo morro abaixo. Tudo por causa do pecado de um homem.

O coração do povo então se derreteu, e ninguém entendia como eles haviam conquistado Jericó e agora estavam derrotados. A resposta é que Deus estava com eles em Jericó e, em Ai, não estava mais. O Senhor estava irado com o seu povo, e, se ele está contra a sua gente, a derrota pode vir até de uma cidade como Ai.

Dos versículos 6 a 9 vemos o desespero de Josué. A sequência é: desobediência, derrota e desespero. Diz o texto:

Então Josué rasgou as vestes e prostrou-se com o rosto em terra perante a arca do SENHOR até a tarde, ele e os anciãos de Israel; e eles jogaram terra sobre a cabeça. E Josué disse: Ah, SENHOR Deus! Por que fizeste este povo atravessar o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, para nos fazeres morrer? Antes tivéssemos nos contentado em viver além do Jordão. Ah, SENHOR! Que direi, depois que Israel retrocedeu diante dos seus inimigos? Pois os cananeus e todos os habitantes da terra ouvirão isso e, cercando-nos, exterminarão da terra o nosso nome; e então, que farás pelo teu grande nome?

O desespero tomou conta de Josué. Ele não sabia por que Deus não estava mais com o seu povo, e fez a única coisa que a liderança podia fazer: rasgou as suas vestes (no antigo mundo oriental, um símbolo de desespero e tristeza), chamou o restante da liderança, colocou-se diante da Arca da Aliança e chorou, lamentou-se e gritou diante de Deus. Ele clamou e disse que, se as coisas seriam daquela forma, melhor seria se eles tivessem ficado do outro lado do rio, e indagou ao Senhor por que ele os conduziu para o outro lado do Jordão a fim de que morressem nas mãos daqueles homens.

Percebe-se que Josué sabia orar, pois ele toca no ponto sensível de Deus.

Podemos parafrasear seu raciocínio desta forma: “Se formos destruídos, o problema vai respingar em ti, porque todos os povos daqui sabem que o Senhor dos Exércitos nos tirou do Egito. E o que vão dizer? Que começaste a tua obra, mas não a terminaste, e que não tiveste força para cumprir tuas promessas. Deus, o que está em jogo aqui é o teu nome!”.

Agora você descobriu por que boa parte das orações não é atendida: porque não se usa o argumento certo com Deus. Alguém o aborda e diz: “Eu quero isso porque quero”. E ele diz: “E daí?”. Agora, quando se diz: “Senhor, ouve a minha oração, porque, se isso acontecer, a glória será tua e o teu nome será engrandecido. As pessoas verão que tu és Deus”. Esse é o maior argumento que se pode usar perante ele. Deus preza, acima de tudo, a sua glória e o seu próprio nome. Josué sabia disso, e é por isso que ele orou dessa maneira.

Mesmo irado com seu povo, Deus escuta a oração de Josué e não os abandona. O Senhor aparece ao sucessor de Moisés e lhe dá direção. Depois da sequência *desobediência, derrota e desespero em forma de oração* vem a resposta em forma de direção. Diz o texto (v. 10-15):

E o SENHOR respondeu a Josué: Levanta-te! Por que estás assim prostrado com o rosto em terra? Israel pecou! Eles quebraram a minha aliança que lhes ordenei. Tomaram do anátema, furtaram-no e, dissimuladamente, esconderam-no entre as suas posses. Por isso os israelitas não puderam subsistir perante os seus inimigos, retrocederam diante deles, porque se fizeram anátema. Se não destruídes o anátema do meio de vós, não estarei mais convosco. Levanta-te, santifica o povo e dize-lhe: Santificai-vos para amanhã, pois assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: O anátema está no meio de ti, Israel; não poderás resistir diante dos teus inimigos, enquanto não tirares do meio de ti o anátema. Amanhã tereis de vos aproximar, segundo as vossas tribos; a tribo que o SENHOR apontar se aproximará, família por família; a família que o SENHOR apontar se aproximará, casa por casa; e a casa que o SENHOR apontar se aproximará, homem por homem. E aquele que for encontrado com o anátema será queimado no fogo, ele e tudo quanto tiver, porque quebrou a aliança do SENHOR e fez uma loucura em Israel.

Imagine a cena: Josué prostrado, de joelhos, diante da Arca, com as vestes rasgadas, coberto de cinzas e pó, clamando a Deus, e, de repente, da Arca

(não sabemos como, apenas imaginamos), a glória do Senhor brilha e ele dá uma ordem extraordinária: que Josué pare de orar. Não era o momento de orar, mas de se levantar! Eu só me lembro de outra passagem bíblica em que Deus manda alguém parar de orar: “Mas tu não deverás orar por este povo, nem levantar por eles clamor nem oração; porque não os ouvirei no tempo em que clamarem a mim por causa da sua calamidade” (Jr 11.14). No geral, a Bíblia nos orienta a orar: “Orai sem cessar” (1Ts 5.17), “perseverai na oração” (Rm 12.12) etc. Há ocasiões, no entanto, em que não se deve orar, mas, sim, consertar a vida e resolver o problema do pecado.

Oração não substitui quebrantamento, santificação, arrependimento, restituição e reconciliação. Você pode orar até o dia do juízo, mas, se não houver lugar para essas coisas em seu coração, de nada vai adiantar.

Voltando à história, Deus diz a Josué o que estava acontecendo: “Israel pecou!”. Note que ele continua a tratar a situação no coletivo, atribuindo ao povo toda a responsabilidade pelo pecado. No versículo 12, o Senhor diz que não será mais com o povo enquanto este não tirar do seu meio o anátema, isto é, a coisa amaldiçoada.

Deus está dizendo a Josué que o segredo da vitória da igreja é ele, o próprio Senhor. É a presença, a graça e o poder dele que fazem o povo ser vitorioso. Não se trata de ter muito dinheiro, estratégias, metodologias, homens capacitados ou pastores com títulos. Tudo isso é importante, mas, se ele não estiver no meio de nós, essas coisas não valem nada.

O segredo da igreja é a presença de Deus, e só há uma coisa que o faz se afastar do meio do seu povo, e não é o pecado, pois, se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar (1Jo 1.9). O Senhor não rejeita o coração quebrantado e contrito (Sl 51.17). Se, depois de pecar, nos humilharmos diante dele em arrependimento, está escrito que ele nos ouve, nos perdoa, nos levanta e nos dá um novo começo. O problema, então, não é o pecado, mas, sim, pecar e esconder — essa foi a atitude de Acã. Ele fez de conta que não houve nada e continuou com o pecado oculto. Não era o momento de orar, mas de colocar a vida em ordem.

Nos versículos 14 e 15, Deus direciona Josué a como tratar do pecado. Josué deveria chamar os israelitas naquela noite, santificar o povo, transmitir as orientações de Deus, explicar a razão da derrota, dizer que alguém havia quebrado a aliança do Senhor e dizer que eles deveriam passar a noite se examinando, porque no dia seguinte, de manhã, Deus mostraria quem havia feito a coisa errada. Isso seria feito através do sistema de lançar sortes,

utilizando Urim e Tumim, duas pedras colocadas no peitoral do Sumo Sacerdote de Israel. As pedras eram lançadas, e Deus revelava às tribos por esse meio o que ele queria (era assim no Antigo Testamento, mas é claro que hoje Deus já não trabalha assim).

A pergunta que fazemos é: Deus não sabia que era Acã? É claro que sim. Ele poderia ter dito logo a Josué: “Foi Acã”, mas decidiu estabelecer um processo pelo qual a nação chegaria àquela conclusão. Imagino algumas razões pelas quais ele pode ter decidido agir desse modo. Uma delas é que Deus queria que o seu povo se envolvesse no tratamento daquele pecado, para que todos sentissem que o pecado de uma só pessoa era de responsabilidade comum.

Fico imaginando que, naquela noite em que Josué disse ao povo que se santificasse e se preparasse, porque Deus mostraria quem havia sido o pecador na manhã seguinte, um pai de família reuniria a sua família na sua tenda e perguntaria a cada um de seus filhos: “Judá, foi você? Jacó, foi você? Levi? Vamos examinar o nosso coração”. Aquela foi uma noite de autoexame e de sondar o coração, noite em que os israelitas se colocaram diante de Deus fazendo a mesma pergunta que os discípulos fariam na noite da Última Ceia: “Porventura, sou eu, Senhor?” (Mt 26.22, ARA). Eu acho que era justamente isto o que Deus queria: que o seu povo clamasse por uma sondagem no próprio coração e desejasse ser bênção, e não tropeço, para a nação de Israel; ele queria que todos se humilhassem diante dele e estivessem prontos para se arrepender.

Depois da sequência *desobediência, derrota, desespero em forma de oração e direção*, é a vez da *descoberta*. Diz o texto nos versículos 16 a 21:

Então Josué levantou-se de madrugada e fez Israel aproximar-se, segundo as suas tribos, e foi apontada por sorte a tribo de Judá. Ele fez a tribo de Judá aproximar-se e foi apontada a família dos zeraítas; fez a família dos zeraítas aproximar-se, homem por homem, e foi apontado Zabdi; e fez a casa de Zabdi aproximar-se, homem por homem, e foi apontado Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zerá, da tribo de Judá. Então Josué disse a Acã: Filho meu, dá glória ao SENHOR, Deus de Israel, confessando perante ele. Declara-me agora o que fizeste; não escondas nada de mim. Acã respondeu a Josué: Na verdade pequei contra o SENHOR, Deus de Israel. Foi isto o que fiz: quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata e uma barra de ouro

do peso de cinquenta siclos, eu os cobicei e os tomei; estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata está debaixo da capa.

O que se passava na cabeça de Acã, quando, ao amanhecer, o povo todo se reuniu? “Josué deve estar blefando. Ele não tem como saber que fui eu! Se eu confessar o meu pecado, as consequências serão terríveis. Vou ficar no meu lugar e não vou dizer nada.” Daí é escolhida a tribo de Judá, e Acã sente a força apertando. “Não, isso foi coincidência. Josué está jogando verde para colher maduro. Vou continuar na dureza do meu coração.” A família de Acã é escolhida, e ele sente o laço apertando cada vez mais. Imagino Acã vendo a coisa chegar cada vez mais perto, como um político brasileiro corrupto durante a Operação Lava-Jato.

Finalmente, foi escolhida a casa de seu pai, e Acã vê que não tem mais jeito, e, dentre os seus irmãos, é escolhido o seu nome. Nesse momento, ele cai em si. Acã foi pego. Foi surpreendido. Agora, não havia mais o que esconder, e, ao que parece, é naquele instante que toma consciência do que havia feito, e o seu coração se quebra. Eu digo isso porque, quando Josué o confronta, ele diz, no versículo 20: “Na verdade pequei contra o SENHOR, Deus de Israel. Foi isto o que fiz...”.

A consequência do pecado (7.22-26)

A confissão de Acã me parece a confissão de alguém que está verdadeiramente arrependido. Ele não coloca a culpa em ninguém. Se ele não tivesse se arrependido, poderia até ter dito: “Olha, Josué, eu até pequei, mas a culpa é da minha mulher. Você devia ouvir o que ela fala o dia inteiro no meu ouvido: ‘Acã, olha como as mulheres dos outros soldados se vestem bem, e eu aqui vestida nesses trapos! Você não cuida de mim!’”. Ele também não culpou Josué: “Poxa, Josué, com o salário que você me paga, você queria o quê?”. Acã simplesmente assumiu a culpa.

Quando alguém confessa um pecado e a confissão vem junto com a palavrinha “mas”, eu já fico desconfiado de que aquele arrependimento não é verdadeiro. Alguns vêm a mim e dizem: “Pastor, pequei, *mas...*”. Quem está arrependido assume: “Eu pequei contra Deus! Fui eu! A responsabilidade é minha”.

A segunda indicação do arrependimento sincero de Acã é que ele disse com exatidão o que havia feito. Infelizmente, já tratei de um caso de adultério em que o marido, enfim apanhado, disse:

— Pastor, de fato traí minha mulher e estou arrependido. Sei que errei.

Naquele momento me deu um estalo, e perguntei:

— Foi a primeira vez?

O homem me respondeu:

— Pastor, já que você me perguntou, não foi a primeira vez, não.

E, de novo, perguntei:

— Foi com a mesma mulher ou com outra?

A resposta foi que já tinha sido com três ou quatro outras mulheres. Esse homem estava realmente arrependido? Creio que não, porque quem está realmente arrependido abre o coração e diz tudo, pronto para assumir as consequências, e parece que foi o que Acã fez.

Será que Deus teve misericórdia de Acã? Veja o que acontece dos versículos 22 a 26, em que temos a disciplina divina que recaiu sobre Acã:

Então Josué enviou mensageiros, que foram correndo à tenda; e tudo estava escondido na sua tenda, e a prata estava debaixo da capa. Eles pegaram aquelas coisas do meio da tenda e as trouxeram a Josué e a

todos os israelitas, e as puseram perante o SENHOR. Então Josué e todo o Israel com ele pegaram Acã, descendente de Zerá, e a prata, a capa e a barra de ouro, e os filhos e as filhas dele, bem como seus bois, jumentos e ovelhas, e a sua tenda, e tudo quanto tinha, e levaram-nos ao vale de Acor. E Josué perguntou-lhe: Por que nos trouxeste desgraça? Hoje o SENHOR trará desgraça a ti. E todo o Israel o apedrejou; eles os queimaram no fogo e os apedrejaram. E levantaram sobre ele um grande montão de pedras, que permanece até o dia de hoje. E o SENHOR se afastou do ardor da sua ira. Por isso até hoje aquele lugar chama-se vale de Acor.

Acor, em hebraico, significa “desgraça” ou “conturbação”, por causa da palavra de Josué: “Por que nos trouxeste desgraça?”. Uma vez descoberto o pecado, Acã tinha de enfrentar as consequências. Acredito que ele foi perdoado, porque a confissão dele foi sincera. O fato de Deus perdoar, no entanto, não quer dizer que ele nos livra das consequências do pecado, especialmente quando isso atinge a vida de outras pessoas, como foi o caso desse homem. Por causa do pecado dele, “cerca de trinta e seis” pais de família morreram.

Se a confissão de Acã era verdadeira, Deus o perdoou. Ele devia, no entanto, enfrentar as consequências de seu pecado, e é assim hoje também. Uma pessoa que foi apanhada em pecado pede perdão, e nós perdoamos, mas isso não quer dizer que ela não deva ser disciplinada e corrigida e que não necessite restituir aquilo que tomou ou destruiu. O fato de alguém pedir perdão não elimina a obrigação de reparar o erro.

Na lei do Antigo Testamento, o assassinato era castigado com a morte: olho por olho, dente por dente. O pecado de Acã matou “cerca de trinta e seis”; então ele deveria ser morto. A pena de morte, aqui, é executada contra ele e sua família. Por quê? Por dois motivos. O primeiro é porque, provavelmente, era impossível Acã guardar tudo aquilo em sua tenda sem a conivência da família. (E não foi um caso único na Bíblia: lembre-se da história de Ananias e Safira; ele tentou enganar o Espírito Santo acerca da venda de uma propriedade e a mulher foi cúmplice [At 5.1-10].) Em relação à punição dos filhos, está escrito que Deus castiga a impunidade dos pais nos filhos até a quarta geração, se os filhos andam nos caminhos dos pais. O segundo motivo pelo qual o Senhor agiu dessa forma com Acã e sua família foi a aliança dele com Israel. Somos o povo de Deus, e ele nos responsabiliza

conjuntamente.

Conclusão e aplicações

O texto termina — e com isso finalizo este capítulo também — dizendo que Deus mandou que levantassem um montão de pedras em cima do local onde estavam os corpos, o que é algo muito estranho, porque geralmente fazemos monumentos e estátuas para destacar coisas boas, como uma inauguração, uma obra, uma vitória etc. Por que, então, Deus faria um monumento de pedras sobre o local em que uma família foi apedrejada e queimada porque o chefe dela trouxe desgraça para o seu povo?

Só posso pensar em uma resposta: Deus não queria que seu povo se esquecesse daquilo. Fico imaginando como, dali a vinte ou trinta anos, um pai israelita, ao passar pela estrada de Jericó, em frente ao vale de Acor, seria questionado por seu filho:

— Papai, o que significa esse monte de pedras?

O pai então responderia:

— Meu filho, vou lhe contar agora a história de Acã. Ela mostra que, se Deus é por nós, não adianta ninguém ser contra nós, mas mostra também que, se Deus estiver contra nós, estaremos perdidos. Essas pedras lembram que o nosso segredo é Deus conosco, e que só há uma coisa que coloca o Senhor contra nós: o pecado oculto. Por isso, nunca deixe de colocar a sua vida em ordem. Confesse os seus pecados e viva uma vida limpa diante de Deus.

Aquele monumento, até onde sabemos, não existe mais. Contudo, não precisamos dele, pois a lição da história de Acã ficou gravada num monumento superior àquele feito de pedras. A história de Acã está na Bíblia para nos lembrar sempre do princípio de que a igreja existe por causa de Deus. Dele dependemos em tudo. Vivamos, pois, diante dele em sinceridade e pureza de coração.

O QUE VEM DEPOIS DO ARREPENDIMENTO?

Josué 8.1-29

O capítulo 7 de Josué mostra como Deus se voltou contra o seu povo por causa do pecado de um homem e como a desobediência de um trouxe derrota para todos. O pecado de Acã finalmente foi exposto e confessado. A disciplina foi então aplicada e a ira de Deus desviou-se do seu povo, uma vez que o pecado fora confessado e confrontado.

Assim, no capítulo 8, temos o relato de como Deus, favorável ao seu povo, deu a vitória sobre a cidade de Ai. Muitos de nós, infelizmente, por causa das tentações, caímos em pecado, e creio que todo cristão já se perguntou se Deus o havia realmente perdoado: Será que Deus ainda está zangado comigo? Será que ele vai me abençoar outra vez? Será que mereço ser aceito por Deus depois do que fiz?

Não poucas vezes essas perguntas entram em nosso coração, depois que confessamos a Deus os nossos pecados e reconhecemos que falhamos diante dele. Josué 8 expõe como o Senhor perdoou a nação de Israel e lhe foi favorável, dando a ela tudo o que queria lhe dar desde o início, agora da maneira correta.

Inicialmente, o relato apresenta a ação poderosa de Deus em favor de Israel após o desastre ocorrido na cidade de Ai. O Senhor aparece a Josué e o encoraja (v. 1,2). A essa altura, Josué devia estar se perguntando se Deus continuava do seu lado. Veja o que diz a passagem:

Então o SENHOR disse a Josué: Não tenhas medo, nem te assustes; toma contigo todos os guerreiros, levanta-te, e avança contra Ai. Eu te

entreguei nas mãos o rei de Ai, o seu povo, a sua cidade e a sua terra. Farás a Ai e a seu rei, como fizeste a Jericó e a seu rei; todavia podereis tomar os seus despojos e o seu gado. Prepara emboscada à cidade, por detrás dela.

Nessa passagem Deus diz a Josué que não mais temesse, pois ele havia perdoado o povo e esquecido a iniquidade que Israel cometera. O Senhor declara agora que a cidade de Ai será destruída. No capítulo 7, os israelitas haviam sido derrotados pelo exército inimigo por causa do pecado oculto e não tratado, mas então, com o pecado punido, Deus assegura a vitória a Israel.

Deus também afirma que dessa vez eles poderiam tomar os despojos (v. 2). Antes, no entanto, ele lhes havia negado o despojo de Jericó; dessa vez, porém, ele permite ao povo ficar com as riquezas que encontrar — uma demonstração clara de que a ira de Deus não estava mais sobre o seu povo, já que o problema do pecado havia sido resolvido.

O próprio Deus instrui, a partir daí, como deveria ser o ataque. Eles deveriam atacar de surpresa, em uma emboscada por trás da cidade.

Josué, em seguida, comanda os soldados israelitas de acordo com o que ouvira de Deus, e lhes assegura que o Senhor estaria com eles e lhes daria a vitória. O planejamento de como o ataque deveria se dar está em Josué 8.3-8:

Então Josué se levantou, com todos os guerreiros, para avançar contra Ai; e Josué escolheu trinta mil homens valentes, e enviou-os de noite. E deu-lhes esta ordem: Ficai de emboscada contra a cidade, por detrás dela; não vos distancieis muito da cidade, mas ficai todos de prontidão. Mas eu e todos os que estão comigo nos aproximaremos da cidade; e quando eles saírem contra nós, fugiremos deles, como aconteceu antes. E eles sairão atrás de nós, até que os tenhamos afastado da cidade. Eles dirão: Fogem de nós, como aconteceu antes. Quando estivermos fugindo deles, saireis da emboscada e tomareis a cidade, porque o SENHOR, vosso Deus, a entregará nas vossas mãos. Logo que tiverdes tomado a cidade, atei fogo nela, fazendo conforme a palavra do SENHOR. Atenção! É uma ordem que estou vos dando.

Nesse trecho, Josué passa os detalhes de como seria o ataque, que, aparentemente, tinha uma estratégia muito simples: trinta mil homens

ficariam por trás da cidade, do lado esquerdo, local cuja geografia mostrava ser bom para uma emboscada (por causa das pedreiras, os homens poderiam se esconder sem ser percebidos pelos inimigos); Josué iria com os demais soldados para as campinas de Ai e avançariam contra a cidade. No momento certo, Josué ordenaria que os guerreiros fugissem, dando a falsa impressão de estarem perdendo, para que os homens da cidade saíssem de Ai para atacá-los. Com isso, os outros trinta mil israelitas que estavam de emboscada tomariam a cidade.

Na sequência, vemos como Josué e os líderes do povo agem exatamente como Deus havia ordenado, iniciando o segundo ataque (8.9-17):

Assim Josué os enviou, e eles ficaram de emboscada, colocando-se entre Betel e Ai, ao ocidente de Ai; Josué, porém, passou aquela noite no meio do exército. Josué levantou-se de madrugada, passou o exército em revista, e então, com os anciãos de Israel à frente do exército avançou contra Ai. Todos os guerreiros que estavam com ele avançaram e, aproximando-se pela frente da cidade, acamparam ao norte de Ai, onde havia um vale entre eles e Ai. Ele escolheu cerca de cinco mil homens e os colocou de emboscada entre Betel e Ai, ao ocidente da cidade. Assim o povo, todo o acampamento ao norte da cidade, e a emboscada ao ocidente da cidade se posicionaram. Naquela noite Josué dirigiu-se até o meio do vale. Quando o rei de Ai viu isso, ele e todo o seu exército se apressaram. Eles se levantaram de madrugada, e os homens da cidade saíram ao combate contra Israel, ao lugar determinado, defronte da planície; mas ele não sabia que havia uma emboscada contra ele atrás da cidade. Josué e todo o Israel fingiram-se derrotados por eles, e fugiram pelo caminho do deserto. Portanto, todo o exército da cidade foi convocado para persegui-los; e ao perseguirem Josué, afastaram-se da cidade. E não restou um só homem em Ai, nem em Betel, que não saísse atrás de Israel; assim deixaram a cidade aberta, e perseguiram a Israel.

Israel e Josué seguiram as instruções de Deus ao pé da letra. Armaram a emboscada, fingiram que estavam perdendo, recuaram e, como resultado, os homens de Ai saíram como da outra vez, deixando de fato a cidade desguarnecida. O texto segue (8.18,19):

Então o SENHOR disse a Josué: Estende para Ai a lança que tens na mão;

porque eu a entregarei a ti. E Josué estendeu a lança que trazia na mão para a cidade. E, quando ele estendeu a mão, os que estavam de emboscada levantaram-se depressa do seu lugar e, correndo, entraram na cidade e a tomaram; e, depressa, puseram fogo à cidade.

É importante notar que Deus apareceu a Josué no meio da batalha. Não sabemos exatamente como foi; talvez tenha sido uma voz ou uma visão. Lembre-se de que, no início da guerra contra Jericó, Deus surgiu na forma de um homem preparado para a guerra, e quem sabe talvez ele tenha aparecido novamente dessa maneira.

Deus então interfere no meio da campanha e manda Josué levantar a lança como sinal para o avanço da emboscada. O Senhor queria deixar claro com isso que era ele quem estava no comando e que Israel deveria atribuir-lhe a vitória, porque o segredo de Israel era o Senhor. Esta era a força de Israel: o favor de Deus para com a nação. Josué dá o comando, os homens que estavam de emboscada saem e entram na cidade, e, depois de tomá-la, começam a incendiá-la.

Desse ponto em diante, temos o relato da derrota dos soldados de Ai, da tomada da cidade, da chacina dos que estavam lá e da prisão e execução do rei de Ai (8.20-29):

Nisso, os homens de Ai olharam para trás, viram a fumaça da cidade, que subia ao céu, e não puderam fugir nem para um lado nem para o outro, porque o exército que fugia para o deserto voltou-se contra eles. E vendo Josué e todo o Israel que a emboscada havia tomado a cidade, e que a fumaça da cidade subia, voltaram e derrotaram os homens de Ai. E aqueles que estavam na cidade também saíram contra eles, e assim os homens de Ai ficaram no meio dos israelitas, que os cercaram por um lado e pelo outro; e eles os derrotaram, de modo que não restou ninguém vivo, nem qualquer fugitivo. Mas ao rei de Ai tomaram vivo, e o trouxeram a Josué. Quando os israelitas acabaram de matar todos os moradores de Ai no campo, no deserto onde os haviam perseguido, e quando todos eles haviam caído ao fio da espada até serem aniquilados, todo o Israel voltou para Ai e a feriu ao fio da espada. Todos os que caíram naquele dia, homens e mulheres, foram doze mil, isto é, todos os de Ai. Pois Josué não recuou a mão estendida com a lança, até que todos os moradores de Ai fossem totalmente aniquilados. Os israelitas tomaram

para si apenas o gado e os despojos da cidade, conforme a ordem que o SENHOR dera a Josué. E Josué incendiou Ai e tornou-a num montão de ruínas perpétuo, como ela está até o dia de hoje. Ao rei de Ai enforcou num madeiro e deixou-o ali até a tarde. Ao pôr do sol, por ordem de Josué, tiraram do madeiro o cadáver, jogaram-no à porta da cidade e levantaram sobre ele um grande montão de pedras, que permanece até o dia de hoje.

Vemos, assim, como Josué arremata a vitória. Quando os israelitas que se fingiram de derrotados viram o fogo subindo de dentro da cidade, deram meia-volta e se voltaram contra os soldados de Ai, que então se viram presos. Os que estavam de emboscada e haviam entrado na cidade também saíram, e o exército de Ai ficou encurralado e foi liquidado dessa forma.

Em seguida, Josué entra na cidade e elimina todos os moradores, mas o despojo, o gado e as coisas preciosas são retirados. O rei de Ai é preso e executado por enforcamento na presença de todo o povo por Josué, deixado em um madeiro até o pôr do sol, sendo então retirado em razão da Lei de Moisés: “seu cadáver não passará toda a noite no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; pois aquele que é pendurado foi amaldiçoado por Deus” (Dt 21.23). Muito tempo depois, o apóstolo Paulo aplica Deuteronômio 21.23 a Jesus, dizendo que ele se fez maldito em nosso lugar, porque está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado em um madeiro” (Gl 3.13).

As guerras do Antigo Testamento *versus* os atentados terroristas do século 21

Antes de prosseguir, quero me deter um momento e explicar algo importante e que, sem dúvida, inquieta a muitos: Por que Deus mandou eliminar todos os moradores, incluindo mulheres e crianças? Essa pergunta costuma preocupar os leitores do Antigo Testamento. As pessoas veem relatos como esse e ficam com essa questão na cabeça, especialmente porque hoje existem religiões favoráveis ao extermínio dos seus opositores. Os adeptos extremistas dessas religiões se suicidam com bombas em mercados públicos, supermercados, escolas, mesquitas etc. Diante disso, muitas pessoas perguntam: Mas Deus não mandou os israelitas fazerem o mesmo?

Devo lembrá-lo de que há diferença entre uma guerra e uma bomba covardemente detonada em um supermercado. No Antigo Testamento, Deus não manda terroristas atacar povos pacíficos; o que ele faz é engajar Israel em uma guerra. Portanto, esses outros povos tinham a oportunidade de se defender, e não poucas vezes ganharam dos israelitas. É injusto querer comparar o que se vê no Antigo Testamento com o radicalismo e terrorismo feitos em nome de uma divindade, explodindo bombas em supermercados e colégios, matando mulheres e crianças, em situações em que não há pelo menos um estado de guerra declarada para que as pessoas possam se defender.

A outra diferença é que o nosso Deus, de acordo com a Escritura, é o Senhor da vida e da morte; por ele vivemos e morremos, de acordo com a sua vontade. A terra é de Deus, e ele a dá a quem quer. Aquela terra fora prometida a Abraão, Isaque e Jacó, mas estava contaminada pela presença de povos pagãos e idólatras que não conheciam a Deus. Embora estivessem expostos à revelação que ele fez de si na natureza, eles se rebelaram contra o Criador a ponto de queimarem seus filhos em sacrifício a deuses falsos. Tratava-se de povos opressores e assassinos. Deus estava usando a nação de Israel como chicote para punir os habitantes daquela terra, porque ele castiga as nações, e ao fazer isso ele usa quem bem quiser. Deus é o Senhor da vida e ele pode fazer isso.

As pessoas perguntam: Como isso funciona atualmente? Hoje, o reino de

Deus não está mais restrito a uma nação, como no Antigo Testamento. Uma nação tem exército, rei, uma terra como pátria e estatutos, e Israel era uma nação. Nós, cristãos, no entanto, não temos pátria aqui neste mundo, pois o nosso reino é espiritual. Não estamos localizados geograficamente em um lugar, nem temos de guerrear por um país ou por um espaço. Isso porque, com a vinda do Senhor Jesus Cristo, a saída da nação de Israel para todas as nações alterou completamente a situação do povo de Deus.

Hoje, somos chamados, na verdade, a outro tipo de guerra: a espiritual, como diz o apóstolo Paulo em Efésios 6. A nossa luta não é contra carne ou sangue, mas contra principados e potestades e contra os dominadores deste mundo tenebroso, as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. A nossa luta é de natureza espiritual, para livrar as pessoas do domínio de Satanás, do reino das trevas, libertar os cativos e trazê-los para o reino da luz, do perdão e do amor de Jesus Cristo.

No Antigo Testamento, era diferente. Por isso, quando alguém quiser fazer comparação entre as guerras de Israel no Antigo Testamento e as explosões terroristas no Oriente Médio, saiba distinguir as duas coisas.

Além de Salmos e Provérbios

Vejam agora se essas guerras lideradas por Josué nos permitem tirar algumas lições para a nossa vida cristã diária. Sabemos que, por causa de passagens envolvendo batalhas e mortes, muitos desanimam ao ler o Antigo Testamento; gostam de ler Salmos e Provérbios, mas pulam logo para o Novo Testamento.

Mas será que o Antigo Testamento não tem nada a nos dizer? O Novo Testamento se refere ao Antigo dizendo que ele foi escrito para nós. Paulo diz que tudo o que foi escrito destina-se a nós, para que, através das Escrituras, tenhamos confiança nos dias de hoje (Rm 15.4). Ele também diz, ao se referir ao Antigo Testamento, que toda palavra de Deus é inspirada e útil (2Tm 3.16,17). Vejam, então, o que podemos extrair de ensinamentos de Josué 7 e 8. (Embora tenhamos estudado Josué 7 no capítulo anterior, achei melhor deixar outras lições práticas para juntar com Josué 8, tendo em vista o desfecho subsequente à morte de Acã e sua família.)

Pecar é tomar antes do tempo aquilo que Deus lhe dará no tempo certo

Se Acã não tivesse se precipitado, teria ganhado ouro, prata e pedras preciosas. Deus havia ordenado que não se tomasse nada de Jericó. Acã, porém, tomou em Jericó aquilo que, se tivesse esperado, receberia na batalha de Ai. Era só ter aguardado. Quando as pessoas se apossam de alguma coisa antes do tempo, da maneira errada e com a pessoa errada, estamos diante do pecado.

Muitos pecam hoje por não esperar o tempo de Deus para receber o que desejam, como, por exemplo, jovens que querem experimentar o sexo antes do casamento. Desejam tomar antecipadamente o que Deus lhes daria de forma legítima e natural, por meio do casamento. Mas, em vez disso, agem como Acã, isto é, tomam antes do tempo o que seria seu na hora certa.

Outro exemplo é o comerciante que se desvia por atalhos desonestos para enriquecer, ou ainda o empregado que adota uma conduta questionável a fim de se promover. Poderíamos citar diversos exemplos da vida diária em que os

cristãos se apressam. Se esperassem o tempo de Deus, receberiam o que desejam da forma correta, e não teriam de sofrer consequências semelhantes às que Acã sofreu.

Se o coração e a alma estiverem satisfeitos com Cristo e se nos enchemos dele, saberemos esperar o tempo de Deus para termos tudo o que desejamos.

Deus não guarda rancor do seu povo após a confissão, admissão e eliminação de um pecado

Deus perdoou a nação de Israel completamente, e não tratou mais o seu povo como se ele ainda fosse culpado. Enquanto o pecado de Acã não foi resolvido, confrontado e eliminado, a ira do Senhor estava sobre o povo, mas, uma vez que tudo foi descoberto e confrontado, Deus de fato perdoou Israel. O Senhor lhes deu a vitória, os despojos, sua orientação e sua presença no meio deles.

Isso não significa que Deus faz vistas grossas a nosso pecado, mas é sugestivo (e veremos isso no próximo capítulo) que, após a tomada de Ai, Josué levante um altar e ali sacrifique animais, derramando sangue. Esses sacrifícios eram um símbolo do sacrifício do Messias, que é a base sobre a qual Deus perdoa pecados e não os imputa mais a seu povo. E aqui está a base da nossa segurança quando dizemos que os nossos pecados estão perdoados.

Não poucas vezes, mesmo depois de confessar os pecados, nós nos perguntamos se Deus realmente nos perdoou, se ele continua favorável a nós e se vai nos tratar como nos tratava antes. Espero que o capítulo 8 de Josué seja a resposta a essa sua indagação: o Senhor perdoa, e, uma vez que o pecado é confessado e tratado, você não precisa ter dúvidas quanto a isso nem precisa carregar culpa. Você deve confiar nas promessas de Deus a respeito do perdão.

Deus frequentemente nos leva de volta ao lugar onde fomos derrotados para que aprendamos a fazer as coisas da forma certa

Deus mandou Josué voltar com o povo à cidade de Ai para lutar da forma

correta. No capítulo 7, eles tentaram tomar a cidade de Ai sem a ajuda divina, mas, com o pecado cometido e não confessado, o resultado foi a derrota. Uma vez tratado o pecado, Deus os mandou voltar à cidade de Ai, a fim de ultrapassarem esse obstáculo.

Creio que o objetivo de Deus com isso é nos ensinar a vencer o pecado. Se você pecou e se arrependeu, pode dizer a Deus: “Senhor, eu não quero mais voltar lá. Não quero mais tentar emendar esse relacionamento [por exemplo], porque estou traumatizado”. Deus, então, responde: “Não, você tem quem voltar a Ai e lutar de novo, só que dessa vez da maneira certa”.

Nossa tendência é fugir dos desafios que surgem diante de nós. Optamos por nos afastar de uma relação, porque dói tentar consertá-la. Decidimos fugir de uma situação, porque ficar ali causará tensões, e queremos o caminho do conforto e da facilidade. Deus poderia ter dito: “Josué, Ai é uma cidade pequena. Faça a volta, vá pelo oriente, passe acima do Mar Morto, desça pela costa dos filisteus e entre na terra de outra maneira, mas não quero que vocês passem por Ai outra vez, porque vocês estão traumatizados”. Mas ele fez o oposto disso. Da mesma forma, Deus frequentemente nos leva ao local da derrota e diz: “Agora você vai de novo, do jeito certo. Você tem de superar e aprender”.

Precisamos do poder de Deus, mesmo para os menores obstáculos da jornada

Ai tinha apenas doze mil moradores, enquanto só o exército de frente de Josué tinha trinta mil. Numericamente, os israelitas eram superiores, mas vimos no capítulo 7 que eles foram derrotados. Eles só conquistaram a vitória, conforme o capítulo 8, porque Deus estava com eles.

Deus é o segredo da nossa vitória, e é isto que o capítulo 8 quer ensinar: mesmo para os menores obstáculos, precisamos da ajuda de Deus. Como disse o Senhor Jesus em João 15.5: “Eu sou a videira; vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”.

Ter comunhão com Deus é o segredo de uma vida vitoriosa neste mundo.

Deus nem sempre dá a vitória da mesma forma

Na vitória sobre Jericó, Deus chamou Josué e disse que eles rodeariam a cidade sete vezes. Nas seis primeiras vezes, eles fariam a volta em silêncio, mas, na sétima vez, tocariam as trombetas e as muralhas cairiam. Para conquistar Ai, no entanto, as orientações foram outras. Ele apresentou uma estratégia completamente diferente — emboscada e simulação.

Isso significa que precisamos estar abertos para o fato de Deus nem sempre agir da mesma maneira. Uma coisa que deu certo em Jericó não serve para Ai. O problema, às vezes, com igrejas, e especialmente igrejas históricas, é que nos fixamos em estratégias e métodos que funcionaram há cinquenta anos, embora hoje a situação seja outra.

A estratégia usada em Jericó não foi a mesma adotada em Ai, e precisamos estar abertos para entender como Deus está nos guiando nestes tempos, para que sejamos relevantes. Caso contrário, estaremos respondendo a perguntas que ninguém está fazendo e trazendo uma mensagem que não fala a linguagem do nosso povo.

Se houver comprometimento com as verdades centrais do evangelho e se não mexermos naquilo que é inegociável, há um campo muito vasto ainda de atitudes, ações, estratégias e maneiras pelas quais podemos levar avante a mensagem da salvação nos nossos dias. Precisamos estar abertos para isso.

Imagine se Josué ouvisse a voz de Deus dizendo assim: “Você vai fazer uma emboscada em Ai”, e, em seguida, respondesse: “Acho que isso aqui não é do meu Deus não, porque o Deus que conheço só ganha vitória rodeando cidades sete vezes”. Já pensou? Precisamos ser sábios para viver em nossa época e tornar a igreja relevante. Devemos, sem medo, falar da infalível e imutável Palavra de Deus no meio de uma sociedade tão desgastada pelo relativismo, pela imoralidade, pela descrença e pelo desânimo. Que Deus nos dê essa sabedoria.

Conclusão e aplicações

Encerro este capítulo com uma palavra aos que estão sendo tentados por um pecado. Lembre-se: Pecar é tomar antes do tempo aquilo que Deus lhe dará no tempo certo. Não se precipite para conseguir o que você deseja a todo custo, pois poderá incorrer em pecado. Espere o tempo certo, o tempo de Deus. Se você souber esperar e fizer tudo da forma correta, desfrutará do que deseja com alegria e a consciência tranquila. De outro modo, você experimentará consequências desastrosas, e não as bênçãos de Deus sobre a sua vida. Reflita sobre isso.

E aos que pecaram e caíram, mas já buscaram a Deus, arrependidos, digo que confiem nas promessas de Deus e não duvidem do seu perdão. No final do livro do profeta Miqueias está escrito: “Quem é Deus semelhante a ti, que perdoas a maldade e te esqueces da transgressão do remanescente da tua herança? [...] Tu lançarás todos os nossos pecados nas profundezas do mar” (Mq 7.18,19). A título de ilustração, podemos acrescentar: “E ainda porás uma placa no mar com estes dizeres: ‘É proibido pescar’”. Essa seria uma placa interessante, porque há muita gente que faz questão de pescar o pecado de volta a fim de ficar olhando para ele. Uma vez que Deus nos perdoa e que entregamos a ele a nossa iniquidade, basta então crer no seu perdão.

Acredito que muitas pessoas sairiam das clínicas psiquiátricas no dia seguinte se pudessem se livrar da culpa. Muitos cristãos carregam o peso da culpa porque não conseguem crer no perdão de Deus. Em 1João 1.9, está prometido: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”. É claro que existem consequências, mas estou falando de culpa. Você tem de crer e descansar realmente em Deus.

Existe um túmulo em um cemitério fora da cidade de Sydney, cujo dono ninguém sabe quem é, que diz em sua inscrição: “Perdoado”. Gostaria que apenas isso fosse escrito em meu túmulo: “Perdoado”. Apenas precisamos ser conscientes disso.

Por último, para quem se vê derrotado no mesmo lugar e pelo mesmo inimigo, a solução não é fugir. A saída é enfrentar o pecado da maneira correta. Se Deus e sua graça estiverem ao seu lado, você vencerá pelas promessas dele.

RENOVAÇÃO DA ALIANÇA COM DEUS

Josué 8.30-35

Estamos examinando o livro de Josué por vários motivos. Primeiro, por causa do lugar e do papel que desempenha no cânon da Bíblia, pois esse livro registra o cumprimento de promessas que Deus havia feito aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e ao povo de Israel de lhes dar uma terra, um reino e descanso. Essa é, em primeiro lugar, sua importância, pois se trata do registro da fidelidade de Deus. De Gênesis a Deuteronômio, encontramos as promessas aos patriarcas, e em Josué vemos o cumprimento delas. Isso é importante para nós, pois o Deus de Israel é o mesmo Deus de hoje.

Também estudamos esse livro por um segundo motivo: ele tem várias lições práticas e muito válidas sobre como devemos viver neste mundo. Embora as situações registradas em Josué tenham acontecido há milhares de anos, são muito parecidas, em essência, com as que vivemos hoje. Encontramos em sua narrativa casos de desobediência, obediência, engano, confiança em Deus, ilusões a respeito de quem Deus é, idolatria, conflito e guerra, falta de entendimento, dedicação, medo e ansiedade com relação ao futuro. Quase todas essas situações refletem questões práticas que enfrentamos no nosso dia a dia.

Assim, o livro de Josué é extremamente válido para nós hoje, porque traz princípios a respeito de como Deus lida com o seu povo — e nós somos esse povo. Já tratamos de muitos desses princípios nos capítulos anteriores. Agora, Josué, em obediência à ordenança divina, faz uma pausa na campanha militar para cultuar a Deus e renovar a aliança (8.30-35).

Josué edifica um altar

Então Josué edificou um altar ao SENHOR Deus de Israel, no monte Ebal, como Moisés, servo do SENHOR, ordenara aos israelitas, conforme o que está escrito no livro da lei de Moisés, isto é: um altar de pedras brutas, nas quais não se usara ferramenta; e eles ofereceram sobre ele holocaustos ao SENHOR e sacrifícios pacíficos. E ali, na presença dos israelitas, fez em pedras uma cópia da lei que Moisés escrevera. E todo o Israel, tanto o estrangeiro como o natural, com os seus anciãos, oficiais e juizes, estava de um e de outro lado da arca, perante os sacerdotes levitas que levavam a arca da aliança do SENHOR; metade deles em frente do monte Gerizim, e a outra metade em frente do monte Ebal, como Moisés, servo do SENHOR, anteriormente ordenara, para que abençoassem o povo de Israel. Depois ele leu em voz alta todas as palavras da lei, a bênção e a maldição, conforme tudo o que está escrito no livro da lei. E de tudo o que Moisés ordenara não houve uma só palavra que Josué não lesse perante toda a congregação de Israel, inclusive perante as mulheres, os pequeninos e os estrangeiros que estavam no meio deles.

O começo da passagem revela que Josué levou todo o povo de Israel, todos os exércitos, as mulheres, as crianças, os naturais da terra que haviam se incorporado ao povo de Deus etc. para Siquém, onde ficavam os montes Ebal e Gerizim. Josué então edifica um altar no monte Ebal. Se você está acompanhando a geografia da época de Josué, saiba que isso significou um movimento de quarenta quilômetros ao norte da cidade de Ai.

Ou seja, em plena campanha, Josué interrompe a guerra e diz parecido com isto: “Vamos oferecer um culto a Deus a apenas quarenta quilômetros a pé de onde estamos”. Chegando lá, Josué então edificou um altar ao Senhor e ofereceu sacrifícios, conforme Moisés havia ordenado: pedras brutas sobre as quais não passaram instrumentos. Não sabemos exatamente a razão pela qual Deus determinou que o altar fosse feito de pedras naturais, e não de pedras cortadas por instrumentos. Talvez porque quisesse lembrar que aqueles sacrifícios estavam relacionados ao pecado do homem, e o homem, que era feito do pó, ao pó voltaria; ou talvez porque ele não desejasse interferência humana em seu altar, mas apenas coisas naturais, pois tudo vem dele,

demonstrando com isso que a salvação é obra divina do começo ao fim.

Há algo muito interessante nesse acontecimento que não salta diretamente do texto. Moisés havia dito que o povo, quando entrasse na terra, deveria ir até Siquém, e lá do monte Ebal seriam pronunciadas as maldições que cairiam sobre o povo de Deus caso desobedecesse a ele, e do monte Gerizim seriam pronunciadas as bênçãos. Adivinhe em qual dos dois montes Deus mandou construir o altar: em Ebal, o monte da maldição, ou em Gerizim, o monte da bênção? Em *Ebal*.

O simbolismo é bastante claro: a Lei de Deus amaldiçoa quem não a cumpre e pronuncia a condenação do pecador, mas, sobre a Lei, em cima do monte da maldição, há o sacrifício no altar, cujo sangue escorre sobre o monte, como que cobrindo as maldições da Lei. Mais adiante vamos encontrar a mesma figura na construção do Templo de Salomão, pois a Arca da Aliança guardava a Lei em seu interior, e na tampa da Arca, onde havia dois querubins, era derramado o sangue da aliança. O nome dessa tampa era propiciatório, porque ali os pecados eram expiados e Deus se tornava propício ao povo. A tampa sobre a qual era derramado o sangue cobria a Lei, demonstrando simbolicamente que o sangue não permitia que a maldição da Lei atingisse o povo.

Por cima do monte da maldição, então, Deus mandou construir um altar, como que dizendo: “Vocês não conseguem cumprir a minha Lei, e eu sei que irão quebrá-la; mas, ao quebrá-la, vocês devem se lembrar do altar de onde corre o sangue do cordeiro pelo monte”.

O versículo 32 registra que Josué escreveu em pedras uma cópia da Lei de Moisés. Eles já haviam recebido a Lei, mas agora deveriam cair a base do monte e, em cima da pedra caiada ao redor do monte Ebal, escreveriam as leis que Deus havia ordenado através de Moisés. Era um trabalho demorado, porque as leis eram muitas. Imagino a cena: a base do monte, as pedras pintadas de branco e os israelitas escrevendo nelas todos os detalhes da Lei.

Em seguida (v. 33-35), ocorre o momento em que Josué reúne todo o povo e o divide: uma parte perto do monte Gerizim, outra perto do monte Ebal, e no meio os levitas com a Arca da Aliança. Ali, Josué lê a Lei para o povo. O versículo 34 resume o que aconteceu: alguns levitas subiram ao monte Ebal e leram as maldições da Lei registradas em Deuteronômio 27 e 28, que são doenças, pragas, pestes, inimigos e expulsão da terra; outros levitas subiram ao monte Gerizim e leram também, no capítulo 28, as bênçãos da obediência, em que Deus prometia abençoar a lavoura, os

rebanhos, a saúde, os filhos etc.

Ao final da leitura, todos deveriam dizer “amém”, que significa “assim seja” e expressa concordância com Deus. O que houve ali, na verdade, foi uma renovação dessa aliança. O último versículo diz que não houve nenhuma palavra ordenada por Moisés que Josué não lesse para todos. Josué cumpriu, assim, tudo o que Deus havia ordenado através de Moisés.

Você pode imaginar, então, a história: a guerra contra Ai havia terminado e Josué levou o povo quarenta quilômetros além daquele lugar, em Siquém. Chegando lá, os israelitas construíram um altar de pedras e escreveram toda a Lei de Deus em pedras caiadas. Uma vez escritas as leis, se dividiu a nação nos dois lados do vale, ao redor da Arca da Aliança (o símbolo da Lei de Deus), e Josué então leu a Lei de Deus para o povo. Os levitas amaldiçoaram no monte Ebal e pronunciaram as bênçãos no monte Gerizim, e ao final o povo todo deveria dizer “amém”.

Esse grandioso ato público foi, então, o primeiro culto realizado a Deus naquela terra pagã, pois Jericó e Ai eram centros de idolatria. Mas qual o objetivo desses eventos? Por que Josué interrompeu a campanha militar para fazer um culto dessa natureza? Por três razões. A primeira é porque eles deveriam obedecer ao que Deus havia determinado e porque Deus havia dito que a terra onde pisasse a planta do pé de Josué lhes seria dada, caso ele obedecesse a todas as determinações divinas.

A segunda razão é porque era necessário renovar a aliança com Deus que fora estabelecida com a nação de Israel. Quando o Senhor chamou Abraão e lhe fez promessas, fez uma aliança com ele e seus descendentes. A aliança era de que os filhos de Abraão seriam o povo escolhido de Deus. Havia grandes nações naquela época, como a Síria, a Mesopotâmia, o Egito e a Índia, mas a aliança não foi feita com nenhuma daquelas culturas grandiosas e avançadas. Deus chamou, dentre toda a humanidade, exatamente o povo descendente de um homem desconhecido na terra de Ur dos caldeus.

E Deus entrou em aliança com Abraão, e lhe disse que ele e os seus adorariam apenas a ele e não teriam outros deuses; teriam de obedecer às suas leis, e, em decorrência disso, o salvador do mundo sairia do meio deles (Gn 12.1-3; 15.1-11; 17.16; 22.15-19). Deus celebrou com Abraão aquela aliança que foi marcada pelo momento em que o patriarca ofereceu sacrifícios e o Senhor passou através dos animais cortados em uma coluna de fogo (Gn 15.12-21). Então Deus estabeleceu a circuncisão como selo da aliança, determinando que Abraão e seus filhos andassem de acordo com os seus

mandamentos e lhe obedecessem; só assim ele cumpriria todas as promessas que fizera; no entanto, se a aliança fosse quebrada, ele traria castigos, disciplina e espada, e os expulsaria da sua presença (Gn 17.9-14; Dt 28).

Nós somos os herdeiros dessa aliança. A igreja de Cristo é a descendente espiritual da nação de Israel. Quando os judeus quebraram a aliança, Deus disse que faria uma nova aliança, mas nela a Lei não seria escrita em tábuas de pedra, mas gravada no coração do povo, e seria uma nova aliança selada com o sangue de Jesus, seu Filho. Foi isso que Jesus celebrou na noite em que foi traído; ele tomou o pão e o cálice e disse: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22.20, ARA). Essa aliança é nova no sentido de que não é mais com uma nação, mas, sim, com o povo espiritual de Deus, que inclui pessoas de todas as nações.

Os cristãos — que creem em Jesus como o Filho de Deus e o descendente de Abraão — são a legítima descendência espiritual daquele povo. Por isso, os reformados não creem que existem duas alianças, uma com Israel e outra com a igreja, mas, sim, que sempre foi a mesma aliança. Os que creem como Abraão creu são os descendentes espirituais dos judeus e os continuadores da aliança. É o mesmo Deus, e nós somos o seu povo. É preciso ter isso em mente.

Lições para hoje

Voltando ao relato de Josué, Deus queria lembrar os israelitas que ele era o único Deus e que Israel era o seu povo. Era necessário reler os termos da Lei, reafirmando o princípio da bênção e da maldição. Essas são as razões pelas quais Josué parou aquela guerra para fazer aquele culto, e podemos tirar desse episódio algumas lições importantes.

Deus é fiel à sua aliança e sempre cumpre as suas promessas

Deus tem uma aliança conosco. Essa aliança é baseada no sangue de Jesus e é a mesma que ele fizera com a nação de Israel. É interessante que o local da renovação tenha sido Siquém, pois foi lá que Abraão construiu o primeiro altar quando chegou do norte da Mesopotâmia. Ele foi até os carvalhais de Manre, em Siquém, e edificou o primeiro altar, quando ainda era peregrino. Foi em Siquém também que Jacó teve a visão da escada e onde fez um pacto com Deus e lhe erigiu um altar. Quando esses dois altares foram construídos, no entanto, a terra ainda não era dos descendentes de Abraão, mas agora, pela primeira vez, eles cultuavam o Senhor no mesmo lugar, só que na terra conquistada por eles.

É como se Deus estivesse dizendo: “Eu sou fiel. Aquilo que prometi, hei de cumprir”. Da mesma forma, esse Deus a quem servimos e com quem temos uma aliança cumpre o que prometeu. E o que ele nos prometeu? Quais são os termos da aliança conosco hoje? Deus promete perdoar os nossos pecados pela fé em Jesus e nos dar a vida eterna; promete nos perdoar, aceitar, santificar e remir os nossos pecados pelo sangue de Jesus; e promete que estará conosco e que nos sustentará até o fim, no meio das provações.

Será que existe alguma bênção material na nova aliança? Eu não creio. A nova aliança tem a ver com coisas muito maiores e melhores do que bênçãos materiais. Estas estavam muito ligadas à nação de Israel, que era um reino com estatuto, lugar, nação, rei e governo civil. Todas essas promessas materiais, então, estavam muito atreladas a Israel.

Quer dizer que Deus hoje não nos abençoa financeiramente? É claro que

sim! Ele pode. Mas a questão é que isso não é o cerne da aliança de Deus conosco. Sei de igrejas que exploram o desconhecimento bíblico de muitos evangélicos, dizendo que, se fizerem campanha e derem o dízimo e ofertas, Deus tem a obrigação, por causa da aliança, de retribuir. Isso, porém, não consta do Novo Testamento. Na aliança que Deus tem conosco hoje, ele promete nos dar muito mais do que bênçãos materiais. Ele promete nos permitir provações aqui neste mundo; ele promete nos levar pelo vale da sombra da morte; e promete nos ensinar a ser crentes pacientes e perseverantes e a sofrer, porque ele está preparando o reino eterno, os novos céus e nova terra onde habita a justiça.

Então, se Deus quiser nos abençoar financeiramente, ele vai. Ele cuida de nós e não vai permitir que falte o pão de cada dia, mas não devemos pensar que o cerne do nosso relacionamento com ele é essa relação de dar e receber, como se pudéssemos barganhar com Deus. É tudo de graça, e, se Deus nos abençoa financeiramente, é pela graça dele.

É bom que nos lembremos disso diante da crise financeira do nosso país, porque se interpretarmos o amor de Deus por nós à luz das bênçãos materiais, poderemos concluir que Deus está com muita raiva do Brasil. Acontece, no entanto, que o amor e a fidelidade de Deus não se medem por essas coisas. As tribulações, os problemas financeiros e as angústias fazem parte da criação marcada pelo pecado, e nós, como cristãos, não estamos isentos disso. O que Deus nos promete é que estará conosco e que vai ajudar a nos tranquilizar e a confiar em sua providência, pois assim ele abre uma porta para que não caiamos em desespero. Ele guia a nossa vida, e isso ele nos promete.

O livro de Josué reafirma esta verdade: Deus é fiel. E era isso que aquele culto comandado por Josué queria celebrar.

Deus quer que tiremos tempo para cultuá-lo

Imagine só: o povo estava em guerra, e agora, após a conquista de Ai e Jericó, os olhos dos israelitas estavam voltados para as cidades mais fortificadas ao norte. No meio disso, Josué para e conduz o povo para longe, a fim de realizar um culto. Imagine as reações: “Josué, como assim um culto? Estamos no meio da guerra! Estamos ocupados demais para isso”. Creio que aqui haja uma lição muito importante para nós: Deus deseja que o cultuemos.

Ele ordenou aquele culto para que fosse uma das primeiras coisas realizadas na terra. Josué teve de parar a guerra para cultuar o Senhor, e tenho certeza de que o alvo de Deus com isso é deixar claro que a nossa luta é espiritual, e não contra carne e sangue.

Há uma dimensão espiritual na nossa vida neste mundo e nos conflitos que experimentamos, embora eles às vezes pareçam apenas uma questão financeira, de relacionamentos ou de qualquer outra coisa. Às vezes estamos tão envolvidos em cuidar dos nossos filhos, em ganhar o pão de cada dia, com as tarefas da universidade ou de preparação para concursos que não temos tempo de parar e prestar culto a Deus.

Há um tempo recebi uma ligação fantástica. Um rapaz recém-formado em Direito estava para fazer a prova da OAB. Ele estava muito angustiado por causa do volume de estudos, e eu já pressentia que ele iria dizer: “Pastor, não posso ir à igreja porque tenho de estudar”. Para minha surpresa, ele apenas perguntou: “O culto começa às 9 horas, não é? Estarei lá”. Esse moço havia entendido que ir à igreja para cultuar a Deus faz parte dessa guerra e é importante para vencê-la.

Às vezes simplesmente pensamos que as coisas de Deus não têm lugar no nosso dia a dia, e as pessoas ficam sobrecarregadas com coisas demais para fazer e não têm tempo para o Senhor. Mas imagine ele dizendo a Josué: “Pare a guerra e vamos fazer um culto quarenta quilômetros acima deste local. E copie a Lei”. Deus quer que tiremos tempo para ele.

Agora você já entendeu a necessidade do culto público. Às vezes me perguntam por que existe o culto de domingo. Vamos à igreja aos domingos para declarar publicamente ao Senhor: “Tu és o nosso Deus. Estamos relembrando as tuas promessas e advertências. Estamos aqui para te servir e para nos entregar a ti mais uma vez”.

Por que precisamos fazer isso toda semana? Por causa do pecado! Como disse Lutero, o pecado é como a barba: você corta de manhã e ela reaparece de tarde. Durante a semana pecamos, e o pecado quebra a nossa relação com Deus e os outros. É preciso juntar todo mundo e outra vez lembrar que o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado e que somos o povo de Deus, com quem ele tem uma aliança. Devemos nos juntar para pedir a ele: Senhor, perdoa e renova o teu povo!

Não entendo como igrejas promovem cultos para entreter e divertir as pessoas. Essa não é a finalidade do culto, e não o fazemos para que os presentes se sintam bem. O objetivo do culto não é agradar os outros, mas é

chegarmos a Deus para que nos lembremos da aliança que ele tem conosco e para sermos confortados, instruídos e renovados.

Deus nos trata de acordo com os termos da aliança

Dou graças a Deus por sua grande misericórdia para conosco, mas a dinâmica da aliança não mudou: a obediência traz a bênção, e a desobediência traz o castigo. Deus continua nos tratando da mesma forma. Se andarmos nos caminhos dele, ouvirmos a sua voz e seguirmos de acordo com o que Jesus ensinou, ele estará conosco, e nos encherá de alegria e nos fortalecerá. Se, porém, desobedecermos a ele e quebrarmos a aliança, nos afastando dele e nos esquecendo dos nossos votos e compromissos para com ele, podemos ter certeza de que, em amor, a mão de Deus virá atrás de nós, e provavelmente não será nada agradável a maneira com que ele nos trará de volta. Ele está, no entanto, pronto a nos perdoar e a renovar as suas misericórdias para conosco.

Conclusão e aplicações

Se você está abatido e desanimado, saiba que Deus é fiel. Ele não se esqueceu de você. Pode ser que o nosso governo tenha perdido o controle, mas adivinhe quem está de fato no comando? Quem realmente governa esta nação? É o Senhor Jesus, que está assentado no trono do universo, Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Se você está ansioso, lembre-se de que o nosso Deus reina. Ele faz tudo de acordo com sua vontade e tem todo o poder nos céus e na terra, e se quiser pode levantar ou derrubar governantes. Se for de vontade dele que passemos por um tempo difícil, esse será um grande teste para a igreja.

Tenho feito esta pergunta a mim mesmo: Os crentes estão indignados com a situação do nosso país porque os governantes estão quebrando a lei de Deus ou porque isso vai afetar o bolso deles? A razão certa para nossa indignação é que o nosso país tem indignado a Deus, e os crimes que afrontam a lei divina deveriam nos indignar mais do que o fato de podermos perder o nosso emprego ou ter uma redução salarial. A nossa indignação maior é ver que Deus está sendo aparentemente zombado por aqueles que pensam que podem fazer o que querem. Recobremos o ânimo, pois o nosso Deus está no controle.

E se você caiu e desobedeceu a Deus, lembre-se de que dentro dos termos da aliança havia o altar do sacrifício que representava o Cordeiro de Deus, cujo sangue purifica todo pecado. O Senhor nos chama a restaurar nossa aliança com ele e a nos levantar arrependidos. Ele nos toma pela mão e nos conduz pelas veredas da justiça. Esse é o nosso Deus, e é a ele quem servimos.

CONSULTE PRIMEIRO A DEUS

Josué 9

O nono capítulo do livro de Josué mostra como a nação de Israel conquista o sul da Terra Prometida. Vimos até aqui como, sob a liderança de Josué, o exército israelita conquistou algumas cidades importantes na entrada da terra, vindo do Jordão: Jericó, na conhecida batalha em que os muros fortificados da cidade ruíram, e com ela a cidade de Betel; e a cidade de Ai, depois da famosa derrota dos israelitas. Essas cidades ficavam na fronteira, bem na entrada da Terra Prometida.

Agora, Josué passa a deslocar os exércitos para o centro-sul, logo após ter celebrado um culto a Deus para renovar a aliança, como vimos no capítulo anterior. Eles, então, estavam prontos para prosseguir, pois a celebração servira para lembrar-lhes da natureza espiritual do conflito, de que Deus é que lhes dava aquela terra e, por isso, a ele deveria ser atribuída a vitória.

Assim, vemos Josué levando o povo e os seus exércitos mais para dentro da terra, pois a conquista continuava. Ainda havia muitos povos e cidades a conquistar, e a que estava logo em frente era a cidade de Gibeão e outras cidades-satélites. A conquista dessas cidades, no entanto, aconteceu de uma forma inesperada. Todos achavam que elas seriam conquistadas com guerra, mas Deus tinha outros planos.

Para entender Josué 9, é preciso voltar um pouco atrás, aos livros de Deuteronômio e Êxodo, e relembrar as orientações que Moisés tinha dado a Israel com relação aos povos que moravam naquela terra. Deus deu a terra, mas ela estava ocupada, e os povos que habitavam aquela região viviam lá havia séculos. Eram civilizações inteiras, com cidades fortificadas e exércitos. Pode-se dizer que se tratava de pequenos reinos de culturas distintas que brigavam entre si. Não era uma terra virgem, na qual os

israelitas poderiam chegar, desmatar e instalar fazendas. Havia uma guerra de conquista a ser feita.

Moisés havia dito ao povo que, quando entrassem na terra e a guerra começasse, eles não deveriam fazer aliança nenhuma com os moradores locais. Na verdade, todos deveriam ser mortos, sem exceção. As cidades deveriam ser destruídas, e todos os altares edificadas aos deuses pagãos deveriam ser derrubados. Deus não queria que o seu povo fizesse uma aliança com os moradores da terra, nem que permitisse a entrada das religiões idólatras em seu meio, de modo que viesse a afetar o verdadeiro culto.

Lemos, por exemplo, em Êxodo 34.10-17, a orientação que Deus dá a Moisés:

Então o SENHOR disse: Agora faço uma aliança. Farei diante de todo o teu povo maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra, em nação alguma; e todo este povo, no meio do qual estás, verá a terrível obra do SENHOR, que farei contigo. Observa o que te ordeno hoje: expulsarei de diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os perizeus, os heveus e os jebuseus. Não faças aliança com os habitantes da terra em que entrarás, para que não caias em armadilhas. Pelo contrário, derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas sagradas e cortareis os seus aserins (porque não adorarás nenhum outro deus; pois o SENHOR, cujo nome é Zeloso, é Deus zeloso). Não faças aliança com os habitantes da terra, para que, quando se prostituírem seguindo seus deuses e a eles sacrificarem, tu não sejas convidado por eles e não comas do seu sacrifício. Não tomes para teus filhos mulheres entre as filhas deles, para que, quando elas se prostituírem com os deuses deles, não levem também teus filhos a se prostituir com esses deuses. Não farás para ti deuses de metal fundido.

A exceção que podia ser feita era com relação a povos que morassem um pouco mais longe de Canaã. Em Deuteronômio 20.10-17, Deus disse a Moisés que fizesse o seguinte:

Quando te aproximares de uma cidade para combatê-la, tu lhe proporás a paz. Se ela te responder em paz e te abrir as portas, todo o povo que ali se achar será sujeito a trabalhos forçados e te servirá como escravo. Mas se ela, pelo contrário, não quiser a tua paz, mas a guerra, tu a sitiá-la e, assim que o SENHOR, teu Deus, a entregar nas tuas mãos, passarás ao fio da

espada todos os homens que nela houver; mas tomarás todo o despojo: as mulheres, as crianças, os animais e tudo o que houver na cidade. Desfrutarás do despojo dos teus inimigos, que o SENHOR, teu Deus, te deu. Assim farás a todas as cidades que estiverem mais longe de ti, que não são cidades destas nações. Mas, das cidades destes povos, que o SENHOR, teu Deus, te dá como herança, não deixarás com vida nada que tem fôlego. Pelo contrário, tu os destruirás por completo: os heteus, os amorreus, os cananeus, os perizeus, os heveus e os jebuseus, conforme te ordenou o SENHOR, teu Deus.

Em resumo, Deus estava dizendo a Moisés o seguinte: “Quando você entrar na terra, não faça acordo com aqueles povos que habitam em Canaã. É guerra de conquista e de destruição. Você deve matar todos e derrubar os seus altares, pois esse é um povo pagão, idólatra, que sacrifica os filhos nos altares dos seus deuses, que pratica a imoralidade e que é violento e cruel”.

Nesse sentido, Deus serviu-se de Israel como chicote para punir aqueles povos, pois ele é Senhor do mundo e pune as nações quando a medida de seu pecado lhe esgota a paciência. Deus então, por assim dizer, executa juízo sobre elas. Israel seria o executor de Deus contra aqueles povos pagãos que haviam provocado a ira do Altíssimo.

Havia, no entanto, uma exceção: as cidades mais distantes. Se seus habitantes aceitassem a paz, os israelitas não as destruiriam, mas tomariam as pessoas como escravas e as fariam executar os trabalhos mais básicos, como puxar água e cortar lenha.

Outro fator importante para entendermos melhor esse capítulo de Josué foi que Moisés disse a Israel para sempre consultar a Deus toda vez que saísse para a batalha. Em Números 27.18-21, quando Josué foi designado como sucessor de Moisés e general, Deus diz o seguinte:

Então o SENHOR disse a Moisés: Toma Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe as mãos; apresenta-o diante do sacerdote Eleazar e de toda a comunidade, e ordena-o diante deles; e porás da tua glória sobre ele, para que toda a comunidade dos israelitas lhe obedeça. Ele se apresentará diante do sacerdote Eleazar, que perguntará por ele na decisão do Urim perante o SENHOR. Entrarão e sairão segundo a ordem de Eleazar, ele e todos os israelitas, isto é, toda a comunidade.

Observe que, no dia em que Josué é designado comandante da tropa, Deus ordenou que Josué fosse levado ao sacerdote para consultar a sua vontade por meio deste toda vez que fosse para a guerra e toda vez que voltasse. Em outras palavras, foi dito a Josué: “Não entre em guerra nenhuma sem antes consultar a Deus através do sacerdote, porque às vezes as coisas podem ser claras e óbvias, mas o Senhor pode ter outros planos”. O motivo disso? Deixar claro que Deus está no controle e que a guerra é dele.

Tudo isso está por trás da passagem que descreve a conquista da cidade de Gibeão e precisa ser levado em conta. O texto mostra como Israel, por não consultar a Deus, fez aliança com quem não devia: com os heveus. No final, eles se tornaram escravos de Israel para sempre, e aquilo que havia sido um erro Deus transformou em bênção, como veremos. As lições são muito preciosas, e o meu alvo é que a exposição dessa passagem seja usada por Deus para edificar a sua vida.

Os gibeonitas enganam Josué

Vejam os relatos em si. Primeiramente, as notícias das vitórias de Israel provocam duas reações nos moradores de Canaã. A primeira é que um grupo de reis daqueles povos, ao ouvir que a guerra estava chegando, resolveu fazer uma aliança para enfrentar o novo inimigo (9.1,2):

E sucedeu que todos os reis que estavam além do Jordão, na região montanhosa, na baixada e em toda a costa do mar Grande, defronte do Líbano, sim, os reis dos heteus, dos amorreus, dos cananeus, dos perizeus, dos heveus e dos jebuseus [podemos acrescentar aqui os girgaseus] souberam disso, e de comum acordo ajuntaram-se para batalhar contra Josué e contra Israel.

O texto traz a relação das sete etnias que habitavam aquela região. Eram reinos independentes que brigavam entre si e tinham seus exércitos. No entanto, um inimigo mais poderoso se aproximava, e, quando há um inimigo mais forte comum a dois inimigos, estes acabam se tornando amigos. Os povos, então, trataram de esquecer suas brigas e se prepararam para a guerra em uma aliança.

Um desses povos, no entanto, chegou à conclusão de que não daria conta do exército de Israel, pois este já havia derrubado as cidades de Ai, Betel e Jericó e mais dois reinos do outro lado do Jordão. O texto segue (9.3-5):

Mas os moradores de Gibeão [capital dos heveus, que ficava a três dias de onde Israel estava], ouvindo o que Josué havia feito a Jericó e a Ai, usaram de astúcia: mandaram representantes, levando sacos velhos sobre os jumentos, e recipientes de vinho de couro velhos, rasgados e costurados; traziam sandálias velhas e remendadas nos pés, trajavam roupas velhas; e todo o pão que traziam para o caminho era seco e duro.

É provável que os heveus soubessem do que Deus havia dito a Moisés a respeito das alianças com os povos de longe. Adotando a mentira como estratégia, eles se fingiram de embaixadores de uma terra muito distante. O diálogo entre Israel e os heveus segue assim (9.6-13):

Eles foram a Josué, ao acampamento em Gilgal, e disseram a ele e aos homens de Israel: Viemos de uma terra distante; faizei uma aliança conosco. Os homens de Israel responderam àqueles heveus: Bem pode ser que habiteis perto de nós; como faremos uma aliança convosco? Então eles disseram a Josué: Nós somos teus servos. Ao que lhes perguntou Josué: Quem sois vós e de onde estais vindo? Eles responderam: Teus servos vieram de uma terra muito distante, por causa do nome do SENHOR, teu Deus, porquanto ouvimos a sua fama e tudo o que fez no Egito, e tudo o que fez aos dois reis dos amorreus, que estavam além do Jordão, a Siom, rei de Hesbom, e a Ogue, rei de Basã, que estava em Astarote. Por isso os nossos anciãos e todos os moradores da nossa terra nos falaram: Ajuntai provisão para o caminho e ide ao encontro deles e dizei-lhes: Nós somos vossos servos; faizei agora uma aliança conosco. Este nosso pão, no dia em que saímos para vir ao vosso encontro, nós o pegamos quente em casa para nossa provisão, e agora aqui está já seco e duro; estes recipientes de couro, que enchemos de vinho, eram novos, e aqui estão já rasgados; e esta nossa roupa e nossas sandálias já envelheceram em razão do caminho tão longo.

Essa foi a mentira contada pelos gibeonitas. Eles eram heveus, não queriam morrer e sabiam que perderiam se fossem para a batalha. Então, usaram esse estratagema, que, aliás, era muito bem pensado, pois incluía elogiar a Deus e enaltecer seu poder, além do oferecimento para servir o povo israelita. Como diz Eclesiastes: “porque melhor é o cão vivo do que o leão morto” (Ec 9.4). Enfim, aquele pedido mexeu com o coração do povo de Israel.

Na sequência do texto, percebemos que o povo cometeu dois erros diante do discurso daqueles gibeonitas (v.14):

Então os homens de Israel avaliaram a provisão deles, e não pediram conselho ao SENHOR.

Os gibeonitas traziam muitos bens e presentes, e os israelitas encheram o olho e, em vez de consultar a Deus, tomaram a decisão por conta própria. E então vemos o segundo erro (v.15):

Assim Josué fez uma aliança de paz com eles, prometendo poupar-lhes a

vida; e os líderes da comunidade lhes prestaram juramento.

Os líderes da comunidade eram representantes das doze tribos de Israel, que designavam uma espécie de conselho de anciãos com quem Josué se aconselhava constantemente. Prosseguindo a leitura, ficamos sabendo como a mentira foi descoberta (v. 16,17):

Três dias depois de terem feito a aliança com eles, os israelitas ouviram que eles eram vizinhos e que moravam perto deles. Então os israelitas partiram e ao terceiro dia chegaram às cidades deles, que eram Gibeão, Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim.

Gibeão não era uma cidade fraca. Josué 10.2 assevera: “... Gibeão era uma cidade grande como uma das cidades reais, sendo ainda maior do que Ai, e todos os seus homens eram guerreiros”. A cidade era quase uma ramificação ou um feudo do reino heveu. Quando os israelitas chegaram lá para tomar aquelas cidades, reconheceram os viajantes que alegaram ser de outra terra. O texto segue (9.18-21):

Mas os israelitas não os mataram, pois os líderes da comunidade lhes haviam prestado juramento pelo SENHOR, o Deus de Israel; e toda a comunidade passou a criticar os líderes. Mas os líderes disseram a toda a comunidade: Nós lhes prestamos juramento pelo SENHOR, o Deus de Israel, e agora não podemos tocar neles. Teremos de fazer assim com eles, poupando-lhes a vida, para que a ira não venha sobre nós, por causa do juramento que lhes fizemos. E os líderes ainda disseram: Vamos deixá-los viver. Então eles se tornaram lenhadores e tiradores de água para toda a comunidade, como os líderes lhes disseram.

A atitude dos príncipes de Israel

Quando os israelitas viram que tinham sido enganados, poderíamos imaginar que o acordo fosse dado como quebrado, pois fora feito com base em um engano. Os príncipes, no entanto, resolveram prosseguir com o acordo, pois haviam feito um juramento a Deus e não poderiam anulá-lo.

Já vi pessoas com o seguinte discurso: “Quando me casei, eu era muito jovem, não tinha o entendimento que tenho hoje e não conhecia bem o meu cônjuge, portanto o meu casamento não tem validade”. Será? Não parece, pois, como no caso dos príncipes com os gibeonitas, trata-se de um juramento feito diante de Deus.

Mesmo que nem tudo viesse à tona na hora, quando a verdade apareceu, os príncipes disseram que juraram em nome do Senhor e que, por isso, a aliança com os gibeonitas era válida, mesmo depois de terem descoberto a verdade.

No caso do casamento, existe a exceção de adultério, mas fora isso não se pode dar desculpas, como: “Eu estava louca para sair de casa e então casei com o primeiro que apareceu”. Uma desculpa dessa não anula a união, pois a aliança foi feita diante de Deus, e ele leva a sério esse tipo de coisa. Não é sem outro motivo que a Bíblia diz que é melhor não prometer do que prometer e não cumprir (Ec 5.5), pois, uma vez que a palavra foi dada e empenhada em juramento solene diante de Deus, ela continua valendo (veja Sl 15.1,4).

O povo de Israel, porém, não aceitava o acordo e queria matar os gibeonitas, saquear a cidade e se aproveitar dos espólios. Os príncipes, no entanto, foram firmes e disseram não, pois havia uma aliança firmada diante de Deus, que continuava valendo mesmo que os gibeonitas tivessem agido com desonestidade.

Os gibeonitas, enfim, se tornaram rachadores de lenha e tiradores de água. No Templo de Salomão, que seria construído mais tarde, havia uma demanda enorme de lenha, porque o altar, que era imenso, tinha de queimar o dia todo, e a água o limpava. Os gibeonitas, então, se tornaram ajudantes dos levitas na casa de Deus no trabalho dos sacrifícios.

Josué apresentou aos heveus a explicação sobre o castigo (9.22,23):

Por que nos enganastes, dizendo: Moramos muito distante de vós, sendo que vivíeis perto de nós? Agora, sois malditos, e entre vós nunca deixará de haver escravos, lenhadores e tiradores de água para a casa do meu Deus.

Lemos em Gênesis o episódio em que Noé foi envergonhado por seu filho Cam, que tinha um filho chamado Canaã. Noé havia se embriagado, e Cam, vendo sua nudez, zombou dele e chamou seus irmãos, que, de costas, cobriram a sua nudez. Quando Noé acordou da ressaca, disse: “Maldito seja Canaã; ele será escravo de escravos de seus irmãos” (Gn 9.25). Os cananeus que moravam naquela terra eram, pois, descendentes de Cam, e os israelitas eram descendentes de Sem (por isso são chamados de *semitas*). Em Josué, por fim, vemos Canaã como escravo de Sem, exatamente como Noé havia dito.

O texto segue (9.24-27):

Em resposta a Josué, eles disseram: Como foi detalhadamente contado aos teus servos que o SENHOR, teu Deus, ordenou a Moisés, seu servo, que vos desse toda esta terra e destruísse todos os seus moradores diante de vós, tememos pelas nossas vidas por causa de vós; então fizemos assim. Agora estamos em tuas mãos; faz conosco aquilo que te pareça bom e justo. Assim Josué fez conforme disseram e impediu que os israelitas os matassem. Mas, naquele dia, Josué os fez lenhadores e tiradores de água para a comunidade, o que são até hoje, e para o altar do SENHOR, no lugar que ele escolhesse.

Lições para hoje

Daqui gostaria de extrair algumas lições que nos deem ânimo e nos encorajem diante das dificuldades e angústias enfrentadas por nossa nação e que todos nós também experimentamos.

Deus é fiel

A fidelidade das promessas de Deus e o cumprimento exato de suas palavras estão registrados na Bíblia para que tenhamos confiança, lembrando que o nosso Senhor não mente e que a nossa confiança nele e nas suas promessas não é vã. Deus nos fez grandes promessas em Cristo Jesus: perdão dos pecados, vida eterna, cuidado, orientação nas confusões, paz nas tribulações, direção no dia a dia e sua presença em tempos de doença e dificuldades. Suas promessas são fiéis e verdadeiras, e nenhuma delas jamais falhará.

Às vezes, quando Deus parece demorar em responder, ele faz isso para o nosso bem, pois quer testar quanto realmente dependemos dele e confiamos nele. Esta é a primeira lição: a fidelidade de Deus. Tudo o que ele prometeu se cumpriu, e, como ele disse que haveria de ser, assim foi.

Deus deseja que sempre o consultemos

Creio que boa parte dos erros e das decisões equivocadas que tomamos — como indivíduos, família ou igreja — ocorre porque não consultamos a Deus. Com isso não estou me referindo a orar e pedir a ele que mande um anjo para trazer uma resposta direta ou que tenhamos uma visão ou revelação. Deus nos guia hoje de uma maneira muito mais segura: pela sua providência, pelo bom senso, pelas circunstâncias e pela orientação da sua Palavra. Quero dizer com isso que, às vezes, somos muito precipitados para tomar uma decisão que, muitas vezes, parece tão óbvia e tão “de Deus”. Talvez você esteja orando para se casar e, de repente, aparece uma pessoa perfeita, e você diz: “Eu não vou nem perguntar a Deus, porque está na cara que fomos feitos um para o outro”. Às vezes nos precipitamos como o povo de Israel fez.

Por isso a prudência é tão importante. Em todas as coisas, espere. Se você está diante de decisões que afetarão a sua vida e a sua família, converse com seu cônjuge, com a família e com os irmãos da igreja e busque conselho. Aguarde um pouco, e de repente a verdade vem à tona; coisas que você não sabia acabam aparecendo, e são elas que vão determinar qual a melhor saída.

O relógio de Deus não tiquetaqueia na mesma velocidade que o nosso. A Bíblia afirma que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos são como um dia (2Pe 3.8). Temos pressa e queremos ver as coisas sendo resolvidas na hora. Tenha paciência, aguarde, busque a presença de Deus, medite em sua Palavra, ouça bons conselhos e não seja duro de coração. Caso contrário, certamente você tomará decisões erradas.

Deus transforma erros em bênçãos quando agimos da forma correta

De todas as lições, essa é a mais próxima ao nosso coração. O texto nos coloca diante de um erro: Israel se precipitou e não consultou a Deus, fazendo assim a aliança com os heveus. E o que aconteceu depois? A nação de Israel tomou a decisão correta: admitiu o erro diante de Deus e assumiu as consequências de ter empenhado a palavra.

E o que aconteceu? Aquele povo fingido e cheio de estratagemas tornou-se, muito tempo depois, serviçal do Templo. Os antigos ídólatras agora tinham o privilégio de servir na casa do Senhor. É verdade que estavam cortando lenha e tirando água, mas eles estavam em todos os sacrifícios, ouvindo os sacerdotes explicarem a Lei de Deus e os levitas cantarem salmos. Quantos deles não se tornaram servos do Deus verdadeiro? Não vou dizer que Israel se arrependeu, porque isso não está no texto, mas o fato de eles terem assumido o erro indica que, de coração, reconheceram que erraram.

Acredito que esse princípio vale para nós também. Anos mais tarde, o rei Davi pecou contra Deus ao adulterar com a mulher de um general, a quem mandou matar depois que, como resultado do adultério, ela engravidou. Davi se arrependeu ao ser confrontado pelo profeta Natã, e o castigo foi a morte desse filho. A criança adoeceu, e Davi chorou e buscou a Deus na esperança de vê-la curada. Mas a criança morreu. Davi então se levantou, tomou a mulher como sua esposa (pois ela ficara viúva), e desse casamento nasceu um filho amado por Deus. Sabe quem era? Salomão.

Deus havia perdoado Davi. No momento em que Davi se arrependeu, confessou e assumiu sua culpa, ele foi perdoado. Prova disso é que o segundo filho daquela relação foi o escolhido por Deus para se assentar no trono de Israel e de quem viria o Messias.

Conclusão e aplicações

Nosso maior problema não são os pecados, mas, sim, os pecados ocultos, dos quais não nos arrependemos; aqueles que varremos para baixo do tapete e escondemos da mulher, do marido, dos pais e dos amigos. Quando nos arrependemos e buscamos a Deus, encontramos misericórdia, porque ele tem prazer em perdoar. O Senhor ama estender o perdão ao coração contrito e quebrantado. Ele não despreza aquele que está abatido e chora por seu pecado.

Hoje você pode buscar ao Senhor em oração e dizer-lhe: “Meu Deus, eu tenho errado na minha vida. Tenho tomado decisões precipitadas, sem nunca te consultar, e nunca quis saber o que a tua Palavra dizia sobre isso, mas vejo hoje que és perdoador, que ofereces novas oportunidades ao teus filhos. Eu quero me chegar a ti e pedir-te perdão e reconciliação, e pedir que me levantes e me uses, transformando os meus erros em bênção, para a tua glória e para a alegria do teu povo”.

SE DEUS EXISTE, TUDO É POSSÍVEL!

Josué 10.1-15

O capítulo 10 de Josué registra um momento importante na conquista da Terra Prometida, pois mostra como Josué, com o povo de Israel, se apodera das principais cidades de Canaã, que ficavam no centro-sul da terra. Era uma região escarpada, montanhosa, habitada pelos amorreus, um povo dos montes. Deus conduz Israel, dando-lhe uma vitória extraordinária contra essa federação dos cinco principais reis dos amorreus, a fim de salvar os gibeonitas, aliados e servos de Israel. Para levar Israel à vitória, Deus mobiliza céus e terra, a fim de mostrar que ele existe e que, para ele, tudo é possível. Vamos examinar de que maneira Deus lhes deu mais essa vitória, a fim de extrair de mais esse relato lições preciosas para nós.

Gibeão é sitiada por cinco reis e socorrida por Josué

Em Josué 10.1-5, relata-se a formação da coligação de cinco reis contra Gibeão:

Quando Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, ouviu que Josué havia tomado Ai e a destruído totalmente (pois ele havia feito a Ai e ao seu rei como fizera a Jericó e ao seu rei), e que os moradores de Gibeão haviam feito a paz com os israelitas, e que estavam no meio deles, teve muito medo, pois Gibeão era uma cidade grande como uma das cidades reais, sendo ainda maior do que Ai, e todos os seus homens eram guerreiros. Então Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, enviou mensageiros a Hoão, rei de Hebrom, a Pirã, rei de Jarmute, a Jafia, rei de Laquis, e a Debir, rei de Eglom, para lhes dizer: Vinde e ajudai-me; vamos atacar Gibeão, porque fez paz com Josué e com os israelitas. Então os cinco reis dos amorreus se ajuntaram para atacar: o rei de Jerusalém, o rei de Hebrom, o rei de Jarmute, o rei de Laquis, o rei de Eglom, eles com todos os seus exércitos; eles sitiaram Gibeão e batalharam contra ela.

A segunda parte do texto mostra como Israel, sob o comando de Josué, vai socorrer os gibeonitas, com quem havia feito uma aliança, e Deus lhe dá uma vitória extraordinária (10.6-11):

Os homens de Gibeão mandaram dizer a Josué, no acampamento em Gilgal: Não retires de teus servos a tua mão; vem depressa, livra-nos e ajuda-nos, porque se ajuntaram contra nós todos os reis dos amorreus, que habitam na região montanhosa. Josué subiu de Gilgal com todos os homens de combate e todos os homens guerreiros. E o SENHOR disse a Josué: Não tenhas medo deles, porque eu os entreguei na tua mão; nenhum deles te poderá resistir. Josué subiu de Gilgal, marchou a noite toda e atacou-os de surpresa; e o SENHOR os pôs em confusão diante de Israel, que os desbaratou com grande matança em Gibeão; ele os perseguiu pelo caminho que sobe a Bete-Horom, derrotando-os até Azeca e Maqueda. Enquanto iam fugindo de Israel, à descida de Bete-Horom, do céu o SENHOR lançou sobre eles uma chuva de pedras grandes até Azeca,

e eles morreram; e a chuva de pedras matou mais pessoas do que os israelitas pela espada.

Você deve se lembrar que gibeonitas, após perceberem que Israel ganharia a guerra, fingiram ser embaixadores de uma terra distante (os povos de longe poderiam fazer tratados de paz com Israel, tornando-se seus servos), e com isso enganaram Josué e conseguiram uma aliança com o povo de Deus. Mais tarde os israelitas descobriram toda a verdade, mas a aliança já havia sido feita, e os gibeonitas se tornaram servos no Templo de Deus.

O rei de Jerusalém, Adoni-Zedeque, ficou muito assustado ao receber notícias de que Ai e Jericó já haviam sido tomadas por Josué, e que Gibeão, uma cidade grande, armada e cheia de homens valentes, havia “amarelado”, por assim dizer, preferindo fazer paz com Josué a enfrentá-lo em guerra. Israel já havia conquistado a parte central daquela terra e continuava avançando. Todas essas notícias fizeram Adoni-Zedeque sentir muito medo, e ele então decidiu organizar um exército coligado.

Acredita-se que o nome *Adoni-Zedeque* signifique “meu senhor é justo”, e o seu senhor era provavelmente Moloque, Baal, ou algum outro deus cananeu. Jerusalém, a cidade sobre a qual ele reinava, mais tarde se tornaria famosa. Na ocasião, Jerusalém era o centro do reino dos amorreus, e mais tarde se tornaria a capital da Terra Prometida.

Adoni-Zedeque considerou aquela aliança dos gibeonitas com Israel uma traição, pois os gibeonitas pertenciam ao seu reino. Ele estava decidido a puni-los e retomar Gibeão para debaixo do seu controle. Assim, o rei de Jerusalém convidou os reis amorreus Hoão, Pirã, Jafia e Debir e fez com eles uma coligação com o propósito de tomar Gibeão de volta.

Esses cinco reis então se organizaram e cercaram Gibeão, como diz o texto (v. 5). A essa altura, Josué estava com o seu exército 32 quilômetros abaixo daquele local, em Gilgal, que era o acampamento israelita. Quando se viram cercados, os gibeonitas pediram socorro a Josué (10.6).

Josué trata de organizar seu exército, pois havia feito um pacto com Gibeão, e a aliança ainda estava valendo. Josué reuniu homens valentes, gente de guerra, e começou a marcha para socorrer a cidade de Gibeão. Deus apareceu a Josué (v. 8) e lhe garantiu: “Não tenhas medo deles, porque eu os entreguei na tua mão; nenhum deles te poderá resistir”. Não faltavam razões para temer, pois havia cinco exércitos a enfrentar nessa que foi a principal campanha, na qual Israel tomou o centro-sul da Terra Prometida. Tratava-se,

então, de uma guerra “feia”, por assim dizer.

Deus comandou diretamente a investida contra os amorreus. Ele determinou a vitória e encorajou Josué. Lemos no versículo 9 que Josué chegou de repente, pois toda a noite viera subindo de Gilgal — 32 quilômetros noite adentro. Os amorreus não estavam esperando que viesse um socorro tão rápido, mas foi o que aconteceu.

Quero chamar sua atenção para o versículo 10: “o SENHOR os pôs em confusão diante de Israel”. Ou seja: de alguma forma, Deus perturbou o espírito daqueles soldados amorreus. Talvez com o elemento surpresa, pois enquanto o dia raiava eles estavam sendo cercados. Aí a confusão se estabelece no meio do acampamento amorreu, e eles ficam sem saber o que fazer. Diz ainda o texto que Deus “os desbaratou com grande matança”. Note que quem feriu os amorreus foram os israelitas, mas o relato diz que foi Deus. O texto segue no singular: “ele os perseguiu pelo caminho que sobe a Bete-Horom, derrotando-os até Azeca e Maqueda”.

A Bíblia não está dizendo que Deus desceu dos céus com uma espada e feriu os amorreus, pois quem fez isso foi Israel. No entanto, Deus estava com eles, de tal forma que o escritor bíblico atribui diretamente ao Senhor aquela vitória dos israelitas: foi Deus quem os feriu, perseguiu e derrotou.

Na sequência, lemos sobre uma intervenção extraordinária de Deus: os exércitos dos amorreus, ao fugirem de Israel, foram surpreendidos por uma chuva de grandes pedras que Deus faz cair sobre eles. Estudando livros de arqueologia, história e geografia daquela região, descobri que há registros de queda de pedras do tamanho de um ovo de avestruz. Você pode imaginar o desastre que essas pedras causaram? Foram mais os amorreus que morreram pela chuva de pedras do que pelas mãos de Israel, diz o texto. É evidente que Deus queria deixar claro que a vitória era dele, pois era ele que estava lutando contra os amorreus e dando a vitória a Israel.

O Sol e a Lua param no céu

O texto segue e registra o grande milagre do Antigo Testamento em que Deus fez o Sol e a Lua pararem durante um dia inteiro para consolidar a vitória de seu povo (10.12-15):

Então Josué falou ao SENHOR, no dia em que o SENHOR entregou os amorreus na mão dos israelitas. Na presença de Israel, ele disse: Sol, para sobre Gibeão, e tu, lua, sobre o vale de Aijalom. E o sol parou, e a lua se deteve, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isso não está escrito no livro de Jasar? E o sol parou no meio do céu, e não se apressou a se pôr, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a esse, nem antes nem depois dele, quando o SENHOR atendeu à voz de um homem; pois o SENHOR batalhava por Israel. Depois Josué voltou ao acampamento em Gilgal, e todo o Israel voltou com ele.

Dos versículos 12 a 15, temos o terceiro grande milagre do livro de Josué. O primeiro foi a abertura do rio Jordão. O segundo, a queda das muralhas de Jericó. O terceiro milagre é a parada do Sol no meio do céu durante quase um dia inteiro. Deus atendeu à oração de Josué, quando este percebeu que precisaria de mais tempo para destruir definitivamente aqueles exércitos.

O pôr do sol se aproximava, e talvez já começasse a entardecer. A noite ia chegar, e Josué não conseguiria consolidar a vitória a tempo. Então ele orou a Deus e pediu algo inusitado (acho que não teríamos coragem ou fé para pedir), que vamos parafrasear desta forma: “Deus, preciso de mais umas doze horas de luz aqui para terminar o trabalho. Não sei como o Senhor vai fazer, mas sei que o Senhor é Deus. Eu preciso que o dia se estique, porque ainda tem muita gente, e, se esse pessoal escapar, eles vão se reorganizar, e vai ficar difícil. Eu tenho que consolidar a vitória de vez”.

O texto diz que Josué, na presença dos israelitas, se dirige ao Sol e diz: “Sol, para sobre Gibeão, e tu, lua, sobre o vale de Aijalom [o nome do vale onde a batalha estava sendo travada]”. Depois de orar a Deus, Josué adquire confiança e fala ao Sol e à Lua. O relato afirma que “o sol parou, e a lua se deteve, até que o povo se vingou de seus inimigos [uma expressão bíblica para dizer ‘até que o povo conquistou aqueles exércitos e os aniquilou

completamente’]”.

O texto menciona ainda, no final do versículo 13, que esse milagre está escrito também em outro livro, o “Livro de Jasar” (ou “Livro dos Justos”). Não temos esse livro, nem sequer sabemos de que livro se trata, embora ele seja mencionado outra vez em 2Samuel 1.18. Talvez fosse um livro de crônicas das guerras de Israel, a biografia dos valentes do povo de Deus. É como se o autor estivesse dizendo, pelo fato do ocorrido ter sido tão incrível, que ele não teria sido o único a registrar esse evento, mas que existiam outros registros desse milagre extraordinário.

Vejamos a descrição do milagre mais uma vez: “E o sol parou no meio do céu, e não se apressou a se pôr, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a esse, nem antes nem depois dele, quando o SENHOR atendeu à voz de um homem; pois o SENHOR batalhava por Israel”.

Esse texto tem sido motivo de grande polêmica no meio do povo de Deus quanto à sua interpretação, e também tem sido usado pelos inimigos da fé cristã como uma das vezes em que a Bíblia registra um erro. Essas pessoas dizem que o texto é obviamente uma invenção e que é um absurdo afirmar que o Sol para, já que é a Terra que se move ao redor do Sol, e não o contrário. Segundo esses detratores, o texto não apresenta uma visão científica, e não se pode acreditar em um livro com a ideia tão antiga de que a Terra estava parada e de que o Sol girava em torno dela. Acadêmicos descrentes com certeza dirão que a linguagem da Bíblia reflete a sua imprecisão científica.

A resposta que damos a isso, no entanto, é que até o dia de hoje os cientistas (assim como não cientistas) dizem que o Sol “nasce” todos os dias. Não seria isso uma linguagem coloquial? Ninguém usa linguagem científica no dia a dia, e, para o referencial de quem está na Terra, é como se o Sol se movesse. A Bíblia não é um livro científico e não se propõe a dar detalhes de como funcionam os fenômenos físicos e naturais. Ela se refere a esses fenômenos do ponto de vista do observador, e, para quem observa da Terra, o Sol se move (e a Lua também, evidentemente).

Vi outro dia um desses *memes* na internet que dizia: “Então você não acredita na Bíblia porque foi escrita por homens. Mas os seus livros de ciência foram escritos por quem? Macacos?”. Há cristãos, no entanto, que também não acreditam que o texto seja literal, e sim escrito com linguagem figurada, poética ou apocalíptica. Deus não poderia ter parado o Sol, pois dessa forma teria de ter segurado o universo inteiro durante aquele tempo.

Para a Terra parar de girar em seu eixo, Deus teria de parar todo o universo. Mas qual o problema? Se ele do nada fez tudo o que existe, por que não poderia segurar a máquina que criou? Por um dia ou um mês, inclusive, se quisesse?

Na verdade, a questão última e final é: Existe um Deus? Porque, se existe e nós aceitamos o que a Bíblia diz, temos de aceitar esse texto tranquilamente, sem a menor dificuldade. Talvez você tenha ouvido a história conhecida do menino na aula de ciências, cuja professora zombava da Bíblia e o provocava, dizendo: “Pedrinho, você acredita realmente no que a Bíblia diz, que a baleia engoliu um homem? Sabemos que a garganta da baleia é muito pequena! Não passa por ali um homem”. E o Pedrinho então responde com tranquilidade: “Mas professora, mesmo que a Bíblia dissesse que o homem engoliu a baleia, eu acreditaria!”.

Existe realmente um Deus criador dos céus e da terra, sobre quem a Bíblia diz que, no princípio, do nada, ele criou todas as coisas através da sua palavra? Se ele existe, então todos os milagres da Bíblia são possíveis: transformar água em vinho, andar sobre as águas, parar o Sol, derrubar muralhas, abrir as águas etc. Nada é impossível para Deus.

Mais uma vez: você crê de fato que existe um Deus que é autor e consumidor da vida e criador de todas as coisas? Se você diz que sim, então deduz-se que você não pode ter nenhum problema com os relatos miraculosos da Bíblia. Se Deus é quem é e se fez o que fez na criação do mundo, nada lhe é impossível, e não há dificuldade nenhuma em aceitar esse registro de Josué como um registro histórico do que de fato aconteceu. Não houve um dia semelhante a esse, em que Deus tenha atendido ao pedido de um homem porque ele lutava pelo seu povo, e é isso que o texto nos diz.

O final do versículo 15 diz, então, que, consolidada a vitória, Josué voltou a Gilgal com o povo.

Os objetivos do registro bíblico

Cabe, a esta altura, perguntar: Qual a finalidade desse registro? Por que esse trecho está na Bíblia? É agradável ler a história, até porque gostamos de aventuras e de filmes épicos como *O Senhor dos Anéis* e *Star Wars*, histórias épicas de guerras, conquistas e nobreza. Corremos o risco, no entanto, de ler a Bíblia como se ela fosse apenas uma dessas histórias, mas ela é muito mais do que isso.

O alvo da Bíblia ao registrar batalhas, atos sobrenaturais e conquistas é mostrar, em primeiro lugar, que a vitória neste mundo vem de Deus. Foi Deus quem deu vitória à nação de Israel, e isso fica muito claro no texto. Os versículos 8, 10, 11 e 14 dizem: “eu os entreguei na tua mão”; “o SENHOR os pôs em confusão diante de Israel”; “o SENHOR lançou sobre eles uma chuva de pedras”; “o SENHOR batalhava por Israel”. A Bíblia mostra que todas as conquistas e vitórias do povo de Deus vêm dele. A vitória na batalha, na verdade, é do Senhor.

O segundo alvo de textos como esse é deixar claro que a terra foi uma dádiva de Deus para o povo. Não foi Israel que a conquistou com sua própria força, mas era Deus quem a estava dando como presente e dádiva para seu povo, a fim de que todos pudessem agradecer e louvar a Deus e lembrar-se de sua fidelidade em cumprir as promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó.

O terceiro objetivo de textos como esse é mostrar a superioridade de Deus em relação aos deuses pagãos. Aqueles povos que habitavam Canaã tinham deuses a quem adoravam e ofereciam sacrifícios. Moloque, Baal, Astarote, Milcom, Renfã, entre outros, eram alguns desses deuses pagãos. O rei Adoni-Zedeque não foi à batalha sem antes pedir aos seus deuses que o livrassem dos israelitas e lhe dessem a vitória sobre Josué. No fim, era uma guerra de deuses, e quem era o deus mais poderoso? O único Deus que existe, pois os outros não passavam de invenções humanas. Deus, por assim dizer, derrotou todos os outros deuses, pois fez coisas que eles não faziam: parou o Sol e fez pedras caírem dos céus no meio da batalha. Quem é como esse Deus?

O texto, então, visa a mostrar que só há um Deus, o Deus verdadeiro que se revela nas Escrituras e que tem uma aliança com seu povo. Além disso, o relato mostra a fidelidade de Deus para com as alianças que faz. Primeiro porque ele socorreu o seu povo, e depois porque essa guerra ocorreu por

causa da aliança que havia sido feita entre Israel e Gibeão, no capítulo 9. Embora tenha sido feita de forma enganosa, era uma aliança válida, pois havia sido feita em nome de Deus. Israel então cumpre os termos da aliança, e como parte mais forte sai em socorro da parte mais fraca, mostrando que Deus ama a fidelidade e leva a sério os acordos e alianças feitos em seu nome.

O último ponto que quero destacar é que textos como esse têm como objetivo mostrar que Deus está no controle da história e que ele faz todas as coisas cooperarem para o bem do seu povo. Pense comigo: no capítulo anterior, o povo de Gibeão se aproxima, engana Israel e faz uma aliança com os israelitas que não era para ser feita. Foi um erro de Josué e dos príncipes, pois diz o texto que eles nem oraram a Deus. No entanto, a aliança valeu. Foi um erro de Israel, sim, mas foi graças a esse erro que os reis cananeus ficaram revoltados e provocaram a guerra no centro-sul da terra. Deus acabou transformando o erro que havia sido a aliança em um motivo para que ele ganhasse a guerra contra os amorreus, tomando toda a região central da terra.

Deus transforma em bênção o nosso erro, quando reconhecemos que erramos. O estratagema dos gibeonitas provocou o ataque da confederação dos amorreus que, no fim das contas, deu vitória ao povo de Israel.

Conclusão e aplicações

Costumamos viver como se nosso poder, nossa força, nossa inteligência e nossa capacidade fossem a causa de termos chegado aonde chegamos, de possuímos o que possuímos e de sermos o que somos. Com frequência superestimamos nosso poder e nossa capacidade e nos esquecemos de admitir que tudo o que temos vem de Deus. Sua saúde vem de Deus, o privilégio de ter nascido em uma família que o educou e o colocou em uma boa escola vem de Deus e a sorte de ter pais que o guiaram e o ajudaram vem de Deus. Se você nasceu em um lar complicado e teve um começo difícil e humilde, lembre-se de que, apesar disso, Deus levantou pessoas que o ajudaram e o guiaram, e tudo isso veio dele.

Todos nós deveríamos, diante de textos como esse, dizer: “Senhor, à semelhança do que aconteceu nessa história, toda vitória e toda coisa boa vêm do Senhor e queremos reconhecer isso. Toda boa dádiva e todo perdão vêm de ti, e queremos viver uma vida de gratidão na tua presença”. Por que estou enfatizando isso? Alguns anos mais tarde, o povo de Israel vai esquecer que foi Deus que lhe deu a terra, e o povo se voltará para outros deuses. A raiz disso foi a ingratidão. O povo se esqueceu de Deus, e isso acontece com frequência ainda hoje. Quando nos esquecemos da misericórdia de Deus e de suas bênçãos sobre nós, passamos a adorar outros deuses e a fazer só o que é errado.

Talvez você ainda diga: “Onde está o Deus da Bíblia? Onde estão as suas maravilhas e seus prodígios hoje? Deus fez chover pedras e parou a rotação da Terra, mas onde está ele agora?”. Sei que há evangélicos que dizem que Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre, e com isso eles querem dizer que Deus faz hoje tudo o que ele fez no passado. Isso é, no entanto, um equívoco: não se pode confundir a imutabilidade de Deus com a mesmice de Deus, como se ele fosse obrigado a ser o mesmo em todas as gerações.

É evidente que Deus age de maneiras diferentes em épocas diferentes, e nem mesmo os mais radicais dos irmãos pentecostais espera que Deus faça o Sol parar e que o dia se estique em resposta a uma oração. Deus não age da mesma forma em todas as épocas. Acabamos de ler sobre um milagre extraordinário relacionado à conquista da terra e ao cumprimento das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó.

Querer, então, que Deus aja sempre da mesma maneira, que faça os mesmos milagres e que atue com a mesma revelação sobrenatural de poder dos tempos bíblicos é não entender o que é a Escritura. Esse livro é o registro dos atos poderosos de Deus feitos de uma vez por todas, para que, ao lermos seus relatos, vejamos que há um Deus que criou todas as coisas, a quem pertencemos, a quem prestaremos contas e para quem temos de viver. Se não houvesse a Bíblia, Deus teria de ficar fazendo esses milagres todos os dias de novo. No entanto, ele os fez uma vez e mandou que fossem registrados, para que, ao ler sobre eles, você soubesse, cresse e confiasse.

Termino, então, com esta palavra de ânimo para nós que estamos enfrentando uma confederação de problemas “amorreus”: desafios, inimigos, doenças, uma época de incertezas políticas e econômicas no nosso país etc. Pedimos e oramos: que Deus nos mostre, nos convença e nos persuada de que ele está no controle. Deus está no controle! Pode parecer às vezes que não há governo ou controle na situação do Brasil, mas sabemos que há um Deus no controle da nação e do mundo inteiro, e ele faz todas as coisas cooperarem para o bem do seu povo.

Eis uma verdade em que você pode confiar, porque para isso a Bíblia foi escrita: para mostrar que há um Deus que age em favor de seu povo; que está no controle; que já nos deu seu Filho Jesus Cristo, o qual morreu pelos nossos pecados para que pudéssemos ter acesso a ele; que nos deu perdão; e, finalmente, a herança da vida eterna. O mesmo Deus que deu a terra aos israelitas é o Deus que nos dará a vida eterna. Que você confie e descanse nele, colocando diante dele em oração as angústias e os desafios, confiando que ele é o mesmo ontem e hoje e que ouve as orações de seu povo através da mediação de Cristo Jesus.

TODO PECADO SERÁ CASTIGADO

Josué 10.16-43

A segunda parte de Josué 10 trata do castigo reservado por Deus aos ímpios e de seu convite para que façamos paz com ele antes da aproximação desse juízo. Talvez a causa principal pela qual muitos cristãos vivam na prática do pecado seja a falta de temor a Deus e à punição claramente prometida na Bíblia aos que lhe desobedecem.

A Escritura mostra que Deus adverte o seu povo contra o pecado de muitas maneiras, indicando que ele encara essa questão seriamente. O Deus que se revela a nós na Bíblia não é feito à nossa imagem e semelhança como os deuses gregos. Concebidos segundo a imaginação humana, esses deuses desciam até a terra e se misturavam com os humanos mortais, cometiam adultério, fomentavam intrigas, traições e toda sorte de pecados associados à natureza humana.

O nosso Deus não é fruto da nossa imaginação; ele nos criou. Ele é santo, reto, puro, verdadeiro e odeia o mal com todas as forças de sua natureza santa. O profeta chegou a ponto de dizer que ele não pode nem sequer contemplar o mal, tal a santidade que o cerca.

Por meio de sua Palavra, Deus nos adverte seriamente a respeito do tratamento que dá ao pecado. Quando os nossos primeiros pais pecaram, Deus lhes disse que tornariam ao pó de onde foram tomados. Eles haveriam de morrer, em decorrência de seu ato pecaminoso, e aquilo que fizeram trouxe consequências para toda a raça humana. Veja com que seriedade Deus trata a questão do pecado.

Há vários exemplos de castigo bem conhecidos registrados na Bíblia: o Dilúvio, uma catástrofe que caiu sobre o mundo por causa da medida da iniquidade do povo, uma rebelião não mais suportada por Deus; a destruição

de Sodoma e Gomorra, duas cidades mergulhadas na impiedade que o Senhor fez desaparecer em um dia; as repreensões a homens de Deus, como Moisés e Davi, que tiveram seus pecados e punições registrados. Talvez a demonstração mais clara de quanto o Senhor odeia o pecado foi o fato de ele ter enviado o seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz do Calvário, a fim de que pecadores pudessem ter a redenção. Sem dúvida, uma medida radical e drástica. A Bíblia diz que “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Na verdade, Deus odeia o pecado e está disposto a castigar as pessoas por causa dele. Nenhum pecado passará sem castigo diante da santidade de Deus.

O texto de Josué que temos diante de nós é mais um exemplo de como Deus, usando a nação de Israel, executou juízo e castigo sobre os amorreus (particularmente cinco de seus reis). O alvo é mostrar o princípio bíblico de que Deus odeia o pecado, e que, no tempo e da forma dele, todo pecado será punido. Além disso, o texto também serve de chamada ao arrependimento.

Recapitulando o contexto

Apenas para lembrar os últimos acontecimentos, vimos como Josué e o exército de Israel foram chamados para socorrer os gibeonitas (10.1-15). Eles haviam feito um pacto com os amorreus de Gibeão, que estavam debaixo da sentença de morte ordenada por Deus para aqueles povos. No entanto, os gibeonitas enganaram os israelitas e conseguiram um acordo de paz. Apesar do estratagema, a aliança foi validada, pois havia sido feita em nome de Deus. Essa aliança levou os gibeonitas a serem atacados por uma coligação de cinco reis pagãos daquela região, comandados por Adoni-Zedeque. Eles então pediram ajuda a Israel, pois o exército inimigo já havia sitiado a cidade de Gibeão e estava pronto a destruí-la.

Deus então manda Josué socorrer os gibeonitas e lhe dá uma grande vitória. Os amorreus são derrotados, e, no meio da batalha, o próprio Deus luta em favor de seu povo. Josué não conseguiria consolidar a vitória caso anoitecesse e o exército inimigo tivesse a oportunidade de se organizar para o dia seguinte. O Senhor então, atendendo à oração de Josué, fez o Sol e a Lua pararem por um dia inteiro, de modo que houve claridade suficiente para Israel aniquilar os amorreus.

Josué prende e mata os cinco reis

Em seguida, Josué 10.16-18 informa que os cinco reis amorreus coligados para derrotar os gibeonitas e lutar contra o povo de Israel foram derrotados e aprisionados nas próprias cavernas em que se esconderam. Diz o texto:

Mas aqueles cinco reis fugiram e se esconderam na caverna de Maqueda [que ficava na descida da região montanhosa, no centro-sul de Canaã]. E foi dito a Josué que os cinco reis estavam escondidos na caverna de Maqueda. Então Josué disse: Arrastai grandes pedras para a boca da caverna, e junto dela deixai homens de guarda.

Em outras palavras, Josué estava dizendo o seguinte: “Prendam os reis e continuem perseguindo o restante dos exércitos, pois temos de consolidar a vitória”. Os reis ficaram, então, numa espécie de prisão domiciliar, presos nas próprias cavernas em que haviam se escondido, onde só podiam aguardar o resultado das lutas.

Josué, então, persegue os soldados que restaram. A maioria havia sido morta, e uma pequena parte havia conseguido fugir. Confira (10.19-21):

Mas não pareis agora; persegui os inimigos, atacando-os por trás; não os deixeis entrar nas suas cidades, porque o SENHOR, vosso Deus, já vos entregou os inimigos nas mãos. E Josué e os israelitas acabaram de derrotá-los em grande matança, até que fossem quase exterminados; os que restaram foram para cidades fortificadas, todos os homens de guerra voltaram em paz a Josué, ao acampamento em Maqueda. Ninguém mais fez ameaças aos israelitas.

Aquela foi, de fato, uma vitória extraordinária concedida por Deus ao seu povo: a coligação dos amorreus foi completamente destruída, à exceção de poucos soldados. Os cinco reis estavam presos, os quais Josué julga e mata na presença de todo o povo. Segue o texto (10.22-27):

Depois Josué disse: Abri a entrada da caverna e trazei-me aqueles cinco reis. Assim foi feito e aqueles cinco reis foram trazidos para fora da

caverna: o rei de Jerusalém, o rei de Hebrom, o rei de Jarmute, o rei de Laquis e o rei de Eglom. Quando foram levados a Josué, ele chamou todos os homens de Israel e disse aos comandantes dos homens de guerra que o haviam acompanhado: Aproximai-vos e colocai o pé no pescoço destes reis. E eles se aproximaram e colocaram o pé no pescoço deles. Então Josué lhes disse: Não temais, nem tenhais medo; esforçai-vos e sede bravos, porque assim o SENHOR fará a todos os vossos inimigos, contra quem tereis de batalhar. Depois disto Josué os feriu e os matou, e os pendurou em cinco madeiros [provavelmente não eram cruzes, já que esse método de execução surgiu entre os cartagineses, sendo depois empregado pelo Império Romano, mas talvez fossem como postes], onde ficaram pendurados até a tarde. Ao pôr do sol, por ordem de Josué, foram tirados dos madeiros, lançados na caverna onde se haviam escondido. Na entrada puseram grandes pedras, que ainda ali estão até o dia de hoje. [Na época em que o livro foi escrito, o autor ainda podia dizer qual era o local onde aqueles reis haviam sido mortos e sepultados.]

Nesse trecho, Deus exige que os reis sejam trazidos nominalmente diante de Josué para julgamento. Perceba os dizeres: “o rei de Jerusalém, o rei de Hebrom, o rei de Jarmute, o rei de Laquis e o rei de Eglom”. Nome a nome, um por um, identificados como indivíduos, comparecem diante de Josué, que agora atua como juiz. Josué, então, profere sua sentença contra eles: morte pelos seus crimes e pecados. Ele chama os capitães dos exércitos de Israel, manda os reis derrotados deitarem no chão (talvez um do lado do outro) e ordena que os capitães coloquem as botas sobre o pescoço dos reis.

Não se trata de humilhação de prisioneiros de guerra, pois a arqueologia já revelou que esse era um costume praticado nas batalhas no antigo Oriente. Há desenhos nas pirâmides que mostram os soberanos colocando os pés sobre o pescoço dos inimigos como símbolo de triunfo. Alguns séculos depois, Paulo, ao escrever aos romanos, afirma que “o Deus de paz em breve esmagará Satanás debaixo dos vossos pés” (Rm 16.20). É uma figura, portanto, que o próprio apóstolo usa para reafirmar que o rei Jesus colocará os seus inimigos debaixo dos seus pés como sinal de vitória absoluta.

Esse é o quadro dessa passagem. Josué queria encorajar os israelitas, passando a mensagem de que aqueles cinco reis coligados para enfrentá-los e destruí-los estavam ali deitados e derrotados; assim como ele, os israelitas também deveriam colocar o pé sobre o pescoço daqueles reis, para que

soubessem que Deus vai fazer isso com todos os inimigos de Israel. Deus queria incutir temor no povo com relação ao pecado. Era como se dissesse: “É assim que tratarei os ímpios. Eles serão esmagados debaixo dos meus pés”.

Não é sem razão que, em várias passagens da Bíblia, Cristo é descrito como um rei que domina sobre os seus inimigos. Em Salmos 110.1, Deus diz ao seu Filho, o Messias que haveria de reinar: “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos debaixo dos teus pés”.

Em seguida, aqueles reis foram mortos à espada, os seus corpos foram pendurados e, no final do dia, jogados na mesma caverna em que estavam, tendo sido fechada com pedras. Talvez essa sepultura servisse de proteção contra as feras, a fim de que não comessem os seus corpos ou para que eles não fossem sepultados com honrarias por seu próprio povo, pois tinham de morrer em desgraça e vergonha.

Quero chamar a sua atenção para o fato de que Josué pendurou esses reis em madeiros, onde ficaram até a tarde (v. 26). Por que ele fez isso? Está escrito em Deuteronômio 21.22,23, na lei que Deus deu a Moisés, que o Senhor amaldiçoaria todo aquele pendurado em um madeiro. Quem morresse pendurado em um poste era maldito de Deus. O próprio Deus disse, no entanto, que aquele amaldiçoado que morresse em um poste poderia ficar pendurado ali somente até o pôr do sol e depois tinha de ser retirado e sepultado. Foi isso que Josué fez com esses reis condenados pelo Senhor: publicamente expôs sua derrota, os matou, os pendurou em postes, e, ao pôr do sol, os tirou de lá.

Muito tempo depois, o apóstolo Paulo usaria essa passagem para dizer: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, tornando-se maldição em nosso favor, pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em um madeiro” (Gl 3.13). Os judeus mataram Cristo crucificando-o em um madeiro, e antes do fim do dia se prepararam para quebrar suas pernas e retirá-lo da cruz, conforme a tradição. No entanto, eles se surpreenderam quando lá chegaram e descobriram que Jesus já estava morto (esse é o momento em que o soldado o espetou com uma lança, o que fez sangue e água jorrarem de seu corpo).

O que estamos vendo nessa passagem do livro de Josué, em certo sentido, é a forma com que Deus trata o pecador: ele o expõe no madeiro e o torna maldito de Deus, como aqueles cinco reis; da mesma forma, séculos mais tarde, Jesus Cristo, o Filho de Deus, foi também pendurado em um madeiro

como maldito do Pai. O que aconteceu àqueles cinco reis era o que deveria ter acontecido a você e a mim por causa dos nossos pecados. Um dia, no entanto, Jesus Cristo tomaria o nosso lugar naquela cruz, e sofreria a maldição para que eu e você hoje pudéssemos nos reconciliar com Deus e servi-lo. Não mais seríamos condenados como aqueles reis ímpios.

Josué vence outros sete reis

Os versículos 28 a 39 de Josué 10 traz o resumo de como o bravo general israelita continuou a campanha e matou mais sete reis, conquistando toda a terra de Canaã. Trata-se de um relato resumido de como ele e os soldados de Israel tomaram as seguintes cidades: Maqueda, Libna, Laquis, Gezer, Eglom, Hebrom e Debir, que eram as principais cidades dos amorreus, no sul da terra. Diz o texto:

Naquele mesmo dia Josué tomou Maqueda, e a feriu ao fio da espada, bem como a seu rei. Ele os aniquilou por completo com todos os que nela havia, sem deixar ali uma pessoa sequer. Fez ao rei de Maqueda como havia feito ao rei de Jericó. De Maqueda, Josué, e todo o Israel com ele, foi para Libna e batalhou contra ela. E o SENHOR também entregou-a com seu rei na mão de Israel, que a feriu ao fio da espada com todos os que nela havia, sem deixar ali uma pessoa sequer. Fez ao seu rei como havia feito ao rei de Jericó. De Libna, Josué, e todo o Israel com ele, foi para Laquis; ele a sitiou e batalhou contra ela. O SENHOR entregou também Laquis na mão de Israel. No segundo dia Israel a tomou e a feriu ao fio da espada com todos os seus habitantes, conforme tudo o que havia feito a Libna. Então Horão, rei de Gezer, subiu para ajudar Laquis; mas Josué destruiu a ele e ao seu povo, até não lhe deixar uma pessoa sequer. De Laquis, Josué, e todo o Israel com ele, foi para Eglom; eles a sitiaram e batalharam contra ela. Eles a tomaram no mesmo dia, ferindo-a ao fio da espada; nesse mesmo dia Josué destruiu totalmente todos os seus habitantes, conforme tudo o que havia feito a Laquis. De Eglom, Josué, e todo o Israel com ele, subiu a Hebrom; e eles batalharam contra ela. Eles a tomaram e a feriram ao fio da espada, bem como a seu rei, e a todas as suas cidades, com todos seus habitantes. Josué não deixou ninguém vivo, mas, conforme tudo o que havia feito a Eglom, ele a destruiu totalmente, com todos os seus habitantes. Então Josué, e todo o Israel com ele, voltou a Debir, batalhou contra ela, e a tomou com o seu rei e com todas as suas cidades; ele as feriu ao fio da espada e destruiu totalmente todos os seus habitantes, não deixando uma pessoa sequer. Como havia feito a Hebrom, a Libna e a seu rei, assim ele fez a Debir e a seu rei.

Josué estava executando a condenação de Deus contra aqueles povos — habitantes e reis — que estavam debaixo do juízo. Deus havia pronunciado a sentença e usou Israel como um instrumento de sua justiça. Assim, todas as terras da região foram conquistadas. O texto continua (10.40-43):

Assim Josué derrotou toda aquela terra, a região montanhosa, o Neguebe, a baixada e as encostas das montanhas e todos os seus reis. Ele não deixou uma pessoa sequer; mas tudo o que tinha fôlego destruiu totalmente, como ordenara o SENHOR, o Deus de Israel. Assim Josué os derrotou desde Cades-Barneia até Gaza, como também toda a terra de Gósen, até Gibeão. E de uma só vez Josué capturou todos esses reis e tomou-lhes as terras, porque o SENHOR, o Deus de Israel, batalhava por Israel. Então Josué, e todo o Israel com ele, voltou ao acampamento em Gilgal.

Essa foi a principal campanha de Josué, que tomou o centro-sul da região, finalizando a conquista de toda a Terra Prometida. Às vezes ouço pessoas dizerem que Deus ainda não cumpriu a promessa feita a Israel de que daria ao seu povo toda a terra de Canaã. Elas acreditam que Israel nunca ocupou todo o território prometido por Deus a Abraão. Eu leio outra coisa no livro de Josué: Deus cumpriu a promessa. Ele deu a terra toda ao povo que estava sob o comando de Josué, e não há mais nenhuma promessa de terra para Israel. Toda aquela região, das montanhas ao centro-sul, todas as cidades e todos os reinos foram tomados e destruídos.

Restaram algumas pequenas cidades fortificadas que precisavam ser conquistadas, mas a espinha dorsal dos cananeus fora quebrada. A partir de Josué 11, podemos ler a respeito de outras pequenas vitórias de Josué e de como ele começa a repartir a terra entre as tribos de Israel.

Lições para hoje

Esse texto de Josué 10, porém, nos ensina algumas lições. Elas certamente servirão para você perceber que não se trata apenas de um relato sangüinário de violentas guerras de conquista, em que Israel entra em um território que não lhe pertence, toma tudo, mata homens, mulheres e crianças e depois se torna senhor daquela região. Há bem mais nesse relato, e é isso que pretendo lhe mostrar.

Deus odeia o pecado e determina a destruição completa dos que o aborrecem

Deus odeia a idolatria. O povo que morava naquela terra era idólatra e havia transformado a glória de Deus, revelada na natureza, em glória humana. Era um povo que adorava a criação em vez de o Criador. Era um povo que havia rejeitado a revelação feita por Deus de si mesmo; que adorava os animais, a Lua, as estrelas, as árvores, os rios e os próprios reis, os quais eram considerados deuses.

Portanto, não se tratava de um povo inocente, mas de gente que havia voltado as costas para Deus. Não existem “indígenas inocentes e primitivos”. A Bíblia é muito clara ao afirmar que os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos (Sl 19.1). A glória do Senhor brilha em todo lugar e está ao nosso redor. Ninguém nasce ateu ou idólatra, mas rejeitamos a revelação que Deus fez de si mesmo na natureza e na nossa consciência, e não há quem possa se justificar diante dele.

Deus suportara a idolatria, a imoralidade, a violência e a perversão daquelas culturas por bastante tempo, mas finalmente chegou o momento em que ele executou o juízo. A Bíblia diz que Deus odeia o pecado e que nenhuma transgressão passará em branco diante dele. Todo pecado terá o seu devido castigo, e, como diz o livro de Deuteronômio, “o vosso pecado vos atingirá” (Nm 32.23). Neste mundo ou no mundo vindouro, ele há de atingir, pois nenhum pecado passa sem punição diante de Deus.

Em Êxodo 23.23,24, Deus diz exatamente isto a Moisés, dando a razão pela qual ele haveria de dar a Israel aquela terra:

Porque o meu anjo irá à tua frente e te fará entrar na terra dos amorreus, dos heteus, dos perizeus, dos cananeus, dos heveus e dos jebuseus; e eu os exterminarei. Não te inclinarás diante dos seus deuses, nem os cultuarás; não imitarás as suas obras; pelo contrário, derrubarás e destruirás totalmente as suas colunas.

Mais adiante, Deus declara (v. 32,33):

Não farás nenhuma aliança com eles, nem com os seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim; pois, se cultuares os seus deuses, isso certamente será uma armadilha para ti.

Em Deuteronômio 9.4,5, Moisés diz ao povo:

Depois que o SENHOR, teu Deus, os tiver expulsado de diante de ti, não digas no coração: Por causa da minha justiça é que o SENHOR me introduziu nesta terra para dela tomar posse. Porque é pela culpa destas nações que o SENHOR as expulsa da tua frente. Não é por causa da tua justiça nem da retidão do teu coração que entras na terra delas para possuí-la, mas é pela culpa destas nações que o SENHOR, teu Deus, as expulsa da tua frente, para confirmar a palavra que o SENHOR, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

A Bíblia deixa muito claro que as vitórias do povo de Israel não seriam por causa dele mesmo. É como se Deus lhes dissesse através de Moisés: “Quando eu lançar aquelas nações para fora e as destruir e quando eu der vitória a vocês sobre elas, não pensem: ‘Eu sou melhor que eles, e foi por meu mérito que Deus nos deu a vitória’. Não é porque voês são melhores, mas por causa da maldade daquelas nações que eu as estou colocando para fora e estou usando vocês para punir a maldade daquelas gerações. Não pensem que vocês são melhores ou que isso é por causa do seu mérito, mas por causa da maldade dos amorreus, jebuseus, heveus, e todos os outros povos daquela terra, por causa de sua idolatria, imoralidade e perversão”.

Essa é uma das razões pelas quais Deus concedeu a Josué a vitória e matou todos aqueles povos. Era o juízo do Senhor contra aquelas nações que estavam há séculos em rebelião contra ele — havia chegado a hora do acerto de contas. Eis então a primeira lição: Deus odeia o pecado e no tempo certo

traz o juízo.

Deus punirá os impenitentes no devido tempo

Às vezes me perguntam se esse genocídio mostrado no livro de Josué e em outros do Antigo Testamento, o extermínio de nações inteiras, incluindo homens, mulheres e crianças, não seria algo horrível e contrário ao cristianismo. A resposta é que devemos olhar para momentos assim como antecipações do dia do juízo. Deus tem um dia preparado em que julgará toda a iniquidade da raça humana, incluindo homens, mulheres, crianças, adultos e velhos — todos comparecerão diante do Senhor e prestarão contas de seus pecados. Os idólatras, os rebeldes, os imorais, os incrédulos, os revoltados, os injustos e ímpios serão castigados diante do Altíssimo. A Bíblia fala do juízo de Deus, do inferno e do lago que arde com fogo e enxofre eternamente.

Deus tem um dia marcado para realizar tudo isso, mas, às vezes, ele nos dá vislumbres de como será o juízo final. Por exemplo, quando ele, em uma tacada só, traz juízo sobre Sodoma e Gomorra; quando dá a vitória a Israel contra os cananeus; quando envia o Dilúvio etc. Deus vai julgar a humanidade e punir o pecado no dia do juízo, mas às vezes ele antecipa o julgamento e o faz “aqui e agora”. Quando o castigo vem sobre o ímpio individualmente neste mundo, é como se Deus já estivesse dando uma antecipação do que acontecerá com ele no dia do juízo. Quando alguém é preso, surrado, castigado, morto de forma trágica, é como se Deus dissesse: “Vejam o que os aguarda. Vejam o que vem pela frente: o grande dia do juízo!”. É claro que não estamos dizendo com isso que coisas ruins acontecem somente aos ímpios. Elas acontecem com os filhos de Deus também. Contudo, nesses casos, o Senhor corrige e aperfeiçoa seus filhos. No caso dos ímpios, é a ira de Deus sendo antecipadamente derramada sobre eles.

Ao ver essas coisas, quem teme a Deus se encolhe e diz: “Senhor, eu sei que não é por causa da minha justiça que estou sendo poupado. Não sou melhor que esses ímpios ou esses bandidos, mas é por causa da tua misericórdia que não sou arrastado e destruído com eles. É só pela tua graça que não serei punido no dia do juízo”.

Deus usa instrumentos humanos para executar o seu

juízo

Deus poderia ter destruído os moradores daquela terra como fez com Sodoma e Gomorra, mandando fogo e enxofre dos céus, mas, dessa vez, ele determinou que a nação israelita fosse usada como instrumento de sua justiça. Séculos depois, quando o povo de Israel estava já ocupando a terra, Deus levantou nações inimigas para punir os próprios judeus, por terem se desviado da aliança com Deus e cometido idolatria, exatamente como as nações que ali moravam haviam cometido, conforme o profeta Habacuque, por exemplo, informa (Hc 1.5,6,12).

Em outras situações, Deus usa os governos estabelecidos como instrumento para punir malfeitores. É isso que Paulo afirma em Romanos 13. De acordo com essa passagem, as autoridades são “ministros de Deus”, vingadores para castigar os praticantes do mal (Rm 13.3,4). Deus é soberano e usa os meios que quiser para executar justiça e juízo neste mundo.

Às vezes Deus executa seu juízo publicamente

Por que Deus castiga o pecado publicamente? Para humilhar os altivos, advertir os rebeldes, demonstrar as consequências do pecado, incutir temor em seu povo e convidar os que lhe pertencem a ser como os gibeonitas. Gosto de lembrar deles, para que esta não seja uma mensagem apenas de fogo e enxofre. No capítulo anterior, vimos que os gibeonitas, ao perceberem que o juízo estava por vir, foram pedir paz a Israel. Solicitaram para fazer parte do povo israelita, nem que fosse para servir. Dessa forma, então, não foram destruídos, porque fizeram paz.

Assim, do mesmo jeito que Deus mostra que vai punir o pecado, ele nos convida à reconciliação. Somos chamados para fazer parte do povo dele, para que o juízo não nos alcance e não nos destrua.

A vitória final é de Deus, embora ainda esteja por vir

Não é preciso nem citar aqui os versículos em que aparecem as expressões: “e Deus deu a vitória”, “e Deus pelejou”, “e Deus destruiu os reis” etc., pois não restam dúvidas quanto ao autor da conquista da terra. Israel apenas

obteve aquelas vitórias porque Deus estava com eles; o Senhor era o segredo da nação de Israel, e por esse motivo a vitória foi completa. Ele cumpriu a sua promessa, e isso aponta para a vitória final do Criador. Essas guerras, na realidade, representam o conflito entre Cristo (e o povo de Deus) e seus inimigos, e revelam que Deus está com seu povo e que a vitória é certa e virá no tempo dele, do modo dele.

Vale lembrar o que está escrito em Salmos 2.2-4: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram unidos contra o SENHOR e seu ungido, dizendo: Rompamos suas correntes e livremo-nos de suas algemas. Aquele que está sentado nos céus se ri; o Senhor zomba deles”; e em Salmos 110.1: “O SENHOR disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos debaixo dos teus pés”.

O Novo Testamento registra o triunfo final e público de Cristo sobre seus inimigos. Em 1Coríntios 15.25, está escrito: “Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés”, e Efésios 1.20,21 declara: “... fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio, e de todo nome que possa ser pronunciado, não só nesta era, mas também na vindoura”. E ainda Filipenses 2.10,11 registra: “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai”.

Assim, as vitórias de Israel, sob o comando de Josué, apontavam para o triunfo final de Cristo.

Conclusão e aplicações

De que lado você está? Você faz parte do povo de Deus? Ou você é como aqueles povos ímpios que, à luz da natureza, tiveram conhecimento de Deus e conhecimento do que ele havia feito na terra do Egito e, ainda assim, continuaram na rebelião do seu coração, de acordo com os seus próprios caminhos?

Não se iluda pelo fato de vivermos milênios depois da escrita desses eventos, pois Deus ainda é o mesmo Deus santo, Senhor de todas as coisas, e um dia lhe trará a juízo. Só há uma esperança para você: aquele que foi feito maldição em seu lugar, pendurado num madeiro, maldito de Deus pelos seus pecados. Se você se arrepender, crer em Jesus Cristo, sujeitar-se a ele e o receber como Senhor e Salvador de sua vida — como fizeram os gibeonitas —, então fará parte do povo de Deus, e não será mais alvo da condenação justa pelos seus pecados, mas herdará a vida eterna e terá o perdão de Deus para viver com ele para sempre no mundo vindouro que se aproxima rápido.

Portanto, sem deixar mais passar oportunidade ou tempo, reconcilie-se com Deus, arrependa-se, creia nele e o busque na pessoa de Jesus Cristo para o perdão completo dos seus pecados.

DEUS ENDURECE A QUEM DESEJA CASTIGAR

Josué 11

Outras vitórias de Josué

Depois de Israel já ter conquistado todo o sul da terra, Josué 11 narra a formação de outra aliança militar entre os reis do norte, sob a liderança de Jabim, rei de Hazor (provavelmente o mais forte dos reis da região), com o objetivo de enfrentar os israelitas (11.1-5):

Quando Jabim, rei de Hazor, soube disso, enviou mensageiros a Jobabe, rei de Madom, ao rei de Sinrom, ao rei de Acsafe e aos reis que estavam ao norte, na região montanhosa, na Arabá ao sul de Quinerote, na baixada, e nos planaltos de Dor ao ocidente; ao cananeu do oriente e do ocidente, ao amorreu, ao heteu, ao perizeu, ao jebuseu na região montanhosa, e ao heveu ao pé do Hermom na terra de Mispá. Eles saíram, com todos os seus exércitos, muita gente, uma multidão como a areia da praia do mar, e muitíssimos cavalos e carros. Reunidos, todos esses reis foram e, juntos, acamparam perto das águas de Merom, para batalhar contra Israel.

Após a reunião dos reis, Deus aparece a Josué, confortando-o e lhe prometendo a vitória. Josué, então, sai para a batalha no poder de Deus rumo à conquista no vale de Merom. Diz o texto (11.6-9):

E o SENHOR disse a Josué: Não tenhas medo deles, pois amanhã a esta hora eu os entregarei todos mortos a Israel. Tu lhes aleijarás os cavalos e queimarás seus carros. Josué, com todos os homens de guerra, atacou-os de surpresa próximo às águas de Merom. E o SENHOR os entregou na mão dos israelitas, que os derrotaram e os perseguiram até a grande Sidom, e até Misrefote-Maim, e até o vale de Mispá ao oriente; eles os derrotaram até que não ficasse uma pessoa sequer. E Josué fez a eles como o SENHOR lhe havia falado: jarretou os cavalos deles e queimou no fogo os seus carros.

A coligação de exércitos dos reis em aliança de reis foi ao encontro de Josué na região central da terra. Depois de derrotá-los no vale de Merom, Josué parte para o norte, a fim de conquistar as cidades de origem de cada um dos reis (11.10-15):

Naquele tempo Josué voltou e tomou também Hazor. E feriu à espada o seu rei. Hazor havia sido a capital de todos esses reinos. Eles passaram ao fio da espada a todos os que nela havia, aniquilando-os totalmente; nenhum ser que respira sobreviveu. Josué queimou no fogo a Hazor. Josué tomou todas as cidades desses reis e os passou ao fio da espada, aniquilando-os totalmente, como Moisés, servo do SENHOR, ordenara. Contudo, Israel não queimou nenhuma das cidades que estavam nos montes, salvo Hazor, que havia sido queimada por Josué. Mas os israelitas se apossaram de todos os despojos dessas cidades e do gado, mas eles feriram todos os homens ao fio da espada até os aniquilarem; não deixaram sobreviver nenhum ser que respira. Como o SENHOR ordenara a Moisés, seu servo, assim Moisés ordenou a Josué, e assim Josué fez; e de tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés nada deixou de fazer.

Nos versículos seguintes (11.16-23), o livro relata, então, a conquista de toda a terra ao norte e termina anunciando o fim da guerra. Com a captura do norte, toda a terra estava dominada. Eles entraram por Jericó, conquistaram o sul, travaram a batalha relatada no começo do capítulo 11 no meio da terra e então subiram e se apoderaram do norte, e com isso a guerra acabou:

Assim Josué tomou toda aquela terra, a região montanhosa, todo o

Neguebe, e toda a terra de Gósen e a baixada, e a Arabá, e a região montanhosa de Israel com a sua planície, desde o monte Halaque, que sobe a Seir, até Baal-Gade, no vale do Líbano, ao pé do monte Hermom; também capturou todos os seus reis, derrotou-os e os matou. Por muito tempo Josué esteve em guerra contra todos esses reis. Não houve cidade que fizesse paz com os israelitas, senão os heveus, moradores de Gibeão; eles tomaram à força de armas todas elas. Porque do SENHOR veio o endurecimento do coração para saírem à guerra contra Israel, a fim de que fossem destruídos totalmente, sem achar misericórdia alguma, e fossem exterminados, como o SENHOR havia ordenado a Moisés. Naquele tempo Josué veio e exterminou os anaqueus [uma raça de gigantes que chegavam a três metros de altura] da região montanhosa de Hebrom, de Debir, de Anabe, de toda a região montanhosa de Judá, e de toda a região montanhosa de Israel; Josué os destruiu totalmente com as suas cidades. Nem um sequer dos anaqueus foi deixado na terra dos israelitas; ficaram somente alguns em Gaza, em Gate e em Asdode. Assim Josué tomou toda esta terra, conforme tudo o que o SENHOR tinha dito a Moisés, e deu-a como herança a Israel, dividindo-a segundo as suas tribos; e a terra descansou da guerra.

Dessa forma, então, cessam as guerras da conquista. Há mais guerras pela frente, mas a partir desse ponto da narrativa a terra já pertencia a Israel, povo que passa a ser dominante e controlador da geografia, economia e entrada e saída da região. Deus termina de cumprir as promessas que havia feito em relação à dádiva da terra aos filhos de Israel.

Existem algumas lições que podemos tirar de toda essa história para nossa vida, de modo que esse não vem a ser apenas um registro de guerras ancestrais de um povo que viveu no antigo Oriente há tanto tempo, mas que é, sim, palavra de Deus para nós hoje.

O texto relata vários temas que merecem exposição. Os autores bíblicos, quando escreveram a história, não estavam preocupados em fazer meramente um registro de acontecimentos para apenas preservar crônicas ou para constar dos anais da história de Israel, mas, sim, com um objetivo teológico. Esses autores escreveram para nos ensinar algo; havia, portanto, um propósito na escrita. Por isso eles selecionaram o material, escolheram o que contariam e o expuseram de determinado ângulo, para nos transmitir uma mensagem.

Quatro grandes temas

A passagem que estamos analisando aponta para pelo menos quatro grandes temas comuns no livro de Josué e também no Antigo Testamento (e eu diria que em toda a Bíblia) e que têm a ver conosco. Esses quatro temas são:

Deus é o segredo da vitória

Esse é um tema constante no livro de Josué. À exceção de Ai, conforme já vimos, Israel sempre enfrenta inimigos mais poderosos, e sempre vence. Quando Israel atravessa o rio Jordão, na entrada da Terra Prometida, depara com Jericó, uma cidade fortificada, bastante preparada, muito bem defendida e humanamente impossível de ser saqueada. Sabemos, no entanto, o que aconteceu: pela intervenção de Deus, as muralhas ruíram e o povo de Israel conquistou o que parecia ser impossível.

Mais adiante, Israel se vê perante a confederação de reis do sul, que se reúne para atacar Gibeão, a cidade do povo que foi o único a fazer paz com Israel. Juntamente com os exércitos de Israel, Josué sai em defesa dos gibeonitas, e o que parecia uma vitória impossível é concedida outra vez pela graça de Deus.

Por fim, no capítulo 11, surge uma nova confederação, dessa vez formada pelos reis do norte, ainda maior do que aquela formada pelos reis do sul. A aliança do norte era militarmente mais equipada. Pela primeira vez no livro de Josué, aparecem carros de guerra com cavalos (provavelmente adquiridos no Egito), que eram veículos de madeira preparados para a batalha com chapas e pinos de ferro. Tratava-se de um exército muito numeroso e bastante preocupado em se defender, e pessoas quando se tornam preocupadas se tornam também ferozes. Enfim, Josué e seu exército estavam diante de um exército altamente motivado que vinha para destruir Israel; Deus, no entanto, deu a vitória a seu povo.

Os israelitas venceram todas essas guerras e combates não porque eram melhores, mais bem preparados militarmente, mais estratégicos ou porque seus soldados eram mais hábeis, mas, sim, porque Deus estava com eles. Isso ficou muito claro no capítulo 7, quando Israel partiu para enfrentar uma

cidade pequena chamada Ai. Nessa batalha, por causa do pecado de um soldado chamado Acã, Deus retirou a sua graça, e o que parecia uma vitória certa se tornou em derrota fragorosa. Se Deus era com Israel, quem podia ser contra Israel? Esse era o segredo do povo de Deus.

Este é, pois, o primeiro dos temas do livro: se Deus está com o seu povo, não há inimigo grande demais ou poderoso demais que não possa ser vencido. Trata-se de um refrão da Bíblia: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

O nosso segredo neste mundo é Deus. Quando transportamos essa ideia para a igreja, vemos uma aplicação muito importante: ela não vence pelo marketing, por ter um planejamento estratégico bem elaborado, porque tem o domínio da mídia, porque sabe usar recursos de divulgação ou porque tem talentos internos. Tudo isso é bom e importante, mas uma igreja pode ser financeiramente poderosa, ter talentos, estratégia, marketing e mídia, e ainda assim fazer coisas que não representem uma vitória no reino dos céus, porque o único segredo da igreja é Deus.

Às vezes nos concentramos apenas no método de conquistar uma região ou cidade para Cristo. Não que isso esteja errado, mas corremos o risco de dar importância exagerada ou exclusiva à estratégia. “O que vamos fazer? Vamos pegar um mapa e ver onde não existem igrejas, e nos mobilizar”. Tudo isso está correto, mas o que nos garante a vitória é a presença de Deus ao nosso lado. Se ele não estiver conosco e não abençoar o que a igreja fizer, ela vai ser como uma instituição qualquer, como uma ONG ou um clube. Mais uma vez: o segredo da igreja é a presença de Deus.

A obediência a Deus

Como ter a presença de Deus conosco? O livro de Josué deixa claro: se andarmos humildemente diante dele, se lhe obedecermos, se o buscarmos e lhe confessarmos os nossos pecados, então ele estará conosco e nos guiará. O ponto aqui enfatizado é a aliança que Deus tem conosco.

A obediência de Josué é bastante enfatizada no capítulo 11 por meio da expressão “e assim Josué fez” (v. 9,12,15). Ele ataca, aleija os cavalos e destrói todos os reis, de acordo com a ordem divina. Deus tem uma aliança com seu povo, cujos termos são: a obediência traz a benção, e a desobediência traz o castigo. Josué obedeceu a Deus e seguiu suas ordens, e

Deus então lhe deu a vitória, fazendo o trabalho dele frutificar.

Foi justamente isso o que Deus disse quando apareceu a Josué depois da morte de Moisés, conforme registra o capítulo 1 do livro. O Senhor ordena a Josué que lhe obedeça e que siga o Livro da Lei, sem se desviar nem para a esquerda nem para a direita, e, em contrapartida, promete a conquista da terra. Desde que Josué obedecesse a Deus e fosse correto, todos os seus esforços seriam bem-sucedidos e ele haveria de conquistar a Terra Prometida.

Vemos assim mais um ponto que aparece na Bíblia toda: Deus requer obediência de nós, mesmo quando isso parece sem sentido. Nessa passagem, por exemplo, Deus ordenou a Josué que, quando conquistasse os carros de guerra, ele deveria jarretar os cavalos (*jarretar* significa cortar o tendão da pata traseira, de maneira que o cavalo se torne inútil para a guerra). Vale a pena gastar um tempo pensando sobre isso. Israel estava em guerra; se Israel se apossasse desses cavalos em Jabim, poderia usá-los contra os cananeus, pois os animais eram elementos importantes nas batalhas. No entanto, Deus não queria que eles usassem os cavalos. Por quê? Só há uma resposta: para deixar claro que a vitória vinha de Deus, e ele não precisava nem de carros nem de cavalos para dar vitória a Israel; apenas a presença dele garantiria o sucesso daquela empreitada.

Desprezar a utilidade dos cavalos parecia, então, uma ordem estranha. Imagine que, em uma guerra, um país conquiste os tanques de guerra da nação inimiga. Em seguida, vem uma ordem de cima: “Destruam todos os tanques”. Não faz sentido. Josué obedeceu, mesmo que militarmente isso parecesse algo ilógico. Pela fé, Josué obedeceu a tudo o que Deus mandou.

Deus cumpre suas promessas

Imagino que alguém possa perguntar o sentido de ler o capítulo 11 inteiro, uma vez que há muitos nomes de lugares que nem existem mais. Estamos falando de Sinrom, de Madom, do vale de Merom, de Hazor, do monte Hermon etc. Por que o nome de todos esses acidentes geográficos? A resposta é que isso está registrado como uma espécie de documento que Deus dá à nação de Israel a respeito da posse da terra. Desse documento consta tudo o que os israelitas conquistaram.

Isso é importante porque está de acordo com os livros de Êxodo e Deuteronômio, em que lemos o que Deus havia dito, muitos anos antes, isto

é, que ele daria a terra a Israel, e esse registro foi feito com detalhes geográficos. Josué 11 mostra Deus cumprindo o que havia prometido. Pode não fazer muito sentido para nós, mas faz muito sentido à luz da revelação bíblica. O Senhor deu ao povo toda a Terra Prometida, e não faltou nenhum pedaço; é como se fosse a escritura da terra.

Isso é importante para deixar claro que Deus cumpre as suas promessas. Tudo o que ele promete, em detalhes, ele haverá de fazer, e podemos confiar nele e nas muitas promessas que ele nos fez e pelas quais devemos viver.

Deus endurece o coração dos ímpios

A causa pela qual os moradores daquela terra preferiram ser destruídos na guerra a fazer paz com Israel é que Deus endureceu o coração deles. Deus os queria punir e destruir. No relato a respeito dos gibeonitas, vimos como o povo heveu de Gibeão temeu a destruição quando viu o povo de Israel se aproximando. Eles decidiram fazer paz com Israel, tornaram-se amigos e aliados, e não foram destruídos. Os gibeonitas ouviram falar do Deus de Israel e resolveram fazer parte desse povo.

Cabe então perguntar por que os outros povos não fizeram a mesma coisa ao ver que nada resistia diante dos judeus. Por que não fizeram um tratado de paz para salvar a própria vida (pois, como diz Eclesiastes 9.4, "... melhor é o cão vivo do que o leão morto")? A resposta é que Deus endureceu o coração deles, conforme está escrito no versículo 20: "Porque do SENHOR veio o endurecimento do coração para saírem à guerra contra Israel, a fim de que fossem destruídos totalmente, sem achar misericórdia alguma, e fossem exterminados, como o SENHOR havia ordenado a Moisés". Deus queria destruir aqueles povos, razão pela qual lhes endureceu o coração.

Lições extraídas dos temas centrais para hoje

Partindo desses quatro temas, quero destacar duas lições específicas que têm tudo a ver conosco nos dias de hoje.

Deus age no mundo

O nosso Deus está agindo na história, e todo esse registro diz respeito a ele e a suas ações no mundo. Ele age para cumprir a sua palavra. Em todo o relato de Josué, vemos Deus intervindo na realidade humana para dar cumprimento a um plano que ele havia traçado, na eternidade, antes da fundação do mundo. Parte desse plano incluía escolher um povo oriental e lhe fazer promessas, incluindo um reino, uma terra e um descendente, através de quem seriam benditas todas as nações da terra.

Deus agiu em cumprimento de seu plano redentor, do qual a conquista da terra fazia parte, porque seria ali que, mais tarde, ele haveria de revelar completamente a sua vontade e estabelecer o seu sacerdócio, onde o templo haveria de ficar e de onde viria Jesus Cristo, seu Filho. Deus estava, então, atuando no mundo para realizar o plano que havia concebido. Ele fez promessas ao seu povo e agiu para cumpri-las.

O que isso tem a ver comigo hoje? Eu, como cristão, sei que a história tem começo, meio e fim. Para muitos hoje (e você vai ouvir isso de professores de história, de acadêmicos, na mídia etc.), a história não tem um sentido e é apenas uma sucessão de fatos que estão ligados entre si por questões sociais (marxismo), questões dialéticas (Hegel) ou por uma série de acontecimentos completamente caóticos (existencialismo). As pessoas acham que os acontecimentos não têm sentido; elas pegam o jornal (ou o celular), leem o que está acontecendo e dizem que o mundo está indo não se sabe para onde.

Para o cristão, no entanto, não é assim. Eu sei para onde o mundo está indo. Eu sei de onde ele veio, o que está acontecendo agora e para onde o mundo vai, pois há um Deus que controla a história. Esse Deus está ocupado agora em reunir os seus, chamando de todas as línguas, povos, raças e nações um povo que ele amou desde antes da fundação do mundo. A política, a economia e a movimentação das nações e dos países têm a ver com a ação de

Deus por um propósito específico, que nos é misterioso e imperceptível a olho nu.

Eu, pela fé, no entanto, sei que Deus continua agindo no mundo. Nem sempre de forma sobrenatural, mas, pelas providências e circunstâncias, ele está preparando um povo para si, que chamamos de “a sua igreja”. Ele está realizando o seu propósito, também, ao punir os ímpios e castigar os desobedientes. Sabemos, por fim, que a igreja é um dos centros da história, e essa história se encaminha para o dia final, o dia do juízo, quando Deus vai trazer à luz todo pecado e recompensar o seu povo. É o dia que aguardamos, dizendo: “Maranata, vem Senhor Jesus”.

O cristão tem, portanto, uma visão da história. Ele não é alguém perdido neste mundo, sem saber o que faz aqui, pois sabe que sua vida, de alguma forma, se encaixa nesse grande plano preparado por Deus desde antes da fundação do mundo.

Deus endurece a quem deseja castigar

O texto em análise deixa bem claro: veio de Deus o endurecimento do coração daqueles homens. Quando comparamos essa passagem a outras, o quadro que temos é que Deus endurece a quem ele deseja castigar, para essa pessoa se tornar ainda mais merecedora de castigo, e existem alguns exemplos disso na Bíblia. Em Êxodo, Deus apareceu a Moisés e lhe disse: “Quando voltares ao Egito, tem o cuidado de fazer diante do faraó todas as maravilhas que tenho posto na tua mão. Mas eu lhe endurecerei o coração, e ele não deixará o povo ir” (Êx 4.21).

Como é que Deus ordena a Moisés operar milagres para que o faraó se convença de sua existência e liberte o seu povo, mas, ao mesmo tempo, declara que endurecerá o coração dele para que ele não deixe o povo ir? Por que Deus fez isso? Porque ele queria castigar o Egito. Deus queria punir o Egito por toda a sua idolatria, violência, sede de poder e arrogância.

Deus, então, apresenta evidências de que ele existe, mas cega o ímpio para que este não veja. Como resultado, o ímpio torna-se ainda mais responsável, porque a verdade foi colocada diante dele, e o castigo é ainda mais duro. O Senhor endureceu o coração do faraó porque queria castigá-lo por todos os pecados cometidos. Deus não cegou um inocente, mas endureceu ainda mais o coração de quem já estava endurecido. Ele endurece o coração do

desobediente que já viu a verdade, mas, na sua dureza e impiedade, se recusou a obedecer. O endurecimento do coração, então, já é o começo do castigo, que continua no inferno.

Em Deuteronômio 2.30, quando o povo estava chegando ao mar Vermelho, a palavra de Deus diz: “Mas Siom, rei de Hesbom, não quis nos deixar passar por sua terra, porque o SENHOR teu Deus tornou seu espírito teimoso e lhe endureceu o coração, para entregá-lo nas tuas mãos, como hoje se vê”. Depois disso, Israel teve de guerrear contra aquele rei. O Senhor endureceu o coração de Siom para que ele não deixasse o povo passar, para que houvesse guerra e para que o povo de Hesbom fosse destruído.

Outra história bastante conhecida é a dos filhos de Eli, sacerdote em Israel. Eram moços ímpios, que se prostituíam com as mulheres no Templo e roubavam os sacrifícios e alimentos que ali eram oferecidos. O pai deles, que nunca os havia repreendido, lhes disse certo dia: “Por que fazeis isso? Tenho ouvido de todo este povo sobre o vosso mau procedimento. Não, meus filhos, os comentários que ouço se espalhando entre o povo do SENHOR não são bons. Se um homem pecar contra outro, Deus o julgará; mas se pecar contra o SENHOR, quem intercederá por ele? Mas eles não ouviram a voz do pai, pois o SENHOR queria matá-los” (1Sm 2.23-25).

Deus queria matar aqueles sacerdotes, motivo por que endureceu o coração deles, para que não ouvissem a voz de Eli. Esse foi o início do processo de castigo, porque eles já vinham desobedecendo. Eles ouviam, ouviam e ouviam, mas não queriam se converter, e Deus endureceu ainda mais o coração deles.

Outra passagem que trata do assunto encontra-se em 2Crônicas 10, e que trata da história do rei Roboão, filho de Salomão. Quando este morreu e Roboão tomou posse do trono, os israelitas foram até ele reclamar dos tributos muito pesados cobrados pelo antigo monarca e lhe pediram que os aliviasse. Roboão então consultou os sábios, que disseram: “Se fores bondoso para com este povo, lhe agradares e lhe disseres boas palavras, então eles serão teus servos para sempre” (2Cr 10.7). Ele então consultou os jovens, e estes lhe disseram para não atender o povo, aconselhando-o a dizer: “O meu dedo mínimo é mais grosso que a cintura de meu pai. Assim, se meu pai vos impôs jugo pesado, eu aumentarei ainda mais o vosso jugo; meu pai vos castigou com açoites; porém eu vos castigarei com escorpiões” (2Cr 10.10,11). Roboão escolheu a segunda resposta para dar ao povo. A Bíblia, no entanto, diz que isso veio do endurecimento do coração por parte de Deus:

“O rei não deu ouvidos ao povo porque esta mudança vinha do SENHOR...” (1Rs 12.15). O resultado foi que o reino se dividiu em dois.

Vale ainda lembrar Isaías 6, quando Deus ordena: “Vai e diz a este povo: Ouvindo, ouvireis, e nunca entendereis; e, vendo, vereis, e jamais perceberéis. Torna o coração deste povo insensível; que os seus ouvidos fiquem surdos, e os seus olhos, cegos, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, nem entenda com o coração, e não se converta nem seja curado” (v. 9, 10). Isaías partiu para sua missão sabendo que no final do ano, no seu relatório, não haveria nenhum convertido. Deus endureceu o coração do povo de Israel para que não ouvisse a mensagem pregada por Isaías, pois Deus queria trazer juízo à nação.

Em Romanos 9.18, Paulo diz: “Portanto, ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer”. Entretanto, Deus geralmente endurece quem já começou por si um processo de endurecimento.

Conclusão e aplicações

“Onde está Deus?” Essa é a pergunta que ecoa em muitos corações pelo mundo afora e talvez até no seu. O Senhor está agindo na história, ao nosso redor, e você, como cristão, deveria perceber a ação dele no mundo e na vida de pessoas, pela fé. Deus age na transformação e conversão de pessoas, no castigo dos ímpios e na providência diária. Ele não está morto, nem cego, nem mudo, nem surdo, mas está ao nosso redor, e isso é algo que você não deveria ignorar.

Ele é o Deus que intervém, que ouve orações e que guia a nossa vida. Talvez você se inquiete querendo saber qual o plano de Deus para sua vida. Eu não tenho a resposta, assim como não saberia lhe dizer com quem você se casará ou qual será sua profissão. Entretanto, posso afirmar com toda a certeza que o plano de Deus para você se encaixa nesse plano geral que ele tem para o mundo, no qual vai salvando e santificando o seu povo e punindo os ímpios.

Quero ainda acrescentar: espero que o que foi dito sobre endurecimento fale profundamente ao seu coração. Esse é um princípio bíblico. A Escritura está cheia de exortações como esta: “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar” (Is 55.6). Em certo sentido (e não quero ser mal compreendido aqui), a paciência e a espera de Deus têm limites. Se você vem consistentemente resistindo ao Espírito Santo, dizendo não a Deus, endurecendo o seu coração, adiando o momento do arrependimento e de mudança de vida e deixando para depois fazer o certo, pode ser que chegue o momento em que você diga: “Agora está na hora de me converter”, e o seu coração não queira mais.

Você não pode se converter e mudar na hora que quiser. O nosso coração é corrompido e marcado pelo pecado, e temos de aproveitar as oportunidades que Deus nos dá, como a graça de podermos ler sua Palavra. Você não pode adiar a decisão, pois não tem domínio sobre o seu coração. Quando Deus, em sua misericórdia, chegar perto de você, aproveite a oportunidade. Agora é o momento da salvação e de ouvir a voz de Deus, pois o que pode vir amanhã é mais endurecimento vindo dele. A partir daí, sabe quando você vai se arrepender? Nunca mais. A hora é agora, quando Deus está próximo e fala ao seu coração.

DÁ-ME ESTE MONTE

Josué 14.6-15

Estamos chegando ao final dessa série de estudos no livro de Josué. Como dissemos no início, não era nosso objetivo examinar todos os capítulos do livro, versículo a versículo. A partir daqui, trataremos de apenas mais dois episódios emblemáticos e relevantes para entender a mensagem geral do livro. Neste capítulo, veremos o famoso episódio em que Calebe, veterano das guerras da conquista, pede e recebe de Josué a região do monte Hebrom.

Josué dá Hebrom como herança a Calebe

Josué 14.6-15 narra o episódio em que Calebe se aproxima de Josué e lhe pede o monte que Moisés lhe havia prometido, o Hebrom:

Então os filhos de Judá chegaram a Josué em Gilgal; e Calebe, filho de Jefoné, o quenezeu, disse-lhe: Tu sabes o que o SENHOR falou a Moisés, homem de Deus, em Cades-Barneia, a respeito de mim e de ti. Eu tinha quarenta anos quando Moisés, servo do SENHOR, me enviou de Cades-Barneia para espionar a terra, e eu lhe trouxe um relatório totalmente sincero. Meus irmãos que subiram comigo fizeram derreter o coração do povo de medo, mas eu perseverei em seguir o SENHOR, meu Deus. Naquele dia Moisés jurou, dizendo: Certamente a terra em que o teu pé pisou te será herança para ti e para teus filhos para sempre, porque perseveraste em seguir o SENHOR, meu Deus. E agora, como prometeu, o SENHOR conservou-me em vida estes quarenta e cinco anos, e isso desde o tempo em que o SENHOR falou esta palavra a Moisés, quando Israel ainda andava no deserto; e hoje já tenho oitenta e cinco anos. Ainda hoje estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; a minha força então era como é agora, tanto para guerrear como para trabalhar. Dá-me agora este monte de que o SENHOR falou naquele dia; porque tu ouviste, naquele dia, que lá estavam os anaqueus, bem como cidades grandes e fortificadas. Como o SENHOR está comigo, eu os expulsarei, como ele prometeu. Então Josué abençoou Calebe, filho de Jefoné, e deu-lhe Hebrom como herança. Assim Hebrom ficou sendo herança de Calebe, filho de Jefoné, o quenezeu, até o dia de hoje, porquanto perseverara em seguir o SENHOR, Deus de Israel. O nome de Hebrom era anteriormente Quiriate-Arba, porque Arba era o maior homem entre os anaqueus. E a terra descansou da guerra.

Deus fez muitas grandiosas promessas a Israel, e essa é uma das características do seu relacionamento com seu povo. Ele se dá a nós através de promessas. A promessa é um anúncio de que alguma coisa será cumprida, e quem promete dá provas ou apresenta garantias de cumprir o que prometeu.

Deus, em sua misericórdia, entrou em aliança com criaturas pecadoras

como nós, e nos fez promessas, oferecendo a si mesmo como garantia de que as cumpriria. Essas promessas divinas estão registradas na Bíblia, que traz o registro de como Deus entrou em aliança com o povo que ele amou e escolheu, e parte dessa aliança são as promessas feitas por ele e que são o reflexo do seu grande amor por esse povo.

Fico imaginando como Deus, criador dos céus e da terra, em sua imensidão e em seu poder (a Bíblia se refere a ele como infinito e sem limites), desce dos céus para fazer uma aliança com simples seres humanos como nós. Ele entra na nossa realidade e nos faz promessas, e essas promessas estão registradas na sua Palavra escrita, a Bíblia.

Por outro lado, a Bíblia também revela que o povo de Deus deve buscá-lo e pedir a ele que cumpra com o prometido. Eis algo curioso: as promessas que o Senhor nos fez são colocadas no contexto do nosso relacionamento com ele. Ou seja, Deus não prometeu simplesmente de forma unilateral. Ele vai nos abençoar, mas precisamos buscá-lo para ser abençoados. Deus oferece tudo o que tem e é, mas pede que nos acheguemos a ele; ou seja, trata-se, de fato, de um relacionamento.

O texto de Josué 14.6-15 é um bom exemplo. Calebe pede a Josué um monte que havia sido prometido por Deus através de Moisés quarenta e cinco anos antes. Durante todo esse tempo, Calebe aguardou e, finalmente, chegou o momento de ele se dirigir a Josué e dizer: “Dá-me agora este monte de que o SENHOR [prometeu] naquele dia”. Podemos ver com clareza esse relacionamento: uma promessa foi feita a Calebe, ele esperou pacientemente e, quarenta e cinco anos depois, vendo que havia chegado o momento, ele se aproximou de Josué e pediu-lhe o monte. Josué, então, manda Calebe reunir sua tribo (Judá), e eles então saem à conquista do monte. Deus prometeu, Calebe reivindicou e Josué deu, mas Calebe precisou ir até lá para desapossar os anaqueus daquele monte e tomar posse da promessa.

Creio que essa passagem é uma boa ilustração de como funciona a vida cristã. Lembre-se de que estamos estudando o livro de Josué para tirar dele princípios práticos para a nossa vida como cristãos, para o nosso relacionamento com Deus e de uns com os outros. Vamos, então, entender o texto em profundidade a fim de extrairmos dele as lições que nos traz.

As guerras de Canaã já haviam terminado, conforme vimos no capítulo 11, que registra a conquista da área central da Palestina, o que fez de Israel o poder dominante naquela região. Se você quiser conhecer mais detalhes, o capítulo 12 do livro de Josué apresenta a relação dos reis derrotados por

Israel. É uma lista extensa que começa com Siom (v. 2) até o rei de Tirza (v. 24). No capítulo 13, revela-se que ainda havia terras a serem conquistadas, e que isso era trabalho para as tribos. As doze tribos unificadas sob a liderança de Josué quebraram a espinha dorsal dos cananeus e venceram a guerra. Com o fim dos combates, Josué distribuiria aquelas terras entre as tribos, ordenando-lhes tomar posse delas e vencendo os últimos focos de resistência. A guerra nacional havia acabado, Deus cumprira sua promessa e o que restava agora eram poucos focos de resistência (em Josué 13.1-13 estão as instruções dadas por Deus a Josué a respeito desses pequenos povos).

Eis então o momento de repartir as terras entre as tribos, e Rúben, Gade e Manassés recebem as terras daquém do Jordão antecipadamente, pois já haviam feito esse pedido a Josué. Essas três tribos preferiram as terras desse lado do Jordão, pois nelas possuíam muito gado, e essas terras eram mais apropriadas para a criação dos animais. Josué lhes prometeu as terras, desde que fossem com as outras tribos para Canaã, a fim de lutar e garantir a vitória. No momento em que as terras seriam sorteadas, Calebe diz algo do tipo a Josué: “Posso falar? Bem, antes de começar o sorteio, tenho de dizer que uma terra dentre essas é minha. Há uma promessa que me foi feita, e antes de você distribuir essas terras eu queria que você se lembrasse dessa promessa”. Calebe e a tribo de Judá, então, reivindicam Hebrom, que fora prometido a eles por Moisés (Js 14.6-12).

Calebe não queria correr o risco de, no loteamento da terra, perder o que lhe havia sido prometido. Por isso ele toma a iniciativa e faz Josué se lembrar da promessa feita a ele e ao próprio Josué pela fidelidade deles como espias. (Você pode conferir essa história em Números 13 e 14.) Deus havia enviado doze espias a Canaã para reunir informações sobre aqueles povos. Dos doze espias, um de cada tribo, todos passaram um tempo na terra, analisaram, investigaram e colheram informações, e depois voltaram a Moisés com um relatório completo da terra.

Dez espias disseram que todos morreriam. Era muita gente armada, e todos já estavam sabendo que os israelitas estavam nas redondezas, sem contar o fato de que havia os “nefilins” ou “anaqueus” (ARA), homens muito altos que faziam os israelitas parecerem “gafanhotos” (essa foi a expressão usada por eles). A conclusão a que chegaram era que Israel não conquistaria a terra. Dois espias, no entanto, disseram que os cananeus eram mais preparados e maiores, mas que Deus daria a vitória ao seu povo. Esses dois que procuravam animar os israelitas eram justamente Josué e Calebe. Deus

então irou-se contra os espias, e por meio de Moisés mandou dizer que nenhum daqueles homens entraria na terra, com exceção de Josué e Calebe.

Naquele momento, Moisés, guiado por Deus, diz a Calebe: “Mas o meu servo Calebe, eu o levarei para a terra em que entrou, e a sua posteridade a possuirá, porque teve outro espírito e perseverou em seguir-me”. Essa promessa dizia respeito à região de Hebrom, que na época se chamava Quiriate-Arba (Arba era o pai dos anaqueus, que eram gigantes) e era exatamente onde Calebe havia pisado.

Com o fim da guerra, e no momento do loteamento de terras, Calebe reivindicou essa terra, lembrou Josué do momento da promessa e se declarou apto a receber a porção que lhe cabia. Nos versículos 10 e 11, ele declara: “... o SENHOR conservou-me em vida estes quarenta e cinco anos, e isso desde o tempo em que o SENHOR falou esta palavra a Moisés, quando Israel ainda andava no deserto; e hoje já tenho oitenta e cinco anos. Ainda hoje estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; a minha força então era como é agora, tanto para guerrear como para trabalhar”.

Calebe chega a Josué então e lhe diz (v. 12): “Dá-me agora este monte de que o SENHOR falou naquele dia; porque tu ouviste, naquele dia, que lá estavam os anaqueus, bem como cidades grandes e fortificadas. Como o SENHOR está comigo, eu os expulsarei, como ele prometeu”. Ele demonstra confiança de que Deus vai ajudá-lo.

A essa altura, Hebrom (na verdade Quiriate-Arba) já havia sido tomado por Josué, mas era o último reduto dos anaqueus. Eles estavam entrincheirados naquela terra que havia sido dada a Calebe. Josué, então, lhe dá o monte, o abençoa na presença de todo o povo e provavelmente ora por ele (v. 14,15): “Assim Hebrom ficou sendo herança de Calebe, filho de Jefoné, o quenezeu, até o dia de hoje, porquanto perseverara em seguir o SENHOR, Deus de Israel. O nome de Hebrom era anteriormente Quiriate-Arba, porque Arba era o maior homem entre os anaqueus. E a terra descansou da guerra”. Restava apenas que Calebe tomasse Hebrom, conforme a promessa.

Lições para hoje

Esse é o relato. Vejamos agora o que podemos aprender desse texto como cristãos, lembrando que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensino, repreensão, correção e educação na justiça, para servirmos ao Senhor neste mundo (leia 2Tm 3.16,17). Eis algumas lições que podemos extrair do texto:

Deus tem feito muitas e preciosas promessas aos que perseveram em segui-lo

Da mesma forma que prometeu a Calebe aquele monte, Deus promete também aos seus filhos muitas bênçãos neste mundo e no vindouro. São muito grandes e preciosas as promessas dele para hoje: ele promete nos abençoar, nos perdoar e seguir conosco. Além disso, mais que um monte, ele nos promete o mundo vindouro. Seu povo haverá de herdar os novos céus e a nova terra, a imortalidade, a glorificação e a perfeição absoluta. Todas as promessas foram registradas na Bíblia, como, por exemplo, em 2Pedro 1.3,4:

Seu divino poder nos tem dado tudo que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e virtude, pelas quais ele nos deu suas preciosas e mais sublimes promessas para que, por meio delas, vos torneis participantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que há no mundo por causa da cobiça.

Que tal essa promessa de que seremos coparticipantes da natureza divina, experimentando a santidade, a perfeição e a imortalidade que pertencem somente a Deus?

Em 2Pedro 3.13, o apóstolo afirma: “Nós, porém, segundo sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”. O relacionamento de Deus conosco é baseado em promessas: Deus prometeu, e nós confiamos nele, e tomamos essas promessas como a base da nossa vida. Ele prometeu, é fiel e irá cumprir; portanto, podemos dizer: “Dá-me agora este monte”. Todas as promessas de Deus estão assim registradas na Bíblia.

Todas as promessas de Deus são eficazes para nós mediante Jesus Cristo

Se Deus se relacionasse de maneira direta conosco, só teria uma coisa a fazer: nos destruir completamente. Ele é santo, justo e verdadeiro, e somos o oposto, isto é, rebeldes no coração, inclinados a todo mal e marcados pelo pecado. A única reação do caráter desse Deus santo é a punição do ímpio.

Como ele pode fazer promessas a quem a sua justiça determina condenar? Como é que ele pode, em vez de nos castigar, relacionar-se conosco e nos prometer tantas coisas maravilhosas? A resposta é que ele faz isso através da mediação de Jesus Cristo. É importantíssimo nos lembrarmos disso. Deus é santo e todo-poderoso, odeia o pecado, e sua justiça exige castigar o pecador; no entanto, por meio de Cristo, ele pode se relacionar com criaturas pecaminosas como nós.

Calebe e todos os santos do Antigo Testamento se relacionaram com Deus exatamente da mesma forma, pois a mediação do Messias estava figurada e tipificada naqueles sacrifícios de animais. Quando o crente do Antigo Testamento se aproximava de Deus para adorá-lo no Templo ou no Tabernáculo, e então trazia aquele cordeirinho que era sacrificado no altar, era a morte daquele animal que lhe garantia se aproximar de Deus, pedindo-lhe perdão e suplicando-lhe as suas bênçãos e o cumprimento das suas promessas. Aquele animal sacrificado apontava para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jesus Cristo (Jo 1.29).

As promessas de Deus para conosco, então, são baseadas nos méritos de Jesus, e só podem ser feitas porque Cristo pagou a penalidade do nosso pecado. É por isso que Paulo, em 2Coríntios 1.20, diz: “Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele [em Cristo] está o sim. Portanto, também é por meio dele que o amém é dado para a glória de Deus por nosso intermédio”. Ou seja, Deus só pode dizer sim a nós por causa de Jesus Cristo. Se não fosse ele, a resposta divina sempre seria não. Todas as promessas de Deus são “sim” para nós, mediante Jesus Cristo, porque também através dele é dado o “amém” para a glória de Deus.

Todas as promessas são eficazes para nós por causa de Cristo. Portanto, quando você receber alguma promessa, não se glorie, dizendo assim: “Deus me abençoou e me deu seu ‘sim’, porque eu mereço e porque sou alguém”, pois não é por sua causa nem pela minha que ele nos abençoa, mas por causa

do nosso mediador Jesus Cristo, por meio de quem temos o “sim” de todas as promessas de Deus.

Isso, sem dúvida, nos encoraja, porque, se o cumprimento das promessas dependesse de nós, ficaríamos hesitantes de chegar diante de Deus, mas, por causa dessa mediação de Cristo, todas as promessas de Deus terminam com “amém” para nós. É só por causa do nosso Salvador Jesus Cristo que podemos nos acercar a ele.

Deus deseja que o busquemos para alcançar as promessas garantidas em Cristo

Calebe esperou quarenta e cinco anos desde que Moisés disse que lhe daria o monte Quiriate-Arba. Ele lutou as guerras de Canaã, saiu à batalha e foi um homem valoroso, e agora, com 85 anos, ele garantiu que ainda tinha o mesmo vigor de quarenta anos atrás. Era certamente um velhinho bem conservado; estava pronto para a briga e foi atrás do que lhe havia sido prometido.

Devemos buscar as nossas promessas exatamente como fez Calebe. Deus nos prometeu tantas coisas, mas como podemos buscá-las? Primeiramente, com fé e ousadia: “Dê-me este monte! O Senhor prometeu! Humildemente venho, então, pedir: dê-me esse monte!”. Segundo: devemos estar desejosos de receber, porque tem gente que pede, mas não quer de fato. Há quem se acerca a Deus e diz: “Ó Deus, eu gostaria muito que o Senhor mudasse o coração do meu marido para que eu pudesse ter um relacionamento melhor com ele”, mas, no fundo do coração, quer continuar brigando. Às vezes alguém pode dizer: “Senhor, converte o meu vizinho”, mas a prova de que essa pessoa não quer o que pede é o fato de ela nunca dar ao outro nem ao menos um folheto evangelístico.

Calebe, de fato, queria o monte. Ele sabia que deveria ir até lá e arrancá-lo dos anaqueus, mas mesmo assim foi atrás da promessa. A nossa vida é marcada por orações sem sentido, em que pedimos coisas que não queremos. Prova disso é que não estamos dispostos a fazer nada. Você pode dizer: “Senhor, melhore o meu casamento”, mas até que ponto você está pronto a fazer o que é necessário para o casamento melhorar?

Aprendemos com Calebe também que precisamos buscar essas promessas com humildade e respeito. Calebe não está demandando a promessa que lhe foi feita, mas está respeitosamente lembrando a Josué que havia uma

promessa e pedindo que se cumprisse o que foi prometido.

É muito diferente do que é ensinado em alguns círculos evangélicos, de que devemos determinar e decretar que Deus nos restitua o que é nosso. Você já deve ter ouvido falar disso; existem até campanhas em algumas igrejas do tipo “quarta-feira da restituição”. Não vá a um culto desses, porque a ideia é que Deus restitua aquilo que você tem o direito de ter, e tudo o que temos por direito é a ira de Deus e a condenação pelos nossos pecados. O que podemos pedir a Deus é que ele cumpra as suas promessas graciosas para conosco, e isso Calebe faz de forma humilde e respeitosa. Ele como que argumenta: “Isso me foi dado há quarenta e cinco anos, e ainda estou pronto a receber essa promessa”.

Deixe-me dar alguns exemplos de promessas e o nosso dever de buscá-las de todo o coração, a fim de entendermos, na prática, o que isso significa. Deus prometeu, por exemplo, nos dar o Espírito Santo, e essa promessa está em diversas passagens da Bíblia. No entanto, Deus também diz: “enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18). Por um lado, ele diz que dará o seu Espírito a seu povo, mas, por outro, pede que o seu povo o busque e lhe peça a plenitude do Espírito Santo.

Deus promete também santificar o seu povo, no entanto a mesma Bíblia diz que devemos buscar a santidade e pedir a ele que nos santifique. Deus promete dar paz ao nosso coração, mas também pede que busquemos essa paz nele. Deus promete em muitas passagens da Bíblia nos dar o sustento (ele não promete o luxo, e sim o sustento), mas ao mesmo tempo nos ensina a orar pelo “pão nosso de cada dia” (Mt 6.11). Ele nos manda não só orar por esse pão, mas também buscá-lo através do trabalho.

Deus promete também perdão, e a Bíblia está cheia de promessas do tipo, mas a mesma Bíblia também diz que devemos tratar com Deus a respeito dos nossos pecados, e mesmo que eles sejam vermelhos como a escarlata, se tornarão brancos como a lã. Ele promete perdoar, mas pede que a gente vá até ele para obter o perdão. Ele nos promete também o seu reino, mas nos pede que nos esforcemos para entrar nele. Ele promete abençoar o nosso casamento, e o casamento em si é uma instituição abençoada por Deus (isso está claro em Gênesis), mas ele também pede que o busquemos e lhe peçamos forças para viver feliz no casamento.

Deus promete abençoar os nossos filhos, mas também nos diz que devemos interceder por eles e lhes servir de exemplo. Ele promete nos guiar e orientar, mas também nos pede para buscar sua orientação para todas as áreas

da nossa vida. Ele promete nos dar a sua presença, mas pede que tenhamos comunhão com ele, procurando a sua presença. Ou seja, é assim que funciona no dia a dia: Deus nos fez muitas e preciosas promessas de paz no coração, de bênçãos neste mundo, de uma vida reta diante dele, de nos dar o seu Espírito Santo e o seu fruto, mas precisamos pedir para esse mesmo Deus: “Dá-me este monte”.

Deus nos ajuda a receber aquilo que ele mesmo prometeu

Este é um ponto de muito interesse para nós, pecadores: o Deus que nos prometeu todas as coisas mencionadas no tópico anterior é o mesmo que nos ajuda a recebê-las. Veja que Calebe diz em Josué 14.12: “Dá-me agora este monte de que o SENHOR falou naquele dia [...]. Como o SENHOR está comigo, eu os expulsarei, como ele prometeu”. Calebe deseja que Deus esteja com ele para que possa conquistar a promessa feita pelo próprio Deus. Na verdade, o Senhor já o havia ajudado, pois ele reconhece no versículo 10: “como prometeu, o SENHOR conservou-me em vida estes quarenta e cinco anos”. Ele sabia que, se agora havia chegado o momento em que ele poderia tomar posse da sua promessa, foi porque Deus o havia conservado durante todos aqueles anos.

Por causa da nossa fraqueza e da nossa corrupção, Deus envia o seu Espírito Santo para nos ajudar. Paulo diz isso em Romanos 8.26,27: “Do mesmo modo, o Espírito nos socorre na fraqueza, pois não sabemos como devemos orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos que não se expressam com palavras. E aquele que sonda os corações sabe qual é a intenção do Espírito; ele intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus”.

Em poucas palavras: podemos contar com Deus.

Precisamos ter paciência para obter as promessas

O texto diz que Calebe esperou muito tempo sem desistir, na expectativa. Deus nos fez promessas para este mundo e para o vindouro. Neste mundo ele promete sua presença, perdão de pecados, santidade, estar conosco, o pão de cada dia etc., mas ele deseja que nós o busquemos todos os dias, continuamente, para obter dele essas coisas. Suas promessas são a base do nosso relacionamento com ele.

Quando você se ajoelha diante dele para orar, diz: “Senhor, perdoa os meus pecados, porque prometeste que se confessarmos os nossos pecados tu és fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda a injustiça. Não me deixes passar necessidade no meio dessa crise financeira que o Brasil atravessa, porque me prometeste que nunca me desampararias, e também está escrito que o justo não passará fome nem a sua descendência mendigará o pão. Cuida de mim e da minha família! Senhor, dá paz ao meu coração, porque prometeste que o homem que teme a ti será ensinado no caminho que deve escolher. Mostra-me uma direção, pois estou angustiado e diante de uma decisão difícil, mas prometeste que, se eu buscasse, tu me darias uma direção”.

Devemos aprender a nos relacionar com Deus com base em sua Palavra e em suas promessas, dizendo a ele, como fez Calebe: “Dá-me este monte!”. É assim que deve ser a vida cristã, e é assim que devemos nos relacionar com Deus: baseados em sua Palavra e através da mediação de Jesus Cristo. É por essas promessas que viveremos.

Muitas têm sido as notícias a respeito de ataques terroristas por toda parte, especialmente na Europa. Um deles aconteceu na França em 2015 e chocou o mundo. Após a morte de mais de 180 pessoas em uma série de atentados em Paris (que se somam a outros acontecidos em várias partes do mundo), cresceu o medo do terror islâmico. Em 2016 e 2017, não foi diferente. Receamos que essa violência chegue à nossa terra e que alcance tantos países do mundo, a ponto de causar uma nova guerra mundial.

Ficamos aflitos e angustiadados, mas esse é o momento para nos lembrarmos das promessas de Deus de que esta não é a nossa morada final e este mundo está fadado à destruição; ele está sob o castigo de Deus e somos peregrinos aqui. A nossa esperança não está neste mundo, mas, sim, nos novos céus e na nova terra, onde finalmente habitará a justiça. Não há outra forma de consolar o nosso coração.

Conclusão e aplicações

Termino o capítulo com uma palavra aos abatidos e desanimados. Você precisa de perdão? Lembre-se de que, se confessar os seus pecados, ele é fiel e justo para perdoá-lo e purificá-lo de toda a injustiça. Você está precisando de sustento e vem sofrendo com a grande crise? Lembre-se da promessa que está embutida no Pai-Nosso a respeito do pão de cada dia. Você está aflito e angustiado, com medo do futuro? Lembre-se da promessa registrada em Hebreus: Deus jamais nos desampará. Você está lutando contra o pecado? Lembre-se da promessa de que a vontade de Deus é a santificação. Diga: “Senhor, se a tua vontade é a minha santificação, então ajuda-me a vencer o pecado”. Você está confuso, sem saber o que fazer? Lembre-se da promessa de que o homem que teme o Senhor será instruído no caminho que deve escolher. Busque a Deus fervorosamente nas suas promessas. Talvez você precise orar mais, gastar mais tempo diante de Deus, colocar diante dele as suas angústias e fazer esses pedidos.

Dedico uma palavra ainda aos negligentes, isto é, aos que se consideram cristãos, mas não lembram da última vez que chegaram diante de Deus para, com ousadia, lhe dizer: “Dá-me este monte”. Você se lembra da última vez que buscou o Senhor de todo o coração, em fervente oração, suplicando que ele cumprisse suas promessas? Lembre-se de que as promessas de Deus não irão cair prontas do céu. Hebreus 6.11,12 declara: “E desejamos que cada um de vós mostre o mesmo esforço dedicado até o fim, para a completa certeza da esperança, para que não vos torneis indiferentes, mas sejais imitadores dos que herdam as promessas por meio da fé e da paciência”.

Os cristãos recebem as promessas quando oram, lutam com Deus e suplicam. Busque a Deus, portanto, e se disponha no casamento, no sustento financeiro, na doença, na luta contra o pecado etc.

Por último, uma palavra aos que estão lutando contra algum círculo vicioso do pecado: Lembrem-se de que a maior de todas as promessas de Deus é que ele vai andar no nosso meio e estar conosco. Por isso devemos nos purificar de toda impureza, nos aperfeiçoando na santidade e no temor a ele. Esta deve ser a nossa oração: “Deus, se o teu desejo é andar comigo e se a tua presença vai estar entre nós, dá-me a promessa de que eu seja santo e puro de coração, para que possa andar junto a ti”.

Que sejamos como aqueles que, pela paciência e perseverança, herdaram as promessas. Tiago 4.3 diz: “Pedis e não recebeis, porque pedis de modo errado, só para gastardes em vossos prazeres”. Se aprendermos a orar e a pedir com base nas promessas de Deus, podemos descansar, na certeza de que ele cumprirá a sua palavra, pois ele é fiel. Vivamos neste mundo com essa confiança.

O PREÇO DA DESOBEDIÊNCIA

Josué 18.1-3

Este é nosso último estudo no livro de Josué, cuja mensagem central é que Deus é fiel em cumprir suas promessas. Isso é claramente demonstrado com o registro da conquista da Terra Prometida. O livro também mostra, por um lado, que a obediência a Deus, por parte de seu povo, é desejada e requerida por ele, no cumprimento das suas promessas. Por outro lado, vemos que a desobediência, como muito bem ilustrado no episódio do soldado Acã, traz consequências graves sobre todo o povo de Deus.

Após a morte de Josué, o povo de Israel repartido por suas tribos, cada uma em sua possessão, começou a desviar-se mais e mais de Deus, seguindo os deuses das nações pagãs, cujos habitantes permaneceram entre os israelitas na Terra Prometida. A presença dos idólatras em Canaã se deu porque Israel desobedeceu às ordens de Deus de expulsá-los completamente daquela região. Enquanto Josué vivia, essas nações permaneciam subjugadas e dominadas pelos israelitas. A influência de sua religião e de seus costumes sobre o povo de Deus era mínima. Mas não demorou para que a situação se tornasse crítica. A desobediência ao Senhor traz consequências não somente sobre nós, mas também sobre as gerações que virão depois da nossa. É esse o tema do capítulo final deste livro.

O Tabernáculo é erguido em Siló

Os três versículos dessa passagem referem-se à situação de Israel cerca de sete ou oito anos depois que a conquista da terra havia sido iniciada e completada, e ainda havia trabalho a ser feito. Josué então reúne o povo de Israel em Siló, que havia sempre sido um santuário do povo de Deus, e começa a discursar. Diz o texto:

Depois de conquistar a terra, toda a comunidade dos israelitas reuniu-se em Siló e ali armou a tenda da revelação. E dentre os israelitas restavam sete tribos que ainda não haviam repartido a sua herança. E Josué disse aos israelitas: Até quando demorareis para tomardes posse da terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos deu?

Note que no versículo 1 está dito que a terra havia sido conquistada pelos israelitas; eles eram, portanto, a força dominante naquela região. Eles haviam tomado as principais cidades e controlavam agora a comunicação, as estradas, o comércio, as fronteiras e a força militar predominante.

Havia, no entanto, algumas partes da terra com focos de resistência, e esse seria agora o trabalho das tribos em particular, porque, se o primeiro esforço de conquista da terra fora feito pelas doze tribos unidas, agora, como a terra havia sido dividida entre as tribos, cada uma deveria ocupar plenamente o seu território. Josué estava se queixando, pois o povo estava custando a fazer o que devia, isto é, continuar a guerra e tomar os bolsões de resistência ainda ocupados pelos povos daquela terra.

O livro de Josué, como temos acompanhado, relata como Deus deu a terra de Canaã aos descendentes de Abraão sob a liderança de Josué. Os israelitas entraram na terra atravessando o Jordão e se instalaram na fronteira da terra. Conforme os capítulos 6 a 9 de Josué, eles iniciaram uma campanha central, entrando no meio da terra e conquistando duas importantes cidades: Jericó e Ai.

Depois disso, os israelitas se dirigiram ao sul da terra e tomaram as cidades de uma confederação de reis que se encontrava naquela região (capítulo 10). Dali, deslocaram-se para o norte, onde enfrentam outra poderosa confederação de reis cananeus, mais forte ainda do que aquela do

sul, e Deus lhes deu a vitória mais uma vez (capítulo 11). (A lista completa dos reis derrotados se encontra no capítulo 12.)

Em tudo, a mão de Deus havia sido com seu povo. A nação de Israel era menor numericamente, menos preparada militarmente e sem equipamentos de guerra. Além disso, havia passado quarenta anos no deserto e seu exército era composto por uma geração de soldados que nunca entrara em batalha, mas a mão de Deus foi com o seu povo e lhe deu a vitória. Deus realizou sinais e prodígios contra os inimigos; guiou pessoalmente Josué e lhe deu as instruções e estratégias da conquista; ele mesmo pelejou pelo seu povo, e com isso cumpriu as promessas que fizera a Isaque e Jacó de que aos seus filhos daria aquela terra.

Os estudiosos calculam que todos esses acontecimentos se deram em torno de oito anos, período em que os israelitas destruíram o poder militar dos cananeus. Veja, por exemplo, Josué 10.40-43:

Assim Josué derrotou toda aquela terra, a região montanhosa, o Neguebe, a baixada e as encostas das montanhas e todos os seus reis. Ele não deixou uma pessoa sequer; mas tudo o que tinha fôlego destruiu totalmente, como ordenara o SENHOR, o Deus de Israel. Assim Josué os derrotou desde Cades-Barneia até Gaza, como também toda a terra de Gósen, até Gibeão. E de uma só vez Josué capturou todos esses reis e tomou-lhes as terras, porque o SENHOR, o Deus de Israel, batalhava por Israel. Então Josué, e todo o Israel com ele, voltou ao acampamento em Gilgal.

Veja também o que está escrito em Josué 11.23:

Assim Josué tomou toda esta terra, conforme tudo o que o SENHOR tinha dito a Moisés, e deu-a como herança a Israel, dividindo-a segundo as suas tribos; e a terra descansou da guerra.

O livro de Josué considera cumpridas todas as promessas relacionadas à posse da Terra Prometida que Deus havia feito à nação. Josué 21.43,45 diz:

Dessa maneira o SENHOR deu a Israel toda a terra que, com juramento, prometera dar a seus pais; e eles a possuíram e nela habitaram. [...] Nenhuma palavra falhou de todas as boas coisas que o SENHOR prometera à casa de Israel! Tudo se cumpriu!

Josué 23.1,14 registra:

Muito tempo depois, o SENHOR havia concedido a Israel descanso de todos os seus inimigos em redor, e Josué já estava velho, de idade muito avançada. [...] Hoje vou pelo caminho que toda a terra vai; e sabeis no coração e na alma que não falhou uma só palavra de todas as boas coisas que o SENHOR, vosso Deus, falou a vosso respeito; nenhuma delas falhou, mas todas se cumpriram.

A partir do cumprimento das promessas, então, temos o relato da repartição das terras entre as tribos (Josué 14—21). Creio ser importante enfatizar tudo isso porque alguns irmãos, quando se fala da nação de Israel e do futuro reino de Cristo, dizem que Deus ainda não cumpriu as promessas de dar a terra ao povo israelita e que ele um dia voltará a conquistar todas aquelas nações da terra da Palestina. Não é essa a visão apresentada no livro de Josué; ele garante que Deus já cumpriu suas promessas e não deve mais nada à nação de Israel. Ele prometeu a terra e a deu; prometeu um descendente que seria o Salvador do mundo e já o enviou (Jesus Cristo); e prometeu que esse mensageiro seria o Rei do universo, e isso já foi cumprido.

Ou seja, não há mais nenhuma promessa de Deus à nação de Israel em aberto; tudo se cumpriu. O povo de Deus hoje é formado por aqueles que, de todas as nações, tribos, raças e idiomas, professam Jesus, filho de Abraão, de Davi e de Deus, como seu único Senhor e Salvador. Deus não tem dois povos; ele já cumpriu tudo o que havia prometido à nação de Israel, e o seu povo hoje é a sua igreja, que não está situada geograficamente em nenhum lugar. Não há mais distinção entre judeus e não judeus, pois somos todos filhos de Deus em Cristo.

No entanto, voltando ao livro de Josué, encontramos a surpreendente declaração de que os israelitas não ocuparam plenamente a terra. Israel não tomou posse daquilo que Deus lhe deu com a campanha nacional. No capítulo 13, logo depois da relação dos reis derrotados, está dito: “Josué já estava velho e avançado em idade, quando o SENHOR lhe disse: Já estás velho e avançado em idade, e ainda há muitíssima terra para conquistar”, e a partir daí há uma relação de todas as terras não conquistadas pelos israelitas.

Recapitulando: as doze tribos entraram na terra como um grande exército, tomaram o centro, o sul e o norte e dominaram toda a região. No entanto, ainda havia muitos focos de resistência, e Josué deu às tribos,

individualmente, o trabalho de conquistá-los. Eles já eram o poder dominante na terra, e agora tinham de terminar a conquista. No entanto, o povo não foi, e chegamos ao capítulo 18 com a reclamação de Josué sobre a negligência deles. Ele lembrou aos israelitas que deveriam conquistar os povos e os extinguir da face da terra, para possuí-la completamente.

Josué 15.63 diz:

Os filhos de Judá, porém, não puderam expulsar os jebuseus que viviam em Jerusalém; assim os jebuseus ficaram vivendo com os filhos de Judá em Jerusalém, até o dia de hoje.

Josué 16.10 diz a respeito de Efraim:

Os efraimitas não expulsaram os cananeus que habitavam em Gezer; mas os cananeus ficaram vivendo no meio deles até o dia de hoje, e tornaram-se escravos, sujeitos ao trabalho forçado.

Manassés também falhou (17.12,13):

Contudo os filhos de Manassés não puderam expulsar os habitantes daquelas cidades, porque os cananeus persistiram em habitar naquela terra. Mas quando os israelitas se tornaram fortes, sujeitaram os cananeus a trabalhos forçados, mas não os expulsaram de todo.

A lista continua em Juízes, sequência do livro de Josué, a respeito de Benjamim e das outras tribos (1.21,27--36). O que aconteceu? Eles optaram por, em vez de destruir os cananeus como Deus havia mandado, subjugá-los ou usá-los como escravos. A causa para isso talvez tenha sido o cansaço da guerra (afinal, foram oito anos de campanha militar); talvez a satisfação com a terra que já haviam dominado; talvez o tamanho do trabalho que tinham pela frente para reconstruir a terra; ou talvez porque se sentiam seguros e fortes o suficiente para não precisar dominar esses povos isolados.

O resultado da falta de disposição que tiveram para terminar a conquista viria décadas depois. Essa displicência, procrastinação e desobediência do povo de Israel em não ir até o fim e completar o que Deus havia mandado trarima consequências em médio e longo prazos. A Escritura diz, em Juízes,

que os cananeus voltaram a se fortalecer enquanto os israelitas procrastinavam, e tornaram a representar um poder na região. O livro de Juízes é justamente o relato de como muitos desses povos derrotados cresceram e tomaram de volta a terra, até mesmo escravizando Israel! Tudo isso aconteceu porque Israel não completou a obra de Deus.

Israel fez aliança com os povos, os tomou como escravos e tomou suas mulheres como esposas. Não demorou muito para que os israelitas começassem a abandonar a Deus e adorar os deuses das mulheres cananeias. Depois que Josué morreu, acabou-se a adoração verdadeira a Deus na nação de Israel. Veja o que diz Juízes 2.6-13:

Depois que Josué despediu o povo, os israelitas saíram para ocupar a terra, cada um para sua herança. O povo cultuou o SENHOR durante toda a vida de Josué e dos anciãos que sobreviveram a ele e que haviam visto os grandes feitos que o SENHOR havia realizado em favor de Israel. Então Josué, filho de Num, servo do SENHOR, morreu com a idade de cento e dez anos, e o sepultaram no território da sua herança, em Timnate-Heres, na região montanhosa de Efraim, ao norte do monte Gaás. Depois que toda aquela geração foi reunida a seus pais, surgiu outra geração que não conhecia o SENHOR, nem o que ele havia feito por Israel. Então os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do SENHOR e cultuaram os baalins. Abandonaram o SENHOR, Deus de seus pais, que os havia tirado da terra do Egito, seguiram os deuses dos povos ao redor e os adoraram. Assim, provocaram a ira do SENHOR, abandonando-o e cultuando Baal e Astarote.

Tudo isso deixa bem claro que os pecados trazem consequências mais adiante. Deixamos de obedecer a Deus e pensamos que está tudo bem, mas lá na frente o nosso pecado nos encontra. O livro de Juízes conta, então, como aquilo que deveria ser a terra de Israel passou a ser terra de ninguém e zona de guerra, e o pior: o povo estava enfraquecido por ter deixado a Deus e começado a adorar outros deuses. Aconteceu o que Moisés havia dito e que está registrado em Êxodo 3: os israelitas se corromperam por ter se aliado aos povos daquela terra.

Muitos acham que a ordem de Deus foi muito cruel, mas um de seus objetivos era levar juízo sobre aquelas nações idólatras. Você pode perguntar: “Mas e as crianças?”. Ora, aqueles povos assassinavam suas crianças por

causa da sua religião (o filho mais velho era sacrificado a Baal). Deus mandou exterminar todas aquelas desgraças e imoralidades daquela terra, e, além do juízo sobre aqueles povos, ele também queria proteger Israel.

O resultado da desobediência foi que os cananeus se fortaleceram e, mais uma vez, o que Moisés havia dito tornou-se realidade: se os israelitas não destruíssem aqueles povos, eles seriam como armadilha para eles, o que lhes traria sofrimento todos os dias de sua vida (Nm 33.55-56; cf. Js 23.13).

Por que essa falha do povo de Israel ficou registrada? O livro de Josué poderia ter terminado tão bem, com vitórias e todos louvando a Deus etc. Lembre-se de que a Bíblia, por ser o livro de Deus, não esconde os defeitos, as falhas e os pecados de seu povo. Ela não apresenta uma visão romântica da humanidade, mas, ao contrário, expõe o pecado e os erros dos maiores heróis de sua história. A Bíblia não é um livro escrito por homens para criar uma religião enganosa.

Se eu fosse criar uma religião, começaria falando de como ela é maravilhosa e de como você pode alcançar tudo através dela. Não é assim que os falsos profetas fazem? É exatamente porque o cristianismo, como revelado nas Escrituras, é de origem divina, que ele não afaga o nosso ego nem traz perspectivas ilusórias acerca de nosso estado. A religião cristã fala com clareza de pecado, rebelião e de deixar de fazer o que é certo. É Deus quem está falando conosco por meio das páginas da Bíblia, e nada disso é fruto da imaginação humana, mas de revelação divina daquele que nos conhece muito bem.

Sem dúvida, a razão primeira para o registro dessa desgraça é mostrar por que, séculos depois, Deus expulsou seu povo da terra, através dos assírios e dos babilônicos. Eles expulsaram os israelitas daquela terra que Josué havia conquistado com tanto esforço. Por que foram expulsos? Porque séculos antes deixaram de fazer a vontade de Deus, e aquilo foi crescendo, crescendo e se fortalecendo, até que chegou o momento em que Deus decidiu tirá-los dali, pois o haviam abandonado e se tornado idólatras. Tudo começou aí, com a relutância e a falta de disposição para obedecer a Deus plenamente.

Lições para hoje

Vejamos a seguir o que isso tem a ver conosco hoje, lembrando que toda a Bíblia é a Palavra de Deus e que os seus registros têm aplicações para nós, o seu povo, em todas as épocas.

O coração humano é profundamente corrupto

Pense bem no pecado da nação de Israel. Estamos falando de um povo que atravessou o rio Jordão a pé enxuto, viu as muralhas ruírem ao toque de trombetas, contemplou Deus fazer grandes pedras caírem sobre os amorreus em uma batalha que parecia perdida, presenciou o Sol e a Lua pararem em resposta à oração de Josué; ou seja, esse povo viu a glória e o poder de Deus de uma forma que nunca veremos neste mundo. Os israelitas viram Deus lhes dar a vitória sobre inimigos maiores e mais poderosos, destruíram povos pagãos e tomaram as suas cidades, porém deixaram de crer em Deus, desobedeceram à sua ordem expressa e o abandonaram em troca dos deuses dos povos que eles haviam derrotado. Sem dúvida, é isso o que mais me impressiona. Como é possível explicar a atitude desses homens? Eles derrotaram povos que acreditavam em outros deuses e, em certo sentido, mostraram que Deus é superior e maior, e depois tomaram aqueles deuses e passaram a adorá-los.

Bem, temos mais privilégios ainda que o povo de Deus daquela época, pois vivemos dois mil anos após a vinda do Messias que eles aguardavam. Nós temos clareza do evangelho e estamos vivendo os últimos dias, aquele ponto privilegiado na história que aguarda a vinda do Senhor Jesus. O Espírito Santo foi derramado, a Bíblia foi completada, temos a presença de Jesus ressurreto entre nós e muito mais. Mas o que fazemos à luz de toda essa graça e misericórdia de Deus? Somos relutantes, omissos e preguiçosos para obedecer a Deus. E o pior: às vezes vamos adorar deuses que Deus já destruiu na nossa vida e que já disse que são vaidade.

Como o nosso coração é corrupto! Deus tem muito trabalho, dia após dia, para nos mostrar e nos convencer da profundidade da depravação e corrupção do nosso coração e de quanto precisamos de Jesus Cristo, do poder do

Espírito Santo e da sua Palavra para nos manter no caminho da obediência.

Deus nos dá ordens, advertências, avisos e orientações por amor

As pessoas reagem negativamente diante das exigências e ordens de Deus, achando que suas leis são muito duras ou severas, mas a questão é que, quando ele coloca uma cerca, seu alvo não é limitar a liberdade. Acontece que, se você pular a cerca, cairá no abismo que existe do outro lado. A cerca é para a sua proteção e porque ele o ama.

Os mandamentos e as exigências divinos, por exemplo, na área do casamento, são considerados muito duros por alguns, especialmente no que diz respeito ao divórcio, pois Deus diz que só pode haver segundo casamento se o primeiro for dissolvido por adultério ou abandono. Alguns dizem: “Poxa, isso é muito duro! Eu quero ser feliz, e tenho esse direito”. Mas as limitações quanto à possibilidade do divórcio existem para proteger a família, os filhos e a igreja de Deus. Quando ele fala de regras para os filhos em relação à obediência aos pais, de regras para os jovens em relação ao sexo antes do casamento ou para todos nós em relação ao uso do dinheiro, não é porque ele quer nos limitar ou nos coibir, mas porque ele conhece a natureza do nosso coração e quer nos proteger e abençoar. As regras de Deus protegem a vida, a sociedade e as relações, e a obediência a elas trará resultados positivos a longo prazo.

Foi por amor que Deus deu leis e ordens para nos proteger e nos preservar de consequências terríveis, e não foi por outro motivo que Deus mandou exterminar aqueles povos. De fato, parece algo muito duro, mas o alvo era proteger o seu povo, por isso ele não permitiu alianças. Da mesma forma, no evangelho, Deus nos dá leis e orientações, porque nos conhece e nos ama. Ele diz, por exemplo: “honra teu pai e tua mãe”. Isso é para o nosso bem, para nos ensinar respeito às autoridades e à família. “Não furtarás”, “não matarás”, “não adulterarás” e “não cobiçarás coisa nenhuma do teu próximo” também são para o nosso bem. Esses mandamentos nos ensinam a proteger a propriedade, a vida, o casamento e os bens do meu próximo.

Deus havia dito para que os israelitas não fizessem alianças com aqueles povos, mas que os exterminassem. Os israelitas poderiam até argumentar que havia muitas mulheres bonitas entre as cananeias, porque talvez as israelitas

não fossem tão belas, e matar as estrangeiras poderia parecer um “desperdício”, mas havia uma razão muito boa para esse extermínio.

As orientações, os avisos e as advertências que Deus nos dá são para o nosso bem. Pode não parecer a princípio, mas são.

As alianças que Deus proíbe sempre trazem prejuízo moral e espiritual a seus filhos

Fazer acordos e sociedades com povos pagãos foi a derrota de Israel, pois o povo acabou aprendendo a gostar das culturas e religiões estrangeiras. Não estou dizendo que não devemos ter qualquer relação ou associação com incrédulos, e na verdade não é isso que a Bíblia proíbe. Em 1Coríntios 5.9-11, Paulo diz:

Já vos escrevi por carta que não vos associásseis com os imorais. Não me referia aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, ladrões ou idólatras. Nesse caso, seria necessário que saísseis do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for imoral ou ganancioso, idólatra ou caluniador, bêbado ou ladrão. Com esse homem não deveis nem sequer comer.

A Bíblia nos proíbe a associação com pessoas hipócritas, pois as possibilidades de sermos influenciados e corrompidos não são pequenas. Praticamente, em quase todas as associações que a igreja fez com o mundo, ela acabou sendo corrompida. Por isso a Bíblia não recomenda a associação com hipócritas, com falsos mestres (2Co 6.14-18), o jugo desigual etc. Em 1Coríntios 15.33, Paulo diz: “Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes”.

A Palavra de Deus adverte aos cristãos: fujam de qualquer coisa que dê ocasião à tentação ou ao pecado. Foi isso que ele disse ao povo de Israel, e é isso que ele continua a nos dizer hoje. Devemos ter cuidado com as nossas associações, com quem andamos, com quem nos casamos, com quem fazemos negócios, com quem namoramos etc.

Pequenos pecados levam a pecados maiores

Aquela falta do povo de Israel podia parecer algo pequeno à luz do que eles haviam conquistado, pois a campanha nacional podia ser considerada um sucesso. Restavam apenas alguns focos de pequenos povos escondidos, e, na mente dos israelitas, não havia nenhum perigo nisso. O resultado é que esses focos, mais adiante, foram infectando a terra, e dali a pouco geraram um povo numeroso o bastante para se rebelar e trazer a desgraça a Israel.

Pequenos pecados são as derrotas de muitos cristãos hoje. Ficamos de cabelo em pé com grandes pecados como adultério, roubo, desonestidade, violência doméstica à mulher etc., mas a queda de muita gente começa com pequenos pecados que abrem as portas para outros maiores. Uma das táticas de ladrões que pretendem assaltar uma residência é levar um moleque de menor porte físico, porque ele consegue penetrar pelas frestas e abrir a porta para os demais integrantes do bando entrarem. Os pequenos pecados são assim: eles destrancam a porta do seu coração para a entrada de pecados maiores, exatamente como aconteceu com a nação de Israel. Pequenos pecados trazem consequências no longo prazo e destroem pela multiplicação, porque eles são menores e os cometemos com mais frequência.

Quando Sansão quis destruir a seara dos filisteus, ele pegou trezentas raposas, amarrou-as aos pares, colocou um tição de fogo na cauda de cada dupla e as soltou na plantação. Uma só raposa não faria mal nenhum, mas trezentas, com fogo na cauda, tocaram o maior incêndio na seara filisteia. Da mesma forma, o problema do pequeno pecado é que ele nunca vem sozinho, mas em bando, e, enquanto você pensa que Deus não está ligando, o mal se multiplica e destrói tudo o que foi semeado.

Conclusão e aplicações

Primeiramente, uma palavra aos que estão demorando em obedecer a Deus. Sei como é procrastinar e ser negligente. Você já sabe qual é a vontade de Deus, mas deixa o tempo passar, e quanto mais demora, mais a dificuldade vai crescendo, os laços vão apertando e as raízes vão se aprofundando. Arrancar a árvore, que agora ainda é um arbusto, será muito mais difícil depois.

Se você já sabe o que deve fazer, não seja indolente. Não deixe o tempo passar e faça o que deve enquanto pode e enquanto Deus lhe dá oportunidade. Do contrário, mais adiante, acontecerá o que adveio aos israelitas na passagem que acabamos de estudar.

A próxima palavra é para aqueles que estão correndo para a tentação em vez de fugir dela. Isso acontece mesmo, e quem procede dessa maneira não conhece muito bem o próprio coração, porque acha que pode resistir a determinadas coisas. Há certos ambientes que você não pode visitar, certas atitudes que não pode tomar, certas conversas que não pode ter e certas amizades que não pode manter. Na verdade, você deveria fugir de todo pecado e de tudo que leva a ele. Faça o que Deus mandou o povo de Israel fazer: fuja da tentação! O espírito está pronto, mas a carne é mais fraca do que você imagina.

Muita gente que faz bobagem não o faz porque planejou ou porque estava com vontade, mas, sim, porque se descuidou e, de repente, entrou em um ambiente ou conheceu alguém e rapidamente “a coisa rolou”, e o pecado tornou-se concreto. Não havia intenção, mas houve tolice e imprudência. Então, em vez de correr para a tentação, fuja dela antes que ela o alcance.

Por fim, falo a todos nós, cristãos: vamos obedecer ao nosso Deus com zelo e não façamos a sua vontade pela metade. Recorramos somente ao nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, porque ele é o nosso intercessor à direita do Pai, que intercede por nós e em quem temos perdão para levantar e recomeçar. Em alguns anos, Deus tirou seu povo da Terra Prometida, e, no cativeiro, Israel se arrependeu e clamou por perdã. O Senhor perdoou e levou a nação de volta à terra que era dela. Da mesma forma, o nosso Deus pode nos levantar, nos perdoar e nos ensinar a fazer a sua vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final desta obra, valer rever os pontos principais nela abordados e que conclusão se pode tirar deles acerca de Deus e de nós mesmos.

A principal conclusão a que chegamos comprova a verdade conhecida de que Deus é o soberano Senhor do universo. Como tal, ele dispõe do mundo e do homem conforme a sua sábia, santa e perfeita vontade. A única razão de Deus fazer qualquer coisa é que ele desejou e assim lhe aprouve. Deus não precisa de nenhuma outra razão para fazer o que quer que seja, pelo simples fato de que ele é o Criador e o Senhor absoluto de todas as coisas.

Vimos também com bastante clareza a unidade existente entre o Antigo e o Novo Testamentos. Ambos são a palavra de Deus para nós. Aprendemos que a igreja é a legítima continuação espiritual do povo de Israel. Ela é o povo de Deus hoje, da mesma forma que Israel era o povo de Deus antes de Cristo. Portanto, há uma unidade em toda a Bíblia, e as Escrituras de Israel são nossas também. O que aconteceu a eles naquela época serve hoje de orientação e instrução para nós. Em outras palavras, o livro de Josué ainda nos fala.

Outra lição que extraímos dessa seção da Escritura diz respeito à importância do preparo espiritual do povo de Deus para que experimente suas promessas. É o que vemos quando Josué circuncida o povo e celebra a Páscoa antes de começarem as guerras que consolidariam a conquista da Terra Prometida. Tenho certeza de que muitos fracassam na vida cristã apenas porque não se preparam da maneira adequada. Quando a crise vem, pega-os completamente desprevenidos. O livro de Josué ensina que Deus requer que nos preparemos para herdar o que ele nos oferece.

Dele também aprendemos que não há limites ao poder de Deus para alcançar e transformar mesmo as pessoas que parecem não ter esperança nenhuma. A história da prostituta Raabe mostra que Deus estendeu sua misericórdia a uma mulher pagã que não fazia parte do povo de Israel. O registro de Josué nos fala da misericórdia de Deus em alcançar pessoas que muitos consideram impossíveis de ser alcançadas. Não há limite para o amor,

a graça e a misericórdia do Senhor em salvar pecadores.

O relato da travessia do rio Jordão, um dos episódios mais conhecidos do livro, faz-nos ver que o povo de Deus sempre encontrará dificuldades e obstáculos em seu caminho para a terra prometida, mas, apesar disso, o Senhor haverá de vencê-los por nós. Josué preparou o povo para aquele momento, e com isso nos ensinou que devemos estar igualmente prontos para enfrentar os “Jordões” desta vida. Devemos ter em mente que nossa prontidão está em Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor, não importa qual seja a circunstância.

O episódio das doze pedras colocadas no leito do rio Jordão mostra que Deus sempre tomou providências para que seus grandes feitos não ficassem esquecidos. As Escrituras são o registro dos atos salvadores de Deus na história. Em suas páginas, podemos encontrar as poderosas intervenções do Senhor em prol de seus eleitos, e por meio delas nos lembrar para sempre de quem ele é e como se relaciona com os seus.

A conquista de Jericó, além de ser um memorial do poder de Deus, serve de demonstração do que vem a ser a verdadeira fé. Em Hebreus 11.30, lemos: “Pela fé, os muros de Jericó caíram...”, como exemplo do que significa a fé salvadora. Com esse episódio, aprendemos que a salvação vem de Deus, e ele requer de nós que creiamos nele, mesmo que a redenção pareça impossível. Além disso, vemos Josué como uma figura ou tipo de Cristo, levando seu povo à conquista das promessas e derrotando os inimigos de Deus.

O pecado de Acã e a derrota de Israel em Ai nos ensinam que o grande problema do ser humano não é apenas o pecado, mas o pecado oculto e não tratado. Enquanto Deus esteve ao lado de Israel, inimigos maiores e militarmente mais poderosos foram completamente derrotados. Contudo, quando Deus deixou de estar com Israel, a nação foi incapaz de vencer mesmo uma cidade pequena como Ai. O que afastou Deus de seu povo foi o pecado oculto de Acã. Da mesma forma, no que diz respeito a nós hoje, os pecados não tratados afastam o Senhor de nós. O livro de Josué ensina a importância do arrependimento e da confissão dos pecados ao nosso Deus bondoso e perdoador.

A leitura de Josué também nos leva a ver que sempre devemos consultar a Deus diante das decisões que a vida nos impõe. A falha em buscar ao Senhor acarreta desastres oriundos de escolhas erradas, das quais nos arrependemos depois. Tudo isso é ensinado na passagem que narra a conquista da cidade de Gibeão. O texto mostra que Israel, por não consultar a Deus, fez aliança

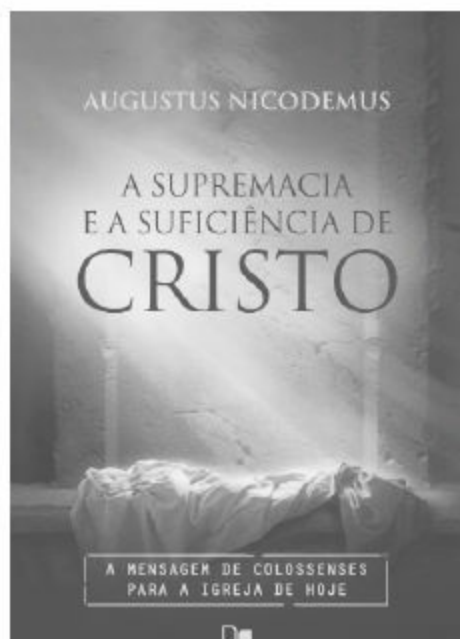
indevida com os heveus. No final, esse povo se tornou escravo da nação israelita para sempre, e aquilo que havia sido um erro Deus acabou transformando em bênção. Contudo, nada disso aconteceu sem que antes Israel padecesse por seu erro.

A travessia do rio Jordão, a queda das muralhas de Jericó e a parada do Sol no meio do céu mostram o poder de Deus sobre a natureza e também apontam para uma característica dos milagres experimentados por Israel naquela ocasião: ocorreram apenas em poucas situações durante a conquista da terra e tinham como alvo mostrar que Deus era o autor da vitória, aquele que realmente havia conquistado a terra. Esses milagres ficaram registrados para que tenhamos confiança no Senhor diante das dificuldades e esperança mediante suas promessas. Embora não esperemos que hoje Deus realize milagres do mesmo tipo (abrir um rio, derrubar as muralhas de uma cidade e parar o Sol), sabemos que podemos confiar em sua providência e em seu cuidado para conosco.

Nenhuma conclusão a que a leitura de Josué nos faça chegar, porém, é tão grandiosa como aquela que remete ao nosso Senhor Jesus Cristo. O livro mapeia nossa peregrinação espiritual neste mundo. Marchamos para a terra prometida. Somos liderados por Jesus, que subjuga os nossos inimigos e nos conduz em triunfo até a posse que Deus nos prometeu. Aqui, enfrentamos inimigos poderosos e cruéis. Contudo, em Cristo Jesus, somos mais que vencedores e haveremos de chegar finalmente à plena posse da Canaã celestial.

CONHEÇA OUTRAS
OBRAS DE

AUGUSTUS
NICODEMUS



Em nossos dias, assim como na época de Paulo, a supremacia e a suficiência de Cristo têm sido desafiadas pelos mais variados tipos de heresia. Paulo escreveu a Carta aos Colossenses em meados do primeiro século para combater um falso ensinamento, conhecido como a heresia de Colossos. No entanto, o leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar nos dias de hoje várias semelhanças com essa heresia.

Precisamente por esse motivo, a carta que Paulo escreveu aos colossenses é tão relevante para o nosso tempo, pois aborda os seguintes aspectos:

Fala da pessoa de Cristo e de sua obra mais do que qualquer outra do Novo Testamento.

Ensina de que maneira podemos viver a vida cristã no mundo real e diante dos desafios cotidianos, demonstrando os efeitos práticos da união do cristão com Jesus.

Combate quatro tendências da época de Paulo que ainda hoje assolam a igreja e fazem parte de muitas teologias defendidas em nossos dias: o gnosticismo, o legalismo, o misticismo e o ascetismo.

A resposta de Paulo à heresia de Colossos foram a supremacia e a suficiência da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Augustus Nicodemus acredita que esta é a mensagem que precisa ser pregada urgentemente nos púlpitos brasileiros: Cristo, o Senhor.



Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

Essa obra tratará desses princípios apresentados por Malaquias a um povo que havia perdido a visão do culto verdadeiro. Entre eles estão:

- A centralidade de Deus no culto;
- As razões corretas para cultuá-lo;
- A relação entre o culto e a nossa vida diária;
- A necessidade de adorarmos a Deus de acordo com o que ele nos revelou, e não de acordo com nossa criatividade.

É por essa razão que Malaquias é bastante atual e relevante. E, por isso, um livro que estude sua mensagem é igualmente atual e relevante para a igreja de hoje.



Este comentário da Carta aos Gálatas é o resultado de exposições bíblicas voltadas para o público brasileiro contemporâneo, o qual, em muitos sentidos, se parece bastante com os destinatários da carta de Paulo.

Paulo combateu em sua carta a mensagem de missionários judeus que se diziam cristãos e ensinavam que a salvação não se dava somente pela fé em Cristo Jesus, mas também pela obediência à Lei de Moisés.

Hoje enfrentamos mensagem semelhante, defendida

e disseminada pelos chamados judeus messiânicos e por pseudoapóstolos, os quais reintroduzem as cerimônias judaicas no culto cristão e obrigam os crentes em Cristo a se sujeitar à mesma Lei a que o Senhor deu pleno cumprimento na sua morte e ressurreição.

Nossa oração é que *Livres em Cristo: a mensagem de Gálatas para a igreja de hoje* seja útil aos crentes brasileiros que desejam permanecer firmes na graça de Deus e na obra completa e suficiente de Jesus Cristo para nossa salvação.

AUGUSTUS NICODEMUS

O CULTO SEGUNDO DEUS

A MENSAGEM DE MALAQUIAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

O culto segundo Deus

Nicodemus, Augustus

9788527505222

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

[Compre agora e leia](#)

Donald A. Carson

Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática?

Unidade e diversidade
no Novo Testamento


VIDA NOVA

Teologia bíblica ou Teologia sistemática?

Carson, Donald

9788527507929

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática? unidade e diversidade do Novo Testamento A teologia bíblica tenta construir uma teologia a partir das Escrituras, de modo indutivo. Essa tentativa saudável tem produzido uma desconfiança mordaz da teologia sistemática. Como lidar com o problema? Ninguém melhor do que o dr. Donald Carson para tratar do assunto. D. A. Carson, professor pesquisador de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. É autor de A manifestação do Espírito, Cristo e cultura, A verdade, Os perigos da interpretação bíblica e Jesus, o Filho de Deus, organizador do Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e As Escrituras dão testemunho de mim e coautor de Introdução ao Novo Testamento e Dicionário bíblico Vida Nova, publicados por Vida Nova. Carson é um dos fundadores da The Gospel Coalition [Coligação pelo Evangelho] e professor convidado em ambientes acadêmicos e eclesiais no mundo todo.

[Compre agora e leia](#)

LUTERO COMO CONSELHEIRO ESPIRITUAL

A interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero

DENNIS NGIEN

PREFÁCIO DE TIMOTHY GEORGE


VIDA NOVA

Lutero como conselheiro espiritual

Ngien, Dennis

9788527507660

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lutero era um verdadeiro teólogo, um teólogo da cruz atuante no contexto pastoral. Como conselheiro espiritual, Lutero ensinou, por meio de seus escritos, a meditar corretamente sobre a Paixão de Cristo, a preparar-se para enfrentar o horror da morte, a aconselhar os enfermos, a tratar corretamente do sacramento do altar, a orar da forma correta, a extrair benefícios da Oração do Senhor e a viver uma vida de discipulado sob a cruz. Seus escritos têm formato e propósito devocional e catequético, mas estão repletos de substância teológica, fruto de rigorosas reflexões. Refletem a vocação fundamental de Lutero como pastor-teólogo e são exemplos concretos da interface entre teologia e piedade.

[Compre agora e leia](#)

TIMOTHY KELLER

MINISTÉRIOS DE

MISERICÓRDIA

O CHAMADO
PARA A ESTRADA
DE JERICÓ



Ministérios de misericórdia

Keller, Timothy

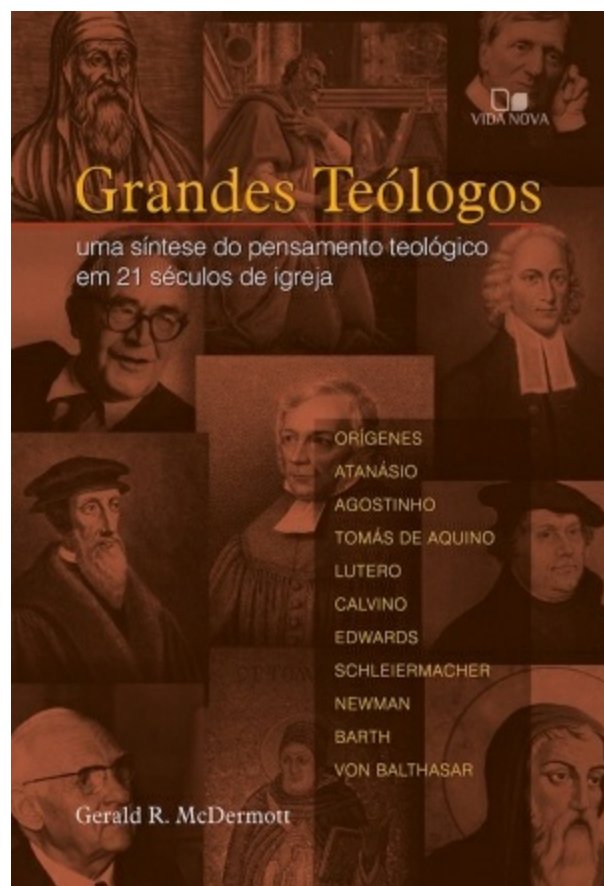
9788527506854

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Por que alguém arriscaria a própria segurança, cancelaria a agenda, gastaria suas economias e ficaria todo sujo de terra e sangue para ajudar uma pessoa de outra raça e classe social? E por que Jesus nos diz: "Vai e faze o mesmo" (Lc 10.37)? O Bom Samaritano não ignorou o homem espancado na estrada de Jericó. Assim como ele, tomamos ciência de pessoas necessitadas à nossa volta: a viúva que mora ao lado, a família afundada em dívidas médicas, o sem-teto que fica do lado de fora da igreja. Deus nos chama a ajudá-los, precisem eles de abrigo, assistência, cuidados médicos ou simplesmente amizade. Tim Keller mostra que cuidar dessas pessoas é tarefa de todo cristão, tarefa tão fundamental ao cristão quanto o evangelismo, o discipulado e a adoração. Mas Keller não para por aí. Ele ensina de que maneira podemos realizar esse ministério vital como indivíduos, famílias e igrejas. Ao final, cada capítulo oferece perguntas para debate e aplicação.

[Compre agora e leia](#)



Grandes teólogos

McDermott, Gerald

9788527507059

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem são os grandes teólogos da igreja? O que havia de especial em seus ensinamentos? O que podemos aprender com eles hoje? Neste livro o autor não apenas nos instrui sobre onze teólogos de grande importância, mas também nos ajuda a identificar aquilo que continua válido para os nossos dias. Com perguntas para reflexão e debate no final de cada capítulo, *Grandes teólogos* é perfeito para o estudo individual ou em grupos pequenos. À medida que se der o estudo, os membros do grupo podem explorar a história teológica que um partilha com o outro e também descobrir as razões por que cada um crê no que crê. Aqui está a oportunidade de pensar sobre Deus juntamente com "os grandes".

[Compre agora e leia](#)